

CONCURSO

DL

**Termina
AMANHÃ
a recepção
de colecções**

Envie-nos hoje mesmo a colecção de cupões (se não o fez ainda) que o habilitará aos valiosos prémios do «Concurso DL», pois, segundo o Regulamento aprovado pelo Governo Civil de Lisboa, «só serão admitidas ao sorteio as colecções enviadas até ao dia 14 de Agosto de 1979; em caso de dúvida servirá como prova a data do carimbo do correio; os envelopes ficarão agrafados as colecções e deverão conter marca comprovativa do seu envio através dos CTT».

**Veja instruções
na pág. 2**

Pintasilgo presta provas no Parlamento

Lurdes Pintasilgo faz hoje a sua primeira intervenção na Assembleia da República para defender o Programa do seu Governo. A hora a que esta edição começa a circular o Primeiro-Ministro deve estar já a discursar no hemiciclo Parlamentar.

A partida, Lurdes Pintasilgo conta com a oposição das bancadas da direita esperando-se que o PSD e o CDS apresentem moções de rejeição. Embora até ao fim da manhã não houvesse qualquer declaração formal quer dos sociais-democratas, quer dos centristas de que concretizariam a apresentação das moções, os discursos políticos dos seus dirigentes, apontam nesse sentido.

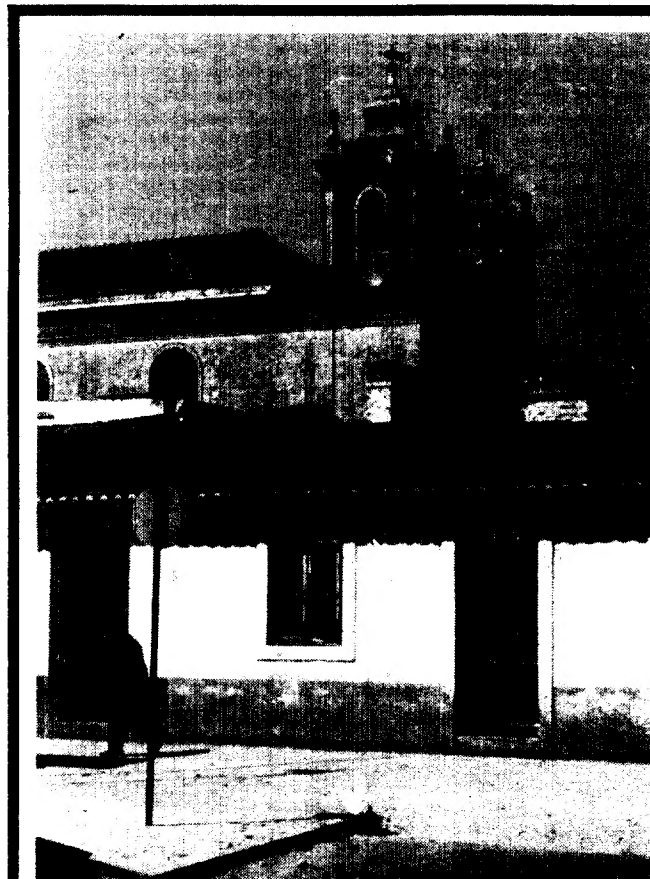
No entanto, e ao contrário do que foi anunciado em al-

guns órgãos de informação, os votos conjuntos da direita parlamentar são insuficientes para fazer cair o V Governo já que não recolhem a maioria exigida nos termos constitucionais. Mesmo com uma abstenção do PS — facto que não é de excluir apesar de declarações públicas de dirigentes socialistas, designadamente de Mário Soares, terem inflectido ultimamente para uma maior simpatia por este executivo.

Para decidir a sua posição face ao Programa do V Governo o grupo parlamentar do PSD está reunido desde as 14.30 horas e a Comissão Política e o Grupo Parlamentar do CDS reúnem esta noite. Idênticas reuniões estão a decorrer ao nível dos restantes partidos parlamentares.

A eventualidade do PSD e (ou) do CDS não assistirem aos debates, como atitude de protesto, pelo que consideram ser um executivo demasiado conotado à esquerda, parece excluída, embora um dirigente social-democrata evitasse esta manhã negar formalmente tal possibilidade.

Após a intervenção de Lurdes Pintasilgo e da divulgação do Programa do Governo a todos os grupos parlamentares e à imprensa haverá um intervalo na sessão durante o qual se realizará uma reunião com os partidos em que serão ultimados os tempos de intervenção. Após o recomeço da sessão haverá o normal período destinado a pedidos de esclarecimento e às respostas do Governo. Os debates só recomeçarão sexta-feira.



ALPIARÇA

**Hoje em suplemento
de 12 páginas no "DL"**

Uff!! que calor... e tantos mortos (mas também houve festas, feiras e arraiais)

Uma onda de calor com origem em África «empurrou» durante, o fim-de-semana, uma grande parte dos portugueses, para tudo o que fosse água ou apenas sombra de árvores e refrescante de ocasião. No que respeita a Lisboa, quase se verificou um máximo no conjunto das capitais europeias: os termómetros subiram aos 34 graus.

Por todo o País a situação foi idêntica, com destaque para os 38 graus registados em Beja, logo seguidos de 36 que «queimaram» as populações de Vila Real, Portalegre e Évora. Fresquinho, fresquinho foi no Cabo Carvoeiro,

onde o mercúrio não passou dos 21...

As previsões, no entanto, indicam que hoje, em Lisboa, não deverão ser ultrapassados os 32 graus, ao mesmo tempo que os meteorologistas admitem que a partir de amanhã o tempo «levará uma volta». Atestando esses cálculos, as temperaturas verificadas hoje às 9 horas já eram substancialmente mais baixas do que as verificadas à mesma hora de ontem.

Mas, enquanto não volta o tempo mais ameno, a Volta a Portugal prossegue hoje com

Continua na pág. 20

FACE À ESCALADA GREVISTA DA ORDEM

António Arnaut defende "requisição civil" dos médicos

Enquanto o Governo, conforme apurámos esta manhã junto do Ministério dos Assuntos Sociais, não tem programado debruçar-se sobre o projecto do Estatuto dos Médicos antes de estar concluído o debate do Programa na Assembleia da República, a Ordem na sua escalada grevista «total e em todos os locais oficiais de saúde», por «tempo indeterminado» até à promulgação do polémico diploma por Ramalho Eanes, está a criar uma grave situação no campo da assistência no Norte e Sul do País, fazendo depender o alastramento da paralisação à região Centro de uma reunião a efectuar, em Coimbra, na próxima segunda-feira.

Recorde-se que o Estatuto da Ordem, redigido à revelia da estrutura sindical da classe, foi do-
luto ao V Governo, no âmbito

de uma estratégia que Ramalho Eanes afirma ser normal em casos de substituição de executivos. O diploma, aprovado pelo Governo Mota Pinto nos seus últimos dias de vida apesar de ferido de flagrante inconstitucionalidade, já deu origem a dois comunicados condenatórios da Presidência da República.

Ontem em Albufeira, António Arnaut, que se deslocou àquela praia algarvia para dirigir um colóquio do Serviço Nacional de Saúde, de cujo projecto, já aprovado pelo Parlamento, foi autor, considerou a eventualidade da «requisição civil dos médicos como um meio legal que o Governo deverá utilizar». «Ou a Ordem dos Médicos e a classe nela representada assume as suas responsabilidades cívicas e morais, respondendo ao apelo do Presidente da República, ou o

V Governo terá de encarar tal eventualidade».

Arnaut classificaria ainda a actual greve da Ordem como «um meio de pressão política exercida à revelia do povo português, contra o Governo e o Presidente da República».

Entretanto, a direcção do Sindicato dos Telefonistas de Lisboa recorda, em comunicado hoje divulgado, a posição assumida pelos dirigentes da Ordem, e em especial pelo respectivo presidente, Gentil Martins, quando da greve dos trabalhadores dos TLP, em Fevereiro último.

Nessa altura, os dirigentes da Ordem — segundo recordam agora os telefonistas — afirmaram que a greve dos TLP constituía «manifesto perigo para a

Continua na pág. 20



Chagas — rei da serra tem a Volta na mão

Vencendo isolado nas Penhas da Saúde a «etapa-rainha» da Volta a Portugal, Marco Chagas é agora um «líder» descansado, que tem a vitória na Volta na mão, já que esta só lhe poderá fugir em consequência de qualquer azar. Ontem, a caminho de Elvas, com o calor a apertar e o sol a pino, Marco até se deu ao luxo de vir junto do seu carro de apoio e de andar com um boné nada usual num ciclista.

(Págs. 16 e 17)



FAGOR
FRIGORÍFICOS • MÁQUINAS DE LAVAR
VIVA MELHOR COM FAGOR

Enviado
especial
Neves
de Sousa
viaja com

AVIS

Rent a Car

Alargado o subsídio de papel

De acordo com um despacho dos ministros das Finanças e da Comunicação Social do Governo Mota Pinto, inserido na folha oficial, a concessão do subsídio de papel será alargado a publicações de «informação noticiosa geral» que se publiquem pelo menos uma vez por mês.

O diploma estabelece que apenas terão direito ao subsídio os jornais que vendam, no mínimo dez mil exemplares, no caso das publicações de expansão nacional, diários ou não, ou mil exemplares, no que respeita aos jornais diários de informação «predominantemente regional».

CONFERÊNCIA MUNDIAL DA RÁDIO

Diálogo norte-sul na agenda para além de aspectos técnicos

A Conferência Administrativa Mundial da Rádio (CAMR), a realizar brevemente em Genebra, discutirá, para além da gira técnica, vários assuntos considerados de crucial importância para o diálogo Norte-Sul e para a Nova Ordem Informativa Internacional — afirma-se em círculos próximos das Nações Unidas.

Programada para funcionar durante dez semanas naquela cidade helvética, a partir de 24 de Setembro, a conferência repartirá e fixará as frequências do espectro electromagnético; meio pelo qual todos os serviços de comunicação são transmitidos. Historicamente, pelo simples facto de terem criado primeiro as suas infra-estruturas de comunicações, os países desenvolvidos têm dominado as ondas electro-

magnéticas. A política do «quem chega primeiro, serve-se primeiro», adoptada pela União Internacional de Telecomunicações (UIT), que regula os aspectos técnicos das comunicações internacionais, reforça esse domínio, pois os países industrializados avançados sempre gozaram do uso das frequências mais seguras tecnicamente, e também mais baratas.

Ao contrário do que se passa com o problema da circulação equilibrada da informação através da imprensa, poucas divergências ideológicas surgiram, neste caso, entre os Estados Unidos e a União Soviética. As duas superpotências controlam, pelo menos, 25 por cento do espectro electromagnético, mas especialistas sugerem que este cálculo é demasiado modesto. Os dois países têm, claramente, uma influência política, económica e cultural no «status quo» das comunicações actuais.

Os países em vias de desen-

volvimento adquiriram, recentemente, consciência do controlo exercido sobre as ondas electromagnéticas e, por isso, o tema da prioridade legítima no uso dos recursos das comunicações será debatido a fundo na conferência, prevenindo-se que haja decisões que alterem o panorama actual. NA UIT não existem princípios claros sobre a distribuição de recursos. O estabelecimento de um esquema de utilização das frequências foi feito antes da primeira Grande Guerra, quando tal era fácil, pois as comunicações destinavam-se, quase exclusivamente, à navegação.

Só em 1927 a Conferência de Radiotelegrafia de Washington redigiu uma convenção abrangendo os serviços ao público, pois, entretanto, as interferências das comunicações tinham-se tornado um problema. Foi então dividido o espectro electromagnético de modo a proteger os diferentes países contra as interferências.

IMPULSIONADA POR RAMALHO EANES

RTP dos Açores faz 4 anos

PONTA DELGADA. Cobre 60 por cento do arquipélago e abrange cerca de 70 por cento da população o Centro Regional da RTP nos Açores, que hoje comemora o seu 4.º aniversário. Inaugurado em 10 de Agosto de 1975, quando Ramalho Eanes era presidente da Comissão Administrativa da RTP, o Centro Regional dos Açores começou por funcionar na Estação Agrária de S. Miguel, onde se manteve até Dezembro de 1976, data em que passou a dispor de instalações próprias.

Iniciou as suas transmissões com a repetição dos programas exibidos no continente, apresentando agora 20 por cento da sua produção propriamente açoriana, que muitas vezes passa depois no Lumiar.

Na primeira emissão, em 10 de Agosto de há quatro anos, a estação transmitiu uma mensagem

de saudação do general Altino de Magalhães, na altura presidente da Junta Regional dos Açores, uma comédia norte-americana, um documentário sobre a ilha do Pico, uma mesa-redonda sobre o futuro da TV no arquipélago (moderada por Fialho Gouveia), um telejornal (ainda sem imagens) e um espectáculo de variedades.

Presentemente, as emissões diárias atingem 16 horas (mais que no continente), incluindo a Teleescola e o Ensino Propedéutico. Elaborados por nove jornalistas, são também transmitidos dois telejornais com informação nacional, regional e internacional. O capitão Costa Parente é o delegado da Comissão Administrativa da RTP dos Açores, à frente daqueles jornalistas e de 86 trabalhadores distribuídos permanentemente por S. Miguel, Terceira e Faial.

"Time" lida por chineses

Os chineses vão ler pela primeira vez desde 1949 (ano que, antes desta disposição, apenas as publicações jornalísticas editadas pelo menos uma vez por semana tinham direito àquele subsídio).

O despacho estabelece que somente terão dize desde 1949 (ano da Revolução e da sua libertação) a revista norte-americana «Time». O evento ocorrerá já esta segunda-feira.

Mil e quinhentos exemplares serão distribuídos pelas lojas de

«moeda forte» (as mais cotadas, isto é, de maior movimento) de Pequim, Xangai e Cantão.

De acordo com John Myer, o editor da «Time», o regresso à República Popular da China é «uma empresa apaixonante».

Esta é a primeira revista norte-americana na China, após o restabelecimento de relações diplomáticas entre Washington e Pequim.

Jornalistas

franceses

protestam

O Sindicato dos Jornalistas Franceses (SJF) publicou ontem em Paris um comunicado chamando a atenção para o aumento de prisões de jornalistas e de atentados à liberdade de imprensa que se regista em todo o mundo. O SJF indica que enviou mensagens às autoridades de vários países para pedir a libertação de jornalistas detidos.

Os jornalistas franceses protestam ainda devido às restrições e impedimentos que alguns governos exercem sobre os correspondentes estrangeiros.

LISBOA, VERBO RIR



Missa e corridinho

A Igreja portuguesa vai introduzir na liturgia prática de Beja e Évora o canto alentejano. Belíssimo, em particular para entoar a aleluia.

Oxalá esta medida se tome no sentido de encaminhar cada vez mais o espírito religioso em Portugal para o Vaticano II. A Igreja tem de ser cada vez mais do seu tempo, tem de fazer passar o Evangelho às aventuras e ao pã de cada dia. Pois se lhe faltar o sangue vermelho e quente da vida, o Evangelho morre.

A situação da Igreja em Portugal não é brilhante. A sua influência diminuiu mesmo em regiões tradicionalmente fortes como, por exemplo, o Algarve. Aqui sabe-se que apenas 14% da população adulta frequenta ao domingo a missa.

E natural que portanto também no Algarve a Igreja venha a tomar decisões importantes no que respeita ao canto livre litúrgico. Não virá certamente longe o tempo em que a elevação da hostia seja acompanhada do som do corridinho, e o oremos com o corpe a entoar alegremente o «Tia Anica».

Ainda no espírito da verticalização, a liturgia será acompanhada, no Minho, ao som do Vira, género

Meninas vamos à missa
ai, que a missa é coisa boa

Igualmente nas Beiras, quando chegar a hora do credo na boca, o povo cristão há-de entoar com toda a alma:

Ai malhão, malhão,
que vida é a tua...

Porque não há dúvida nenhuma que, para sobreviver, tudo tem de ser do seu tempo. A Igreja sabe isso melhor que ninguém, pois ao longo destes dois mil anos é muito grande a sua experiência de adaptações.

Aqui há anos, por exemplo, nos tempos do cardeal Cerejeira, seria considerada uma heresia a ideia de introduzir o tado na Igreja. E no entanto, estamos mais próximos que nunca dessa realidade. Veremos em breve o sacerdote acompanhado à guitarra e à viola por António Chaiinho e José Maria Nóbrega nas missas vulgares, ou pelo conjunto do prof. Martinho da Assunção, em situações de maior cerimonial, na Sé de Lisboa. Deste modo, prevê-se maior afluência de crentes para escutar a mensagem de luta e de esperança de Jesus Cristo, o filho do carpinteiro.

Ou seja: a Igreja tem de compreender que passaram definitivamente os tempos do Cerejeira e do Nogueira. Agora, se quiser permanecer, tem de usar outra música: a música do povo.

Mário Castrim

Jornalista libertado na Argentina

Um tribunal de Santa Fé ordenou a libertação imediata do jornalista argentino Riobo Caputo, director do quotidiano «El Litoral».

Riobo Caputo tinha sido detido no início deste mês com outro jornalista por ter publicado uma notícia de uma agência noticiosa internacio-

nal sobre a presença na Nicarágua do guerrilheiro argentino de extrema esquerda, Mário Firmenich.

A publicação desta informação, segundo um juiz de Santa Fé, violou a lei sobre a segurança do Estado argentino.

"A Nação" despede-se até Outubro

O vespertino de Lisboa «A Nação» vai suspender temporariamente a sua publicação a partir da próxima sexta-feira.

O jornal, dirigido pelo jornalista Carlos Pingo, deverá contudo reaparecer no dia 1 de Outubro.

A interrupção deve-se, afirmaram responsáveis do vespertino, a «um conjunto de problemas de ordem técnica que têm dificultado a publicação e divulgação em termos de desejável e normal funcionamento».

CONCURSO

NAO DEIXE PARA O FIM

Envie hoje mesmo a sua colecção

Terminada que foi a repetição dos cupões da 1.ª série, feita com o objectivo de habilitar ao sorteio os nossos leitores, a quem faltava algum cupão, basta agora enviar as colecções de cupões e o boletim de identificação para o «Diário de Lisboa». Leia, por favor, as indicações seguintes e envie hoje mesmo a sua colecção!

- PARA SE HABILITAR AO SORTEIO o leitor deverá juntar 30 cupões numerados de 1 a 30 (de qualquer das 2 séries) recortados pelo tracejado e tendo anexo um boletim de identificação;
- O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver) bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquiriu o seu jornal;
- O TALÃO RECIBO deverá ser igualmente preenchido no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, para o que terá de juntar um selo de correio de 5000. Se não o fizer, o leitor não deixa por isso de se habilitar ao sorteio: acontece apenas que não terá em seu poder a informação do número que lhe coube para o sorteio;
- QUANTO AO ENVIO o leitor pode enviar quantas colecções quiser, mas sempre só uma em cada envelope.

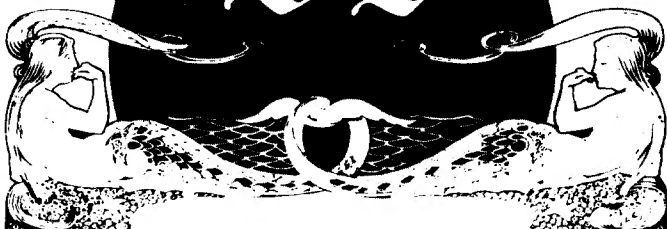
e cada uma acompanhada de um boletim de identificação devidamente preenchido e de um selo de 5000 no caso de desejar a devolução do talão recibo;

- O PRAZO DE ENVIO termina em 14 de Agosto de 1979 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para
- DIÁRIO DE LISBOA - CONCURSO
RUA LUZ SORIANO 44
1200 LISBOA
- O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções;
- O APURAMENTO DAS COLECÇÕES será feito entre 14 e 31 de Agosto de 1979, sendo esta última a data prevista para o sorteio.

O concorrente deverá indicar o nome completo tal como figura no seu bilhete de identidade

Não se esqueça de indicar o nome e endereço do vendedor ou do estabelecimento onde adquiriu o «Diário de Lisboa»

NAS SUAS FÉRIAS PODE COMPRAR O



ALGARVE

- SAGRES Cervejaria dos Pescadores Pinheiro Bar
- LAGOS Quiosque José L. Glória Tab. Rosi Tab. Natal
- P. DA ROCHA Tab.ª Avis
- PORTIMÃO Casa Inglesa Quiosque Kalunga Portimonense Sport Club
- ALVOR Casino do Alvor
- ALBUFEIRA António Santos Labisa Quiosque Jardim
- ALCANTARILHA Café Alcantarilha
- ARMAÇÃO DE PERA Tab. Hélder
- QUARTEIRA Tab. «O Astro» José Vieira Martins
- FARO Quiosque Farense Quiosque Chave do Estádio João M. Coelho Viegas Tab. Farracha
- OLHÃO Quiosque Avenida Tab. Moderna Quiosque Valério Carminda S. Valério
- TAVIRA Benedito Dias (R. Al. Cândido dos Reis, 4) José Maria Santos (R. Alexandre Herculano, 1)
- CABANAS Tab.ª Central
- MONTE GORDO Beiral das Andorinhas Casino de Monte Gordo Barb. José Araújo Rodrigues
- MANTA ROTA «A Proa»

Os leitores que o desejarem, poderão fazer uma assinatura especial de férias para o período de 2 semanas (120\$00), 3 semanas (180\$00) ou 4 semanas (240\$00). Para o efeito basta remeter um cheque ou vale do correio e indicação bem legível do nome e morada de férias, bem como do dia do início do envio dos jornais.

Remete para «Diário de Lisboa» - Assinaturas
R. Castilho, 185-1
1200 LISBOA

Industriais gráficos responsabilizam empresas de celulose pelo aumento do papel

A Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas e Transformadoras do Papel, que conta com cerca de 1100 associados, responsabiliza inteiramente a Portucel (empresa pública de pasta de papel) pelos abruptos aumentos verificados no sector nos últimos seis meses. Responsabilidade esta distribuída também pelo Ministério da Indústria e Tecnologia, uma vez que tem aceite «os desígnios daquela empresa pública».

A fundamentar as suas acusações a Associação revela que desde Janeiro de 1979 os papéis e cartolinas de fabricação nacional já sofreram por três vezes agravamento de preços: em Março, cerca de 13 a 14 por cento; em Maio, novo agravamento da ordem dos 15 a 20 por cento; e em Julho, aumentos entre os 10 e 15 por cento.

As consequências últimas desta política de preços serão necessariamente ainda agravamentos maiores no custo dos livros, das embalagens, dos folhetos, dos rótulos e etiquetas, enfim, de todos os trabalhos gráficos e de todos os transformados de papel, quer dirigidos ao consumo interno quer dirigidos à exportação.

Entretanto, a Associação das Indústrias Gráficas enviou uma carta ao novo ministro da indústria e Tecnologia, dia 3 de Agosto (dois dias depois da tomada de posse do V Governo) em que é exposta, com dados concretos, a crise que ameaça as indústrias gráficas e em que se reiteram as denúncias das responsabilidades da Portucel em todo este processo.

No sentido de darem maior peso às suas reivindicações os industriais gráficos que compõem a Associação apresentam-se: em 1978 fizeram mais de 11 milhões de contos de vendas e cerca de 6.6 milhões de contos de valor acrescentado, ao mesmo tempo que mantinham em funcionamento cerca de 30 mil postos de trabalho.

No que respeita aos causadores do agravamento de papel, a Associação aponta as três empresas produtoras de celulose no país: a Portucel (empresa pública de celulose e papel de Portugal), a Celbi (Celulose Beira Industrial, SARL) e a Caima (Companhia de Celulose de Caima, SARL). Um oligopólio, como lhe chama a Associação, na carta ao MIT.

A primeira é uma empresa pública; as outras duas são de capitais maioritários estrangeiros e multinacionais. A Portucel dedica cerca de 75 por cento da sua produção de pastas para a exportação e os restantes 25 são vendidos no mercado interno.

Segundo a Associação «a Portucel, como empresa pública dependente do MIT, tem-se recusado a cumprir (com o beneplácito dos sucessivos Governos) a legislação em vigor sobre preços, para a generalidade das empresas de todos os sectores industriais». As suas declarações de preços «têm sido baseadas num pretenso critério de cotações internacionais (os chamados «preços médios CIF - Norte da Europa») em vez de deverem ser fundamentados, como seria normal, nos agravamentos de custos sofridos no mercado interno». «Dogma político», segundo a Associação, «foi posto em prática, para além dos termos da racionalidade, pelo IV Governo Constitucional». Em que consiste este «beneplácito régio»? A Associação responde: «Enquanto os encargos daquela empresa pública são pagos em escudos, as pastas de papel vendidas no mercado português são cotadas em dólares (como se vendidas por uma empresa do Norte da Europa) e depois cambiadas em escudos.»

Os efeitos desta política traduziram-se nos primeiros sete meses de 1979, «em agravamento de preços sem paralelo em quaisquer outras matérias-primas industriais de fabrico nacional, com acréscimos entre 30 e 65 por cento nos principais tipos de pastas».

A Portucel já teria mesmo declarado pretender novos aumentos ainda no decurso do corrente ano, no quarto trimestre.

Assim, apelam os industriais gráficos para o MIT no sentido de desencadear «os mecanismos necessários para impedir o prosseguimento da «política» da Portucel (e das duas empresas multinacionais que com ela se aliam) para evitar que, de futuro, tenhamos que suportar novos agravamentos de preços fora do quadro de uma política global para os vários sectores envolvidos, de acordo com os verdadeiros interesses do nosso país».

A possibilidade de escolher

Há, sobre a condição feminina, um certo número de ideias feitas, e de falsas boas soluções, que convém denunciar, até porque podem constituir um obstáculo ao real progresso da situação das mulheres. Eis três delas:

PRIMEIRA IDEIA FEITA: a da inutilidade do trabalho feminino, ou, mais exactamente, a interrogação sobre a utilidade social do trabalho das mulheres em período de desemprego.

O salário feminino representa 40% do rendimento dos casais em que o marido e a mulher trabalham, e constitui portanto um apoio essencial. Que casal poderia suportar uma brusca diminuição de 30 a 40% do seu poder de compra?

Outro aspecto pouco conhecido: o dinheiro fornecido por esse trabalho, sob a forma de cotizações sociais, aos diferentes regimes de protecção social. Em 1978, as mulheres assalariadas entregaram mais de 20 mil milhões em cotizações sociais, isto é, um quarto das somas entregues pelos assalariados ao URSSAF. Se a percentagem da actividade feminina diminuisse, tornar-se-ia difícil o equilíbrio financeiro do regime geral de segurança social.

Alguém se lembra de perguntar aos homens a razão porque trabalham?

A PROTECÇÃO DEMASIADA TORNA-SE UM «HANDICAP»

SEGUNDA IDEIA FEITA: a de que se podia economizar se os lugares de trabalho ocupados pelas mulheres fossem ocupados por homens desempregados.

Os promotores desta ideia não devem esquecer os dois elementos que se seguem:

— Os casais que o duplo salário do marido e da mulher exclui actualmente de um certo número de ajudas, como por exemplo, o complemento familiar, o auxílio de alojamento, etc., tornar-se-iam imediatamente, se a mulher renunciasse ao seu emprego, beneficiários dessas prestações. A colectividade pagaria portanto esse regresso da mulher ao lar;

— A progressão do imposto profissional cria, como se sabe, um aumento devido ao segundo salário, se se considerar a totalidade do ordenado familiar. Se este segundo salário fosse transferido para um desempregado, trabalhador único na família, a percentagem seria mais fraca e a entrada fiscal seria portanto menor. O que também seria mais

caro para a colectividade.

TERCEIRA IDEIA FEITA: um «salário maternal» destinado a incitar as mulheres a ficar em casa seria um remédio para a baixa natalidade.

Hábilmente apresentada, esta proposta, cujas variantes são numerosas (manutenção do salário durante os dois anos de baixa de educação ou o aumento para vários meses da baixa pós-natal) tornou-se, ao que parece, popular em vários meios.

Pois bem, embora possa não agradar, direi que essa situação é injusta, irrealista e demagógica.

Mesmo desejável, esta reforma não podia ser realizada: compete ao ministro da Condição Feminina dizer claramente às mulheres que nem tudo é possível e que, ainda durante muito tempo, elas devem ter consciência das limitações que a conjuntura económica e financeira lhes impõe. A situação das finanças do Estado e a dos diferentes regimes de protecção social tornarão necessária durante muito tempo uma grande moderação das pretensões e também, decerto, uma escolha selectiva das prioridades no que diz respeito a auxílios financeiros.

Eis três ideias feitas entre as mais tenazes e que merecem ser afastadas do debate. Mas há outras ideias mais simples, que podem enriquecê-lo, e que marcam com o seu realismo o campo das acções favoráveis às mulheres.

PRIMEIRA IDEIA SIMPLES — É preciso evitar tratar as mulheres como protegidas, sem aptidão para serem responsáveis por si próprias e pelos seus.

Este é um fenómeno bem conhecido dos teóricos da decisão. Logo que se abandona a abstracção (o que se impõe para falar de relações entre seres humanos), cria-se uma dialéctica da acção que se desenvolve independentemente do objectivo inicial. As relações entre protector e protegido demonstram-no: a protecção traz consigo a rejeição pelo meio de acolhimento daquele que é protegido, o que por sua vez arrasta consigo uma super-protecção que acaba por resultar na perda de autonomia do protegido.

O delicado problema da protecção à maternidade explica muito bem o desenrolar do processo. Todos sabem que é necessária uma grande vigilância. Foi assim necessária a maior energia do legislador, para que a atribuição da baixa pré e pós-natal impedisse a mulher grávida de ascender ao mercado do trabalho, devido ao seu estado.

A reivindicação de igualdade

MONIQUE PELLETIER Serviço Exclusivo «Le Monde»/«DL»

não significa a renúncia à especificidade da condição feminina. E por isso que me parece ilusório e até desonesto afirmar que as mulheres são capazes de dar entrada sem problemas, num modelo de existência masculino. Mesmo podendo irritar aquelas que apregoam a identidade absoluta e a todo o preço, direi que reconhecer a diferença não é sinónimo de discriminação nem de privilégio.

E, no entanto, bom saber que toda a protecção, mesmo a mais justificada, torna-se rapidamente um handicap para o seu beneficiário. Não se trata, porém, de abandonar à sua sorte os mais fracos, mas o reconhecimento deste risco leva a pôr limites à protecção, tendo em vista a sua própria eficácia.

E próprio das pessoas responsáveis estabelecer uma hierarquia entre as vantagens desejadas, porque tudo tem um preço e dar a uns significa muitas vezes tirar aos outros.

SEGUNDA IDEIA SIMPLES — Deve recusar-se tudo o que possa dividir as mulheres, quebrar a sua solidariedade natural, perante a criança, a família, a vida da cidade, tudo o que possa impedi-las de escolher.

A geração precedente via na mulher no lar a expressão arcaica da ancestral dependência feminina. A de hoje prepara-se para culpabilizar a mulher que trabalha. A verdade é que hoje ainda poucas mulheres podem escolher o seu modo de vida: mães de famílias numerosas são obrigadas a ficar em casa para se ocupar das crianças (à excepção das mais afortunadas que têm outra mulher para os trabalhos caseiros); mulheres casadas, com assalariados que ganham um ordenado insuficiente para a família, são obrigadas a trabalhar para trazerem para casa uma média de 2.500 francos por mês. Por fim, para mais de 2 milhões de mulheres, solteiras, divorciadas ou viúvas, trabalhar é uma necessidade vital.

Assim, o problema do trabalho ou do não trabalho, não se põe, infelizmente, à imensa maioria das mulheres, e é muito rara a possibilidade de escolher verdadeiramente.

Ao fim e ao cabo, aqueles que se obstinam a dividir as mulheres conforme elas exercem ou não uma actividade profissional, desconhecem totalmente a flexibilidade das escolhas de uma mulher durante a sua vida. Na prática, e se se encarar a globalidade da sua existência, cada uma delas tentará passar de uma categoria para outra, devido à evolução das suas responsabilidades familiares e das suas aspirações.

Quer dizer que todas as nossas acções devem inspirar-se nessa constatação e ter em vista desbloquear as situações nas quais se encontram muitas vezes fechadas as vidas das mulheres, a fim de lhes permitir a alternância progressiva das escolhas.

TERCEIRA IDEIA SIMPLES — Quem deve fazer estas escolhas? Não, decerto, o Estado. Ele não deve tomar decisões que competem às pessoas.

O Estado liberal, tal como é proposto pelo presidente da República, não deve tomar o lugar das famílias na definição das escolhas de vida, que elas desejam fazer. E preciso deixar aos casais a iniciativa dessas escolhas, a livre determinação das apostas a fazer, isto é a livre apreciação das vantagens e dos inconvenientes das suas decisões.

Essa imparcialidade da acção do Estado parece-me a condição principal para um regresso dos casais à confiança em si próprios e na sua capacidade de decisão soberana do próprio destino. E este o sentido de toda a política familiar em acção há já alguns anos.

Uma tal imparcialidade não significa, está bem de ver, inacção. O Estado tem o papel de facilitar e promover tudo, o que permita às mulheres um melhor domínio da sua própria vida.

Assim, encorajar (como actualmente o fazem os poderes públicos) a orientação das mulheres para sectores profissionais diversificados, facilitar o acesso das mulheres, à formação profissional, possibilitar horários mais maleáveis, organizar quando tal for possível, trabalho a meio tempo, numa palavra permitir a alternância das actividades, é trabalhar muito directamente para esse melhor domínio.

Do mesmo modo, tornar esta sociedade mais acolhedora para a criança, não a apresentar como um ser incómodo para os adultos, multiplicar os serviços de creche e de vizinhança, dar a todas as mães de famílias, que trabalhem ou não fora de casa, acesso a equipamentos colectivos, eis uma série de meios seguros de dar confiança às mulheres, de tornar possíveis todas as escolhas, e em primeiro lugar, claro está, a de ser mãe.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A GESTÃO DOS RECURSOS HUMANOS NAS EMPRESAS EM PORTUGAL

3 — UMA POLÍTICA DE RECURSOS HUMANOS

ANSELMO ANÍBAL

3. Hoje em dia, a gestão dos Recursos Humanos nas Empresas em Portugal permite reflectir, para já, um triplo tipo de questões:

a) Em 1.º lugar toda a gestão de Recursos Humanos tem que **ir na regulamentação em vigor; escusado é dizer que nos sectores nacionalizados, onde actuam várias Empresas Púb.** b) Em 2.º lugar convém frisar o que está várias vezes repetido, mas nem sempre é entendido.

A gestão de pessoal é problema que a todos concerne. Em qualquer organização utilitária (empresa, autarquia, etc.) a gestão de pessoal deve ser objecto de uma análise e controlo permanentes, pela natureza, melindre e importância da matéria. Num país a gestão dos recursos humanos, numa óptica macro, deve ser ponto saliente da política de um governo.

Os responsáveis hierárquicos das várias áreas da empresa são os gestores de pessoal numa empresa.

Perde-se de vista, em regra, que assim é. **Mas os responsáveis da gestão de pessoal** (em

tudo o que ela é — adaptação da estrutura organizacional às necessidades, selecção e escolhas internas para lugares de carreira previstos na estrutura, definição, descrição de funções e qualificação comparativa, análise e justificação de absentismo, horas extraordinárias, etc.) **são, antes do mais e de tudo, os quadros hierárquicos e técnicos que enquadram os subconjuntos de trabalhadores correspondentes às várias áreas decorrentes da divisão funcional do trabalho numa organização.** Tende-se, alguns por forma bem ligeira, que, aliás, não expressa senão a sua ignorância das fun-

ções de «coordenação» ou «management», a dizer que assuntos de «Pessoal» são com os órgãos Pessoal, que assuntos de organização são com os órgãos de Organização, que assuntos de Planeamento são os órgãos Planeamento. Estas asserções simplistas têm muito de inverdade: qualquer área da vida da empresa tem o seu pessoal, a sua organização, a planificação das suas tarefas, o controlo dessas tarefas e a responsabilidade no grupo/equipa de trabalho (secção, serviço, Oficina ou área Oficial) é, antes do mais, do coordenador «hierárca» — chame-

Continua na pág. 4

JMA POLÍTICA DE RECURSOS

(continuação da pág. 3)

nos assim — que na Organização/Empresa tem as funções de enquadramento. O simplismo da «tecnicização técnica do modelo que cada área em um especialista e «todos» nandam «na mais pura vertical esquece os dados reais da vida de trabalho e foi esquema que fez época. Isto, por exemplo, de um Conselho de Gestão de uma Escola ou de uma Secção de uma Empresa se reportar a várias estruturas (no 1.º caso, por exemplo, à Dir.-Geral de Pessoal, à Dir.-Geral Escolar, à Dir.-Geral do Ensino Básico, ao Instituto de Tecnologia Educativa, ao IASE, e no 2.º caso, em certas empresas, à Dir.-Comercial, à Dir. Financeira, à Dir. Pessoal, à Dir. Aprovisionamento) é parra que deu pouca, na e desordenada uva.

Isto de uma freguesia se reportar, para fazer qualquer coisa numa cidade como Lisboa, aos Jardins, à Dir.-Serviços Eléctricos, às Obras, aos Serviços Culturais, à Urbanização, à Habitação, etc., é far, de mão-beijada, possibilidade de fazer dessas Direcções verdadeiros «mandões» a quem se solicita. Os órgãos mais operativos das estruturas organizacionais devem ser, em geral, os de linha e todo o cuidado deve ser assumido no cruzamento entre os especialistas de «produto» e os responsáveis de «Zona», para que se possa dar à estrutura hierárquica uma dimensão real de responsabilização e de poder e dever prestar contas quando é chamada a tal.

c) Em 3.º lugar e nas matérias — que estamos todos a pensar em diminuindo — não directamente abrangidas pelo instrumento de regulamentação jurídico das relações de trabalho, há, na política e gestão de pessoal de cada empresa, áreas de grande imprecisão e que permitem o arbitrio, a disparidade de critérios, área que referiremos como além-contrato ou além-acordo ou além-PRT.

Relevamos, já, que muito decorre da política de organização estrutural que se entenda seguir. A esta política de organização estrutural está intimamente ligada a política de carreiras que, algumas vezes, emblematicamente, aparece como uma «prática autónoma» que seria independente da estrutura organi-

zacional. Tudo nos indica que esta visão é grosseira.

Pretende-se e bem uma política de carreiras. É ela possível sem uma bem dimensionada e pormenorizada estrutura organizacional da empresa? Não é. Só sabendo que lugares há na empresa, que «quadrados» podem ser preenchidos, que níveis de responsabilidade e poder têm, é que é possível definir o desenvolvimento das carreiras e dar a todo o conjunto de trabalhadores-quadrados ou não, «hierarcas» e técnicos, o conhecimento dos lugares existentes e da maneira de serem preenchidos. Não haja dúvidas. **As carreiras estão ligadas à estrutura organizacional e o «peso» desta é que permite «alimentar» as possibilidades de acesso em carreiras.**

Também nos acessos aos lugares de carreira, deveremos procurar a diminuição dos erros, a construção de situações aceites. Mas daremos exemplos do que nos parece não dever ser uma «tentação» centralizadora, sempre possível, quando se procura a univocidade de procedimentos. Naturalmente que em grandes empresas se estará fugindo das intenções de centralizar decisões em matérias de escolha e selecção que, tudo nos indica, devem ser objecto de decisões próximas dos acontecimentos e feitas em colégios que impeçam na medida do possível, a carreira por factores de carácter aleatório, nepotismo ideológico e/ou favoritismo. Para nós, por razões de eficácia, de rapidez funcional e de coesão grupal, tais indicações de escolha não deverão ser, a não ser em casos em que se justifiquem devidamente, objecto de «concursos nacionais», naturalmente demorados, falíveis (aliás o MEC e outras zonas do aparelho de Estado têm uma triste experiência dos chamados concursos nacionais, afectando gravemente todo o problema das colocações de professores), com custos sociais grandes e com instabilidade completa de quadros e outros trabalhadores.

Só uma desconcentração das decisões, a colegialidade dessas decisões, o controlo próximo dessas decisões, pode ajudar a diminuir erros (que sempre existirão, aliás, nesta área claramente do âmbito das ciências «inexactas») e a favorecer os mais competentes... Mas

as carreiras terão como elemento fundamental o próprio facto de o conjunto das empresas estarem, nas suas várias áreas de trabalho, organizados e estruturados, tendo, portanto, em funcionamento, organigramas — não só em boneco e em desenho, mas com descrição das funções exercidas numa estrutura funcional que obrigue a reuniões de despacho e de controlo e que faça com que representantes hierárquicos/técnicos das empresas e representantes eleitos/mandatados do conjunto dos trabalhadores, saibam exactamente o que há, o que acontece e quais os procedimentos a adoptar.

Não nos parece, exemplificando, que uma escolha de subgerente numa agência de um banco ou de um responsável de secção ou Divisão numa Direcção central de dimensão significativa, seja problema a ser tratado em «concurso»/«nivel central»: antes nos parece que a instância de decisão deve ser colegial — com colégio de que se saiba em Ordem de Serviço, a composição e que deve ter em maioria representantes hierárquicos próximos — e o universo de escolha deve estar, em nosso entender, e nas grandes Organizações descontinuas, limitado em princípio a colegas do escalão hierárquico imediatamente inferior ao da vaga e da área geográfica, mas também não bloqueado apenas pelos colegas do pequeno «quintal» organizativo. Aliás, a níveis mais altos, os Colégios teriam mesmo expressão nacional. Isto é, estabilizando carreiras e dividindo oportunidades, não estando constantemente a fazer ultrapassagens com pessoas desenhadas em áreas de trabalho onde já há n.ºs 2 e 3 em condições de ascensão, é que se disciplinam e melhoram as relações funcionais, particularmente em estrutura organizacional com descontinuidade. Aliás refira-se que isto não obsta a uma mobilidade interquadrados que é a melhor maneira de desfazer compadrios, reciclar pessoas e cortar circuitos de venalidade ou de cumplicidade.

Contraria-se algumas vezes os chamados «consensos» resultantes da colegialidade, caracterizando-os por cooptação. Teríamos assim que os «hierarcas» cooptam quem lhes

apetece ou quem sabe como os convencer. Simplesmente isso é atitude não a tomar perante todas as escolhas de colégios, mas antes a provocar, nos casos em que é necessário, uma revisão da composição dos colégios, tornando-os alvo de controlo que deve existir.

Outros salientam que a escolha para todos os lugares de chefia e técnicos, a nível de concursos nacionais criaria condições de justiça «absoluta». Nestes casos, como já referimos, não nos parece que seja este o modelo para prosseguir e que, particularmente aos níveis de gestão intermédio, se deverá, sim, procurar o contínuo ajustamento dos recursos existentes nas áreas de trabalho onde se geram os movimentos.

De tudo o que fica dito, refira-se a necessidade de política transparente, sem nada de demagogicamente facilitador e sendo, tanto quanto possível, a expressão de um factor humano em desenvolvimento. E decisivo que as estruturas sindicais e as Comissões de Trabalhadores continuem o seu trabalho de estar alerta à gestão de pessoal — e aos outros domínios da gestão, também — e que, cada vez mais, os gestores se habituem a uma linearidade de comportamento que possa ser objecto de controlo por parte dos outros. E decisivo também que a formação de todos — gestores e não gestores — seja incrementada a todos os níveis, em cursos adaptados à realidade, em acções eficazes, dinâmicas e que criem o hábito do «ir à formação». Ninguém pode «crescer» pelos outros, mas, seguramente, podemos ajudar-nos mutuamente a crescer. Daí a importância de tal 1% das despesas gerais de pessoal ir para a formação, como na lei francesa ou das acções continuadas de formação na empresa, como nos países socialistas.

A estruturação e organização das empresas, a luta contra os desperdícios, o esforço por uma formação, a luta contra a facilitação e demagogia, deve ser uma batalha, em toda a linha, de todos os que estão conscientes de que se joga muito do futuro do nosso País, na situação económica particularmente, nas formações económicas criadas em 74-75 e mantidas no dia-a-dia destes anos difíceis e decisivos.

TRIBUNA LIVRE Carlos Pessoa

CRISE ENERGÉTICA NA ORDEM DO DIA

Há que optar: conduzir ou beber?

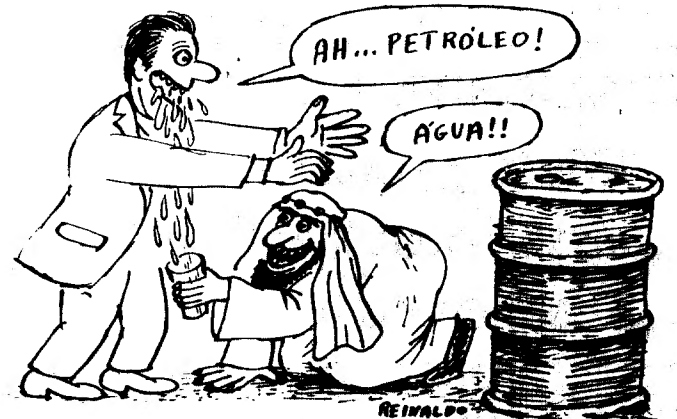
É PRECISO escolher: ou bebemos um copo ou enchamos o depósito. Nos tempos de crise energética que atravessamos, tudo serve para fazer combustíveis. No Brasil, foi inaugurada a primeira estação de distribuição de álcool para automóveis em Curitiba, capital do Paraná. O país importa 80% do petróleo que consome e é necessário reduzir o défice petrolífero: a necessidade aguçou o engenho.

A utilização do álcool como carburante não é novidade. Foi ensaiada em 1931, mas constituiu um modo de compensar uma baixa de procura da cana de açúcar no mercado mundial. Enfim, era uma maneira de absorver os excedentes.

O processo é simples: destila-se a acana do açúcar e

unidades de transporte? Um plano agrícola elaborado por especialistas prevê a construção de 300 destilarias e a cultura de 2,5 milhões de hectares de cana do açúcar suplementares. É aqui que as coisas começam a complicar-se.

O impacto da novidade passou e houve quem começasse a fazer contas. Qual seria a superfície necessária para produzir tanta matéria vegetal? Não vale a pena fazer contas: não há hipóteses. Para recorremos à utilização sistemática e maciça do «gasool» (mistura de álcool etílico e gasolina) como carburante, seria necessário transformar em cultura cerealífera dois terços da superfície dos Estados Unidos. As carrapanas poderão circular, mas não haverá comida



outros vegetais. Os resíduos secos são usados como estrume e o álcool é acrescentado à gasolina em certas proporções. Em 1980, a gasolina brasileira estará mais alcoolizada do que nunca: a percentagem será de 20%.

O «programa álcool» abre as estradas aos veículos especialmente construídos ou adaptados para circular em álcool puro. E com a vantagem da cana do açúcar se poder cultivar. No Brasil, há presentemente 800 veículos movidos exclusivamente a álcool, pertencentes a organismos públicos. Até 1985, o governo brasileiro tenciona dotar o parque automóvel com 4 milhões de veículos. Entretanto, já anda nos carris há dois meses a primeira locomotiva «alcoólica».

para ninguém. Pensem no preço de uma tal opção: as alterações nos eco-sistemas seriam imprevisíveis. Para além de certos limites, é uma utopia.

No entanto, ainda há quem acredite nesta possibilidade. Em França, o director da Associação Interprofissional dos Cultivadores de Beterraba tem um «Renault 16» a álcool puro. O presidente da Câmara de Tours acaba de se empenhar numa cruzada: «Usemos álcool nos motores». Fazer propostas deste teor aos franceses revela uma certa coragem. Mas nós sabemos que a procura pelos automóveis pode «remover montanhas».

Os incondicionais deus Baco podem ficar descansados: actualmente, é necessário mais petróleo para fabricar um litro de álcool, do que o que se obteria economizando carburante. As companhias petrolíferas podem respirar fundo. O problema das alternativas energéticas continua na ordem do dia.

«USEMOS ALCOOL NOS MOTORES»: E QUEM NOS DÁ DE COMER?

Como dar de beber a tantas

“Asas de Portugal”: missão quase cumprida

“Jogos sem Fronteiras” (no Estoril) fecham rol de actuações deste ano

“Asas de Portugal” está prestes a concluir o seu plano de actuações programadas para o Verão deste ano. Patrulha acrobática da Força Aérea Portuguesa estacionada na Base Aérea n.º 1, em Sintra, actuou este ano tanto em Portugal como no estrangeiro, num total de 35 apresentações em público. Pela sua importância merecem referência especial as actuações levadas a cabo nos Açores e Madeira, em Vila Real por ocasião do 10 de Junho, e no Luxemburgo e em Inglaterra.

Os “Asas de Portugal”, que têm por missão, de acordo com o respectivo estatuto regulamentador, transmitir ao público a

imagem da Força Aérea, contribuindo para a sua divulgação e suscitando vocações entre a juventude, têm ainda planeadas exposições em Viana do Castelo (18 de Agosto) e Viseu (1 de Setembro), efectuando uma última no Estoril, integrada nos Jogos Sem Fronteiras, no dia seguinte (2 de Setembro).

A patrulha voa com seis aviões de reacção T-37, capazes de uma velocidade de 700 km/h, e é constituída pelos pilotos maiores António Gomes, Miguel Pessoa e António Matos, capitão João Oliveira, e tenentes António Morgado, Mário Vaz, Albino Costa e Rui Louro.



Maquilhagem de Verão, de «Guerlain». O novo «Fond Teint» que «Guerlain» apresenta nas cores: «Capri», «Mykonos» e «Sicile», realiza beleza; há a juntar-lhes, ainda, os cremes: «Magistral» e «Crème special pour les yeux». «Bavons» de novidade, de cores surpreendentes: «Allegro», «Praline» e «Farandole». Sombra para as pálpebras, em pó aderente. Pó de arroz compacto em caixas douradas.

NAVEGAÇÃO AÉREA

ANA vai receber 73 mil contos

Um despacho dos Ministérios das Finanças e dos Transportes, do Governo, Mota Pinto, hoje publicado no «Diário da República», autoriza a Empresa de Aeroportos e Navegação Aérea (Ana) a contrair um empréstimo em moeda estrangeira no valor de 11 milhões de unidades de conta europeias (mais de 73.000 contos).

O empréstimo, que será contratado junto do Banco Europeu de Investimentos, destina-se ao financiamento de obras para

aumentar a segurança do aeroporto de Santa Catarina, na Madeira, e ao estudo da viabilidade técnica, económica e operacional com vista a um eventual aumento da capacidade daquele aeroporto.

O Estado português avalisará o empréstimo, que terá um prazo de 15 anos a uma taxa de juro igual, à que o Banco Europeu de Investimentos praticar no momento da celebração do contrato, deduzida uma bonificação de três por cento.

VENDE-SE

Datsun 1600SSS
Pela melhor oferta
Rua Castilho 185-C

LISBOA



A criança e as feiras

Pela primeira vez, numa feira regional, houve um espaço reservado às crianças dos feirantes. Isto aconteceu em Évora, na feira de S. João do corrente ano.

Em decadência ou não, as feiras vindas do fundo dos tempos medievais, constituem ainda hoje, um facto muito importante na vida regional do país.

Compra-se «prá feira», estrema-se «prá feira», faz-se projectos «prá feira».

Este marco festivo na estrada de rotina do dia-a-dia, tem um especial relevo na mente infantil.

O circo, para as que podem lá ir (as que não podem vêem os palhaços de longe ou os «bichos» nas jaulas). Os carrinhos, a música, o barulho, por vezes infernal, mas que faz parte da festa — o algodão doce, o torrão de alicante; o pequeno automóvel ou a boneca de plástico há muito prometidos e cuja promessa só se concretiza na feira. Tudo isto constitui um mundo maravilhoso para as crianças. Os seus olhinhos ávidos brilham, os dedos apontam. Alguns querem tudo quanto vêem, outros, os mais tranquilos, observam com os olhos muito abertos e vão

registrando na memória, o que amanhã será uma recordação caleidoscópica e poeticamente enriquecida.

Nós, porém, não queremos falar destas crianças, mas de outras, daquelas para quem as feiras não têm segredos nem novidades porque as conhecem, por dentro e por detrás das barracas, desde o Minhoto até ao Algarve. Dessas que dormem em colchões de improvisado por baixo do balcão da loja ou entre montes de atalhados. Das que ajudam a tomar conta da mercadoria a embalar ou desembalar o que for preciso. Das que vão buscar água e tomam conta dos pequeninos de meses frequentemente doentes com febre e diarreia.

São elas, que, fora das horas de movimento, atravessam o terreno da feira de lés a lés, muitas vezes descalças, e seminusas com os irmãos mais pequeninos pela mão ou ao colo.

Numa mudança constante,

necessariamente inseguras, com atrasos escolares quase crónicos, assim vão deambulando pela vida fora de barraca em barraca, de feira em feira.

O que é que estes pequenitos terão a ver com a «Juventus» ou outras tantas comemorações do AIC?

Foi pensando nelas que, este ano, a Comissão Municipal para o AIC reservou na Feira de S. João em Évora, um espaço destinado exclusivamente às crianças dos feirantes.

Assistidas por uma educadora puderam aí brincar, jogar (tinham brinquedos e jogos à disposição) ler ou ouvir histórias, desenhar, pintar, etc.

A princípio não foi nada fácil prender-lhes a atenção. Duma grande instabilidade saltavam de jogo para jogo. Recusavam-se a pintar ou a desenhar porque «não sabiam». Desconheciam mesmo os lápis de cera — «pra que é que isto serve?»

Brigavam entre si e constantemente interrompiam a educadora em tom lamurioso, batendo-lhe nas costas: «Senhora, ó senhora, aquele...» — seguia-se uma queixa.

«Senhora, ó senhora» — desta vez era comigo — «ele é cigano não o queira cá». — Diante de nós um rapazinho franzino que disse ter dez anos e chamar-se Chico. Cabelo curto quase rente, um olhar vivo e inquieto que muito lembrava o de um passarinho assustado.

Falámos-lhe carinhosamente e dissémos-lhe que podia brincar com o que quisesse. Durante mais de duas horas brincou sozinho e silencioso, manejando as peças com cuidado como se de coisas preciosas se tratasse. Depois arrumou tudo com minúcia e foi-se embora. Dissémos-lhe para voltar no dia seguinte, mas ele, pobre nómada marginalizado pelos outros nómadas, não mais voltou.

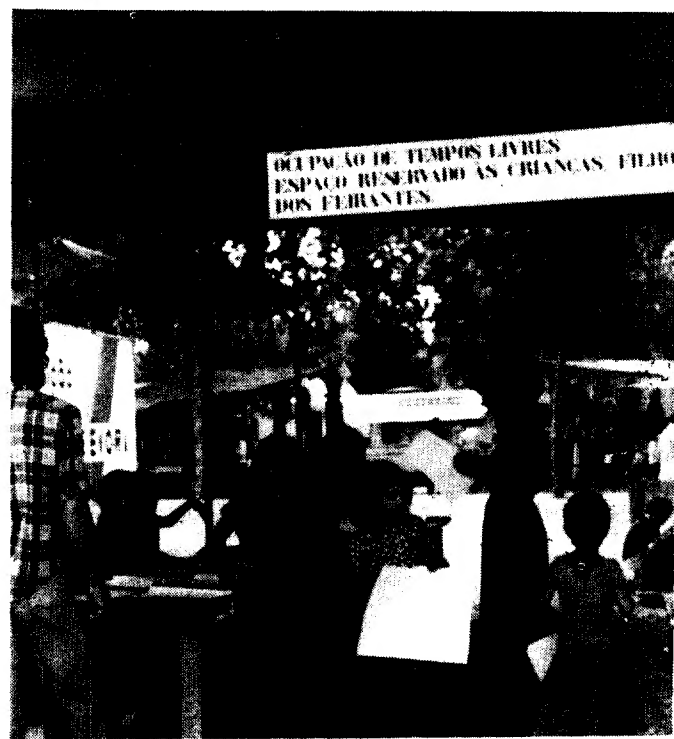
Quase sete horas, um garoto dos seus doze anos bem constituído, pede-nos para brincar, dissémos-lhe que já era tarde e que seria melhor voltar no dia seguinte; — «Amanhã já não posso o meu pai quer que eu o ajude a montar o carrossel».

Um adolescente, olha-nos de longe, depois vem-se aproximando até à entrada; — Que idade tens? — «Catorze anos» — És já muito crescido! Os mais velhos que aqui têm estado não vão além dos doze anos — saiu sem dar resposta. No dia seguinte voltou: — «Senhora, a minha mãe diz que me enganei e que eu só tenho doze anos...»

A pouco e pouco foram organizando brincadeiras. Rapazes e raparigas formavam grupos completamente aparte.

Nos jogos de imitação elas brincavam às casinhas e às tendas (compra e venda) eles, com os automóveis e aos negócios; — «Está lá? — Daqui fala o dr. Quintanilha...»

Aparte estes traços anedóticos sobre as actividades dos pequeninos feirantes, há a sublinhar o muito que se conseguiu em pouco mais de duas semanas. Além da modelagem, execução de fantoches e da carpintaria que muito entusiasmou os mais velhos, foi muito mais importante o desbloqueio conseguido em relação ao desenho e à pintura. Constituiu uma autêntica revelação para as crianças o descobrirem que eram capazes de pintar e desenhar. A partir daí



não queriam fazer outra coisa.

Todavia, apesar dos progressos observados, só à despedida nos demos conta do quanto aquelas crianças tinham apreciado o que se lhes proporcionara.

Vieram-se despedir várias vezes e não se cansavam de repetir que tinham gostado muito de estar em Évora, que nunca tinham estado numa feira assim e que partiam com muita pena. Por fim acabaram por pedir folhas de papel para desenharem durante a viagem.

Para onde partiam elas? Setúbal, Lamego, Viseu... Mais uma ou duas semanas, depois outra rota, outra feira, outra gente. A permanência na instabilidade. Esperamos que o exemplo da

Feira de S. João em Évora, permaneça vivo no tempo e no espaço, isto é: que tenha continuidade para além do AIC e que seja seguido em todo o País.

Deste modo, estas crianças errantes, marginalizadas por circunstâncias a que são alheias, poderão encontrar em cada pouso acidental um sorriso amigo, alguém que lhes dê as boas-vindas, fazendo-lhes recordar que ainda são crianças e que as feiras não se fizeram exclusivamente para as outras.

Essas paragens serão um oásis refrescante de ternura tão necessário ao percurso árido da sua infância sedenta.

Proporcionar-lhes isso será o mínimo do muito a que elas têm direito.

ACTOR, 101 ANOS DE IDADE

"Muito obrigado a todos" disse Tomaz Vieira à boca da morte

«Muito obrigado a todos» foram as últimas palavras de decano dos actores portugueses, Tomaz Vieira, que ontem faleceu em Braga e que recentemente completara 101 anos de idade.

O velho actor manteve-se lúcido até ao fim, vindo a falecer às 16 horas no Lar de Santa Cruz, onde desde há

algum tempo vivia. O funeral efectua-se hoje para o Cemitério de Monte de Arcos, em Braga.

Apesar da sua idade, Tomaz Vieira pensava ainda criar em Vila Nova de Gaia um lar para a terceira idade, na Escola de Torne, «escola cheia de tradições», por onde passaram mais de 100 mil alunos.

CASTRO DE FACHA REVELA

Presença grega no Minho remonta de há 24 séculos

PORTO, 13 — Arqueólogos acabam de encontrar, nas imediações da freguesia de Facha (concelho de Ponte de Lima), fragmentos de cerâmica grega no espólio de um castro ali existente. «Não se pode falar de ocupação grega, mas de comerciantes que vinham cá e comerciavam cerâmica dos seus países por ouro que estas populações já possuíam», afirmou o professor da Faculdade de Letras do Porto Carlos Alberto Ferreira de Almeida, responsável pelas escavações.

Segundo Ferreira de Almeida, os gregos, sobretudo, conheciam o Minho há pelo menos vinte e quatro séculos. Vindos do Egeu ou tão-só das colónias gregas no Ocidente da Península, viajantes desembarcados onde hoje se ergue Viana do Castelo treparam pelo menos aos morros da actual Ponte de Lima, a comerciar com os nossos antepassados castrejos. No dizer daquele investigador, os achados assumem também uma importância impar para o conhecimento e datação da cultura castreja, «datação agora possível com uma precisão rara».

De facto, segundo Ferreira de Almeida, os referidos fragmentos de cerâmica grega «estão muito bem datados, do século IV AC, e, uma vez que aparecem associados a fragmentos de

peças castrejas feitas à mão, permitem dar uma datação à cultura castreja». Assim, para aquele professor, «a partir desta cerâmica grega muito bem datada, indiscutível, e da sua associação à cerâmica local, podemos datar esta, com segurança, para o século IV antes de Cristo».

Para além desta autêntica «certidão de idade» da cultura dos castros, as escavações na Facha revelam-se muito importantes para o estudo das relações da Grécia antiga com o Ocidente da Península Ibérica. «No que se refere à presença do comércio grego, Facha é hoje um sítio nuclear no Noroeste português e no Noroeste peninsular» — afirma também Ferreira de Almeida.

Até agora, só tínhamos como testemunhos gregos sobre a costa portuguesa em direcção ao Norte os testemunhos evidentes e multiplicados de Setúbal e, sobretudo, Alcácer do Sal, assim como muitos também em Conímbriga. Ora, aqui já nos parecemos com o Minho. É o primeiro testemunho de cerâmica grega não só a norte de Conímbriga, mas no Noroeste do País.

Referindo-se à «importância muito grande deste pequeno castro», aquele arqueólogo indica que «as construções se sucedem umas sobre as outras, casas redondas sobre casas re-

dondas, o que dá também uma datação que não conhecemos em qualquer outro castro a norte do rio Douro».

Quanto à ocupação medieval, afirma ainda:

«Este castro era conhecido desde há muito por «castelo». Aqui certamente teve assento o castelo medieval de Santo Estêvão, cabeça de uma povoação fortificada. Encontram-se aqui, aliás, fragmentos de lajeada de casas que estavam na superfície e que não conseguimos entender funcionalmente. Decerto vamos encontrar testemunhos de muralhas, mas tudo isso bastante perdido».

Quanto à antiguidade dos vestígios medievais, o director das escavações observa: «Conhecemos mal a datação dos testemunhos medievais, mas a cerâmica aqui encontrada é semelhante à encontrada noutros sítios e que foi possível datar do século XII graças às moedas a que apareceu associada».

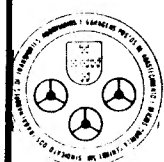
Iniciada no final de Julho, passou a actual campanha de escavações — a primeira prospecção sistemática e aprofundada da jazida — prolongar-se-á até aos últimos dias deste mês e incidirá apenas sobre a parte conhecida e a descoberta do castro, embora se admita que outras partes deste se ocultem sob a densa vegetação do morro.

Pub



SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34 — LISBOA — Telef.: 770066 — 763276



SINDICATO DOS TRABALHADORES DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS E GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL

Avenida Almirante Reis, 45-1.º — Lisboa

Os Sindicatos de Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa e dos Trabalhadores de Transportes Rodoviários e Garagens, Postos de Abastecimento e Oficinas Correlativas do Centro e Sul, convocam todos os seus Delegados Sindicais do Distrito de Lisboa do Sector de Transportes, para uma reunião a realizar no dia 14 de Agosto de 1979, às 14 horas no Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, Av. Visconde de Valmor n.º 34-2.º, em Lisboa, com a seguinte:

ORDEN DE TRABALHOS

- 1.º — Análise e discussão sobre política-sindical
 - a) — Projecto de Lei-Gonilha
 - b) — Pacote (CIP do ex-governo Mota Pinto)
- 2.º — Análise e discussão da nova tabela salarial que vai ser entregue para denúncia às entidades patronais do sector.
- 3.º — Diversos.

— NÃO FALTES! PARTICIPA!

Os Sindicatos acima referidos convocam ainda todos os seus associados do sector de transporte para os seguintes Plenários.

SECTOR DE TAXI E LETRA A

Dia 14/8/79 — às 21,30 horas — no Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, av. Visconde de Valmor, 34-2.º Lisboa

TODOS OS TRABALHADORES DA R.N.

Dia 15/8/79 — às 21,30 horas — nas instalações do CEP-10 — AMEIXOEIRA

SECTOR DE CARGA E ALUGUER

Dia 16/8/79 — às 21,30 horas — no Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, av. Visconde de Valmor, 34-2.º Lisboa

SECTOR PRIVADO DE PASSAGEIROS

Dia 17/8/79 — às 21,30 horas — no sindicado dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, av. Visconde de Valmor, 34-2.º Lisboa

ORDEN DE TRABALHOS

- 1.º — Análise e discussão da nova tabela salarial que vai ser entregue às entidades patronais do sector de transportes, para denúncia.
- 2.º — Diversos

NOTA: para os trabalhadores da Rodoviária Nacional, a Ordem de trabalhos terá mais um ponto sobre a paralisação do dia 16/8/79.

As direcções apelam a todos os trabalhadores para participarem activamente nos Plenários do seu sector, pois só assim poderão dar sugestões para o melhoramento da tabela salarial que vai ser apresentada para negociação às entidades patronais.

Lisboa, 10 de Agosto de 1979

AS DIRECÇÕES

**ENTRE LEÇA
DO BALIO E LEIXÕES**
300 toneladas
viajam
a 800 metros/hora

«O maior transformador eléctrico trifásico produzido pela indústria nacional viajou sexta-feira passada à velocidade de 800 metros/hora, entre Leça do Balio e Leixões.

O transformador, unidade de 315 mil quilovátios - 420 mil volts, é o segundo construído pela EFACEC (empresa fabril de máquinas eléctricas) e destina-se à Central Térmica de Setúbal, em construção.

Para transformar a pesada unidade de 300 toneladas foi necessário montar um conjunto especial de zorras, assentes em 160 pneus servidos por 20 eixos.

Dois veículos com a capacidade de tracção conjunta de 820 mil quilos, e o apoio de um outro com capacidade para deslocar 200 mil quilos, rebocaram o conjunto num percurso, previamente estudado, entre a EFACEC e a doca dois do Porto de Leixões.

Dentro de dias o conjunto será embarcado no navio que o levará para Setúbal.

A SITUAÇÃO NOS "VINHOS BORGES"

Decisão dos accionistas não tem implicações

• "Aumento de capital" confirma existência de "acordo secreto"

As decisões da assembleia geral de accionistas não têm qualquer implicação no funcionamento imediato da empresa. Não têm relevância os pontos aprovados na medida em que os corpos sociais estão suspensos - afirmou à Anop Monteiro Pinho, da comissão administrativa da Sociedade Vinhos Borges.

Monteiro Pinho, reporta-se às resoluções duma assembleia de accionistas da sociedade, realizada anteontem, e durante a qual foi decidido elevar o capital e eleger novos corpos gerentes. Estas decisões, foram tomadas numa altura em que a empresa se encontra ainda intervencionada pelo Estado. Na sua reunião de quarta-feira, lembra-se, o Conselho de Ministros, decidiu

prolongar esta intervenção por mais trinta dias.

Entretanto, e naturalmente, a comissão administrativa mantém-se em funções. E os trabalhadores - estando Monteiro Pinho - têm estado «alheios ao programa, porque não o entendem». Existe, no entanto, «o desejo de que a desintervenção se faça em favor de quem demonstre ser capaz de viabilizar a empresa», no dizer do mesmo elemento da comissão, para quem os accionistas já demonstraram não serem capazes de viabilizar a empresa. Prova disso seria o facto de os accionistas terem proposto aumentar o capital social em apenas 60 mil contos, quando necessitaria de mais de 200 mil. O aumento de capital decidido na assembleia geral só terá sentido como resultado da conversão de créditos do Banco Broeges.

Para Monteiro Pinho, a reunião de accionistas na passada quinta-feira tem o interesse de ter reconhecido a necessidade de aumentar o capital social da empresa em 200 mil contos. O

capital, actualmente, é de 3.504 mil escudos.

Com a decisão de aumentar o capital social, os accionistas quiseram cumprir formalmente o «acordo secreto» de que se tem falado, para depois pedirem ao Banco Borges a contrapartida - diz ainda Monteiro Pinho.

A contrapartida seria o Banco ter a garantia de que cede pelo valor nominal as acções que subscrive, que neste momento não é nenhum: a empresa encontra-se na situação de falência técnica.

A comissão administrativa entende que só após a assinatura do contrato de viabilização é possível determinar o valor das acções. No dizer de Monteiro Pinho, «o acordo secreto foi ultrapassado pela resolução do Conselho de Ministros, pelo que já não tem razão de ser».

Tal como o «DL» dizia na sua notícia de ontem, o «acordo secreto» terá sido patrocinado pelos ex-secretários de Estado Alípio Dias e Correia Guedes.

A Sociedade de Vinhos Borges exportou, em 1978, vinhos no valor superior a 100 mil contos, e o valor bruto da produção atingiu 326 mil.

Em 1979, espera-se um valor bruto da ordem dos 540 mil contos. A empresa emprega cerca de 350 trabalhadores, e a Sociedade encontra-se entre as quatro maiores do país, no sector. Prevê-se que em 1980, seja a segunda, na medida em que tem crescido à volta de 40 por cento ao ano.

Em 1975, o volume de vendas equivalia a 65 mil contos. Em 1978, a Borges vendeu o equivalente a 326 milhões.

Nestes anos produziu mais de dois milhões de garrafas e sete milhões, respectivamente.

A empresa é a segunda mais importante na venda de Vinho do Porto (12 por cento do mercado em trinta empresas).

Setenave elabora plano para indústria naval moçambicana

Foi considerada um êxito, por entidades ligadas às actividades económicas, a visita que uma delegação da Setenave, Estaleiros Navais de Setúbal, efectuou na semana passada à capital de Moçambique.

Costa Leal, presidente do Conselho de Administração da Setenave, disse que - a serem aceites as propostas que vão ser apresentadas em Outubro - a Setenave virá decerto a ter em Moçambique um campo de actividade superior àquele que já possuía na Guiné-Bissau.

Refira-se que as propostas a apresentar em Outubro consubstanciam-se na elaboração de um plano director da indústria de reparação e construção naval de Moçambique.

Para o presidente do C.A. da Setenave, não existem empresas de outros países a apresentar, concorrencialmente, estudos prévios na indústria de construção e reparação naval moçambicana.

Para além do referido estudo preliminar do plano director, a empresa de Setúbal comprometeu-se a encargar a reorganização dos estaleiros navais em Maputo e Beira, bem como a oferecer condições para a formação profissional de trabalhadores moçambicanos.

No que concerne ao plano a apresentar pela Setenave, o presidente desta empresa considera que o mesmo, uma vez aprovado, possa vir a ser incluído no plano prospectivo do desenvolvimento de Moçambique, durante a próxima década.

Assinale-se, a propósito, que segundo discurso feito há cerca de uma semana pelo presidente Samora Machel, a Comissão Nacional do Plano terá que apresentar aquele documento até Junho de 1980. O mesmo incluirá «a criação de condições para a reparação naval e mesmo para a construção naval».

Tabaco mais caro nos Açores

A partir do próximo mês de Setembro, os fumadores açorianos vão passar a pagar o tabaco mais caro.

Segundo apurou a Anop junto de fonte oficiosa, os maços de 16

escudos vão passar a custar 21 escudos, e os de 12\$50 aumentarão 2\$50.

Este aumento, foi já aprovado pelo executivo regional no passado dia 3 deste mês.

PESCA NO ALGARVE

Mais dificuldades se a frota não for renovada a curto prazo

A pesca no Algarve «irá, no futuro, enfrentar graves dificuldades, se não for efectuada, a curto prazo, uma autêntica substituição da frota e das condições de pesca». Isto mesmo se lê num relatório da comissão instaladora da delegação do Sotavento da Direcção-Geral de Pescas.

Das três modalidades de pesca praticadas no Algarve - arrasto, cerco e artesanal - apenas na última foi registado «algum aumento». O facto preocupa a Comissão, a qual faz notar que tal modalidade de pesca é praticada por pequenas embarcações muito antigas e por outras que vivem exclusivamente dos pesqueiros espanhóis e marroquinos.

Entretanto, caducados os acordos com Marrocos, 30 embarcações da Fuzeta estão paralisadas desde Abril.

Os números falam por si: a pesca artesanal contribuiu em 1978 com 34.38 por cento do volume total do pescado; a pesca

de cerco decresceu 15 por cento em relação a 1977, tendo contribuído o ano passado com, apenas, 55,81; a pesca de arrasto ficou-se pelos 9,9 por cento. Esta percentagem, quase insignificante, terá resultado da escassez do carapau e das deficiências de desembarque em Portimão.

PESQUEIROS APRESADOS

São hoje julgados os padrões dos barcos pesqueiros algarvios apresados no passado dia 10, quando se encontravam em faina entre a linha da costa e as seis milhas das águas territoriais espanholas. Enquanto as tripulações regressaram já a suas casas, os barcos - «Marameu», «Amor de Cristo», «Maria de Venagil», «Caçador» e «Celical» - encontram-se ainda retidos no porto da ilha Cristina.



14 DE AGOSTO 1979

VOTAÇÃO — VERTICALIZAÇÃO — VOTA

AOS TRABALHADORES METALÚRGICOS E RODOVIÁRIOS

A EXERCER ACTIVIDADE NO SECTOR DO COMÉRCIO

DO DISTRITO DE SETÚBAL

No prosseguimento das reuniões, efectuadas pelas Direcções dos Sindicatos da Indústria Metalúrgica e Rodoviários, em conjugação com a Direcção do Sindicato do Comércio, com trabalhadores metalúrgicos e rodoviários de empresas do sector do comércio com vista à verticalização, e depois de feito um amplo esclarecimento aos trabalhadores sobre as vantagens desta importante forma de organização nas empresas, vêm as Direcções dos Sindicatos acima referidos anunciar o dia, horas e locais onde serão colocadas as urnas para os trabalhadores procederem à votação sobre a verticalização no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal.

Dia	CAPLAS	Inst. da Empresa no	Das 8H às 18 H
14/8/79		Fogueteiro	
Dia	GILICA	Inst. da Empresa no	Das 11 H às 12H
14/8/79		Casal do Marco	
Dia	Del. Sind. Metal.	R. de Moçambique, 6-A	Das 14H às 22H
14/8/79	Almada	C. da Piedade	
Dia	Sede Sindicatos	R. Miguel Pais, 35-A	Das 14H às 21H
14/8/79	Barreiro		
Dia	Sindicato Carnes	L. 1.º de Maio n.º 20	Das 14H às 21H
14/8/79	Montijo		
Dia	Sind. Rodoviários	L. do Bocage, 111-1.º	Das 14H às 22H
14/8/79	Setúbal		
Dia	Sind. Corticeiros	R. Paiva Coelho, 119	Das 14H às 21H
14/8/79	Seixal		

PARTICIPA, REFORÇA A UNIDADE E A ORGANIZAÇÃO
UMA SÓ EMPRESA — UM SÓ SINDICATO
PELA VERTICALIZAÇÃO SINDICAL!
PELO REFORÇO DA UNIDADE!

Setúbal, 9/8/79

EXERCE OS TEUS DIREITOS — VOTA!
As Direcções

(IN)CONFIDÊNCIAS EM CASTELHANO

O mundo dos lençóis na carreira de uma "miss"

Miss de Espanha em 1968, Carmen Cervera vai escrever as suas inconfidências, numa viagem calculada ao mundo dos lençóis, rampa de lançamento do «Objecto» de uma coroa. E a ex-miss CC lá tem as suas razões: os maiores «best-sellers» do mercado editorial espanhol, são, precisamente, as histórias picantes de Sofia Loren, Lauren Bacall e Margaret Trudeau.

Qualquer vedeta de cinema ganha consideráveis quantias por pequenas histórias sensacionalistas em revistas da especialidade. E Carmen, como marinheiro de vários portos, tem muito que contar.

Mas Carmen ainda fala de amores puritanos, após 11 anos de carreira. Por exemplo, os tempos vividos com o milionário argentino, amigo de Juan Perón. «Apaixonei-me por ele, até que um dia descobri que era casado e pai de cinco filhos».

Quando chega um italiano tudo se complica... Deixou-a na

ços. O que mais lhe agradava era fazer amor diante de espelhos».

E Frabk Sinatra? Neurótico. Revela a CC: «Chamava-me pelo telefone quase diariamente, mas uma vez no seu apartamento, só sabia oferecer-me campanha e falar se si mesmo. Era uma espécie de psicanalista dos seus problemas íntimos».

E a miss continua: Com Dean Martin nada se podia levar a sério; «estava sempre com um copo a mais e era demasiado extravagante, até mesmo na cama».

Mas Carmen ainda fala de amores puritanos, após 11 anos de carreira. Por exemplo, os tempos vividos com o milionário argentino, amigo de Juan Perón. «Apaixonei-me por ele, até que um dia descobri que era casado e pai de cinco filhos».

Quando chega um italiano tudo se complica... Deixou-a na

«rua». Chamava-se Espartaco Santonni. Conquistou-a e meteu-se em grandes negociações com o dinheiro da miss.

Histórias de um mundo de sombra, se esta «nau catrineta» pega entre nós, muito há que contar: organizadores ou organizadoras de concursos de misses, açambarcadores, «milionários» à dimensão portuguesa, favores à lusitana escala.

Regressemos à Carmen: para já, espera uma tiragem inicial de 100 mil exemplares, o que corresponde a 750 milhões de escudos a mais na sua conta bancária.

Carmen Cervera é uma miss que teve sorte nos «amores». A relação dos bens é disso a melhor expressão: vivenda na Costa Brava, dois apartamentos de luxo em Madrid e Barcelona, a herança do seu primeiro marido, Lex Baxter, acções e vários negócios em estâncias turísticas.



SALDOS DO SÉCULO



*Toalha de Mesa Tipo Linho
Padrões Maravilhosos*
Valem ~~148.00~~ a **78.00**

Fatos Traino Tipo Internacional Veludos Decoração (100 cores) c/1,30
598.00 a 498.00 Valem ~~550.00~~ a **198.00**

Campismo
por metade do preço

Marquise Arrendada Linda
C/2.60 Vale ~~248.00~~ a **128.00**

Móveis
preços de Fábrica

Jogos de Cama Pano Casca de Ovo Estampada
C/2m Larg Valem ~~1500.00~~ a **698.00**

Jogos Banho Turco Veludo Desenhos Maravilhosos
Valem ~~1.200.00~~ a **398.00**

T/Shirts Uni-Sex C/Estampagem
Moderníssima Vale ~~148.00~~ a **49.50**

Sedas C/1.20 Desenhos Franceses
Valem ~~250.00~~ a **89.00**

Chapéus de Sol P/Campo e praia a Preços Baixíssimos **498.00**

Alpacas Terylene

Alcatifas por Preços de Milagre

C/1.50 Largo Valem ~~187.00~~ a **69.50**

Pelo Raso 110.00

Reps. Dralon Fibras Pª Decoração

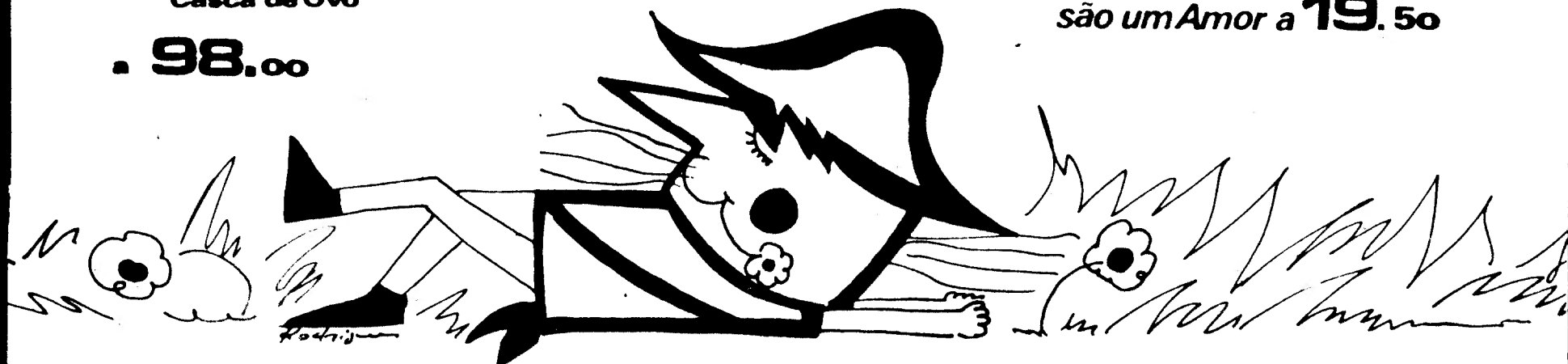
Argolinha 228.00

c/130 Lindos Valem ~~178.00~~ a **59.50**

Alto Volume 228.00

*Pano Lençol Super C/2m Larg
Casca de Ovo*
. 98.00

Toalhinha Cozinha Estampada
são um Amor a **19.50**



LOJAS DOS ARMAZÊNS

CONDE BARÃO

Dois milhões e meio de emigrantes enviaram em 6 anos 200 milhões de contos

Nos últimos 6 anos os emigrantes enviaram para Portugal 221.015 milhares de contos numa progressão que regista valores positivos desde o período 1975/76. Em termos relativos, estas remessas, que apenas aumentaram um por cento entre 1973 e

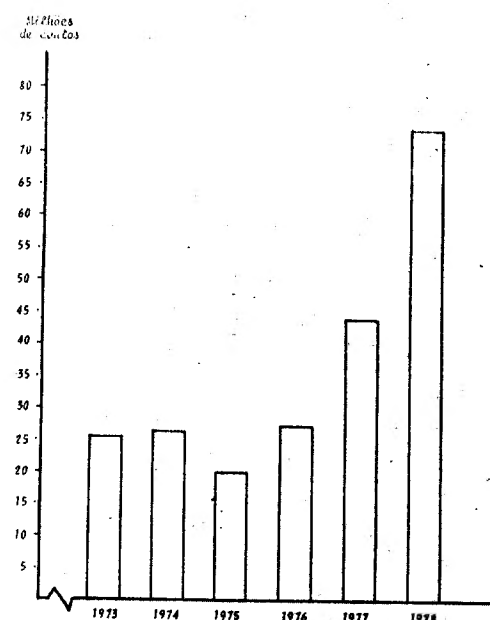
1974, atingiram o seu valor mais alto entre 1977 e 1978 e só registaram valores negativos entre 1974 e 1975. Para o período de seis anos acima referido o aumento percentual das remessas cifra-se em 180 por cento.

Quanto à origem das

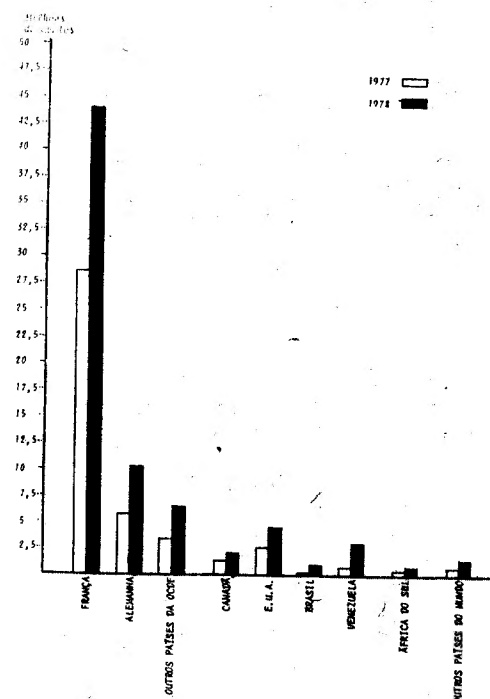
remessa dos emigrantes portugueses a França ocupa o primeiro lugar, seguida da República Federal da Alemanha sendo curioso que a África do Sul, que depois da França e do Brasil é o país que detém a maior colónia portuguesa, se encontra em

Estados Unidos são os que mais dinheiro enviam para Portugal, seguidos dos da Venezuela e do Canadá. Os do Brasil, a maior colónia portuguesa naquele continente, são os que registam mais reduzido volume de remessas.

Evolução das remessas de emigrantes a partir de 1973



Remessas dos emigrantes por países de origem



Emigração por países de destino

ÁFRICA (1)	300.000
ÁFRICA DO SUL	300.000
AMÉRICA DO NORTE (2)	321.000
CANADÁ	134.000
E.U.A.	187.000
AMÉRICA DO SUL (3)	782.000
ARGENTINA	40.000
VENEZUELA	122.000
BRASIL	620.000
EUROPA (4)	1.081.000
SUIÇA	5.000
HOLANDA	9.000
BELGICA	12.000
LUXEMBURGO	23.000
INGLATERRA	25.000
ESPAÑA	26.000
ALEMANHA FEDERAL	115.000
FRANÇA	866.000
OCEANIA (5)	8.500
AUSTRÁLIA	8.500
TOTAL (1+2+3+4+5)	2.492.500

Em 1977 encontravam-se inscritos nos respectivos consulados, os emigrantes portugueses acima referidos

Remessas de emigrantes: variações 1977/79 por países de origem

PAÍSES EUROPEUS DA OCDE	PAÍSES	1977		1978		VARIACAO	
		VALOR ABSOLUTO	VALOR RELATIVO	VALOR ABSOLUTO	VALOR RELATIVO	ABSOLUTA	RELATIVA
	FRANÇA	28.916	64,3%	44.252	59,6%	+ 15.336	+ 53%
	ALEMANHA	6.177	13,7%	10.647	14,3%	+ 4.470	+ 72%
	OUTROS	3.322	7,4%	6.200	8,4%	+ 2.878	+ 87%
	Total	38.415	85,4%	61.099	82,3%	+ 22.684	+ 59%
AMÉRICA DO NORTE	CANADÁ	1.286	2,9%	2.001	2,7%	+ 715	+ 55%
	E.U.A.	2.362	5,2%	4.447	6,0%	+ 2.085	+ 88%
	BRASIL	425	1,0%	1.087	1,4%	+ 662	+156%
	Total	5.019	11,2%	10.774	14,5%	+ 5.755	+115%
ÁFRICA	ÁFRICA DO SUL	606	1,4%	954	1,3%	+ 348	+ 57%
	OUTROS	927	2,0%	1.399	1,9%	+ 472	+ 51%
TOTAL GERAL		44.967	100,0%	74.226	100,0%	+ 29.259	+ 65%

● Fonte: Direcção de Serviços de Estatísticas e Estudos Económicos do Banco de Portugal

EM CACILHAS...

Das 10 às 19 horas, até 31 de Julho, poderá ver o que nunca viu, na

CASA ESTRELA
Rua Cândido dos Reis, 60-A

EPUL EMPRESA PUBLICA DE URBANIZAÇÃO DE LISBOA CONCURSO PÚBLICO

Encontra-se aberto o concurso para arrematação da seguinte empreitada:

15/79 — CONSTRUÇÃO DOS EDIFÍCIOS E1, E2 e CENTRO DE DIA EM TELHEIRAS — SUL.

1.º PROCESSO DO CONCURSO — Pode ser consultado na sede da Empresa — Alameda das Linhas de Torres n.º 198 Lisboa, telefone 793166, todos os dias úteis das 09.30 às 17.30 horas, excepto aos sábados.

2.º ENTREGA DAS PROPOSTAS — Sede da Empresa (secretaria até às 17 h. do dia 17/9/79).

3.º ABERTURA DAS PROPOSTAS — Sede da Empresa no dia 18/9/79 pelas 10 horas.

4.º BASE DE LICITAÇÃO 122.370.000\$00

5.º CAUÇÃO PROVISÓRIA — O depósito provisório de garantia a efectuar na Caixa Geral de Depósitos, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia passada pelo próprio concorrente será de escudos 3.100.000\$00.

Este depósito poderá ser substituído por garantia bancária.

Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, em 9 de Agosto de 1979

O Administrador-delegado
(Augusto Teles Marques)

último lugar nos envios para Portugal.

Segundo cálculos aproximados existiam em 1977 2.492.500 emigrantes portugueses inscritos nos consulados de 15 países do Mundo envolvendo os continentes Europeu, Americano, Africano e a Oceania. Em África, não contando com as antigas colónias portuguesas, existiam 300 mil portugueses (o número refere apenas a África do Sul), nas Américas, 1.103.000, na Europa, 1.081.000, e na Oceania, 8.500.

Relativamente às Américas, os emigrantes dos

Remessas de emigrantes

Unidade: Milhares de contos

ANOS	VALOR ABSOLUTO	VALOR RELATIVO
1973	26.452	12%
1974	26.772	12,1%
1975	20.975	9,5%
1976	27.623	12,5%
1977	44.967	20,3%
1978	74.226	33,6%
TOTAL ÚLTIMOS 6 ANOS	221.015	100,0%

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Serviço de Aquisições

(ANÚNCIO)

Concurso n.º 3-1896/79-P

Fornecimento de um injetor para arteriografia selectiva, destinado à aparelhagem de Raios X existente no Serviço Central de Radiologia do Hospital de St.ª Marta.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 4 de Setembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir ao Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Chefe do Serviço
Ilídio Luís de Sousa

AUTO-CICLOS PIEDENSE

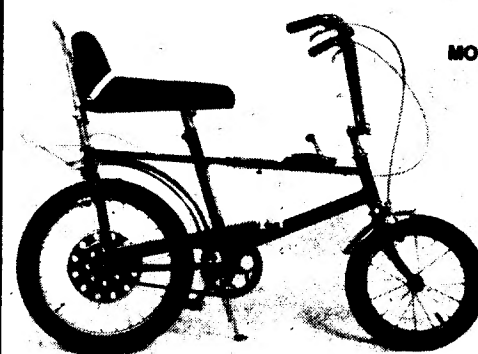
ARMAZENISTAS NO SUL

DAS BICICLETAS ESMALTINA SANGALHOS

MOTORIZADAS EFS

ACESSÓRIOS

BRINQUEDOS



Preços de Fábrica

Av. Prof. Egas Moniz, 38-F — Tel. 276 44 01

COVA DA PIEDADE

Actores do "Astro" na Mealhada recebidos com calor e cerveja

O par atribulado de «O Astro», Márcio e Lili, encontra-se na Mealhada para assistir a um concurso de bebedores de cerveja e participar num carro alegórico «bancando» «El-Rei D. Dinis», e «Isabel de Aragão Rainha Santa Isabel».

O desfile valeu-lhes cerca de 20 mil pessoas a assistirem de baixo do calor. A pedir cerveja. Só no fim-de-semana foram distribuídos gratuitamente a bel-prazer mais de 20 mil litros de cerveja. Com uma condição: bebia-se até cair, mas só depois de comprar um copo com a fotografia da «Lili» e do «Márcio».

Os organizadores dizem que os custos dos festejos ultrapassam os dois mil contos.

A delegação do Movimento Alfa em Coimbra acha lamentável que num país de 500 mil alcoólicos (a taxa mais alta da Europa logo a seguir à França) se realize um concurso onde se incentiva o consumo de bebidas alcoólicas e a «bebedeira à vista como um acto de valentia». Contra-argumentam os organizadores que a prova dura apenas 15 minutos para cada concorrente. Além disso precisam dum pavilhão desportivo...

Tony Ramos e Elisabeth Savalla regressam amanhã a Lisboa.

Federações sindicais querem anulação do "pacote laboral"

«Liberalizar os despedimentos e permitir o sistema fascista de se despedir sem justa causa e aviso prévio, liberalizar ainda mais os contratos a prazo aumentando a instabilidade de emprego e o exército de desempregados», eis como a Federação dos Sindicatos do Comércio caracteriza o pacote laboral que o Governo Mota Pinto deixou «encaminhado».

De acordo com um comunicado divulgado, era ainda objectivo central do pacote do ex-Governo «liberalizar o processo de contratação colectiva através do aumento dos casos de homologação prévia».

Por isso, aquela Federação se manifesta pela necessidade de não promulgação «dos diplomas que integram o reaccionário pacote laboral, a declaração da sua inconstitucionalidade e a sua suspensão imediata pelo novo Governo».

Além disso, a mesma estrutura

sindical preconiza «a aplicação de medidas que respondam às justas reclamações dos trabalhadores e que corrijam os aspectos mais gravosos da política do ex-Governo Mota Pinto».

E a mesma Federação ainda que, a propósito, recorda o acontecido na sua «esfera de acção», com o famigerado caso do Pão de Açúcar. Ou seja, os escandalosos benefícios concedidos aos capitalistas estrangeiros daquela cadeia de supermercados, os quais «lesaram directa ou indirectamente milhares de trabalhadores». No que se refere a este assunto, foi já pedida uma audiência ao Governo, visando obter a rectificação daquele «acto discriminatório».

Por seu turno, a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Químicas comenta o afastamento daquele Governo nos seguintes termos: «O Governo mais odiado pelo povo desde o 25 de Abril, cuja

actuação sob a batuta de Mota Pinto foi francamente reaccionária, antidemocrática, anticonstitucional, antipatriótica, fascizante, corrupta, foi finalmente posto na rua.»

Contudo, salienta esta outra Federação que «os efeitos da sua desastrosa política só serão de facto minimizados, se rectificarmos os actos manifestamente reaccionários, anticonstitucionais e anti-25 de Abril praticados nos diversos sectores da vida nacional».

Para tanto, anuncia a Federação dos Químicos, «desenvolverá todas as acções que julgar necessárias para que as reivindicações dos trabalhadores sejam efectivamente satisfeitas».

COM CONCURSO DE SALTOS Curso de Para-Quedismo termina em Monte Gordo

VILA REAL DE SANTO ANTONIO — Terminou ontem na Praia Verde, Monte Gordo, o primeiro curso de para-quadismo civil do Algarve, promovido pelo Aeroclube de Faro. Os novos para-quadistas civis, entre os quais se conta uma mulher, executaram ontem o décimo salto, condição exigida para terminarem o período de aprendizagem.

Angola aberta a toda a cooperação de professores portugueses

A cooperação entre Portugal e Angola, no sector do Ensino, pode considerar-se «um êxito» — afirmou o coordenador da Comissão Instaladora do Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda, Manuel Rui Monteiro.

Rui Monteiro, juntamente com Arlindo Barbeitos, membros da Comissão Coordenadora do Instituto, contactou vários sectores ligados ao Ensino Superior em Portugal, tanto em Lisboa como em Coimbra, Porto e Braga.

Rui Monteiro disse que a presença desta delegação em Portugal «vem na sequência das negociações efectuadas com o Governo português a nível de cooperação, especificamente, no sector da Educação e Cultura. A visita visou sondar, principalmente, a possibilidade de contratar cooperantes para a Universidade de Angola, em especial para o Instituto Superior de Ciências da Educação».

«Podemos dizer que a nossa missão se coroou de êxito» — prosseguiu — «quer pelo número de cooperantes potenciais para Angola (licenciados, docentes de universidade e técnicos de vários sectores), quer pelo espírito novo das relações entre Portugal e Angola».

As condições materiais que Angola oferece aos cooperantes são — afirmou — «excepcionais». «Há muitos portugueses em Angola e muitos mais dispostos a ir».

«Isto é importante porque os inimigos da nossa revolução costumam falsear as circunstâncias e as condições em que o processo se desenrola».

«Mas não nos compete a nós falar disso».

«Estão cá, neste momento, cooperantes portugueses em férias, e eles, na presença de outros portugueses, terão oportunidade de confirmar a realidade que nós vivemos, talvez mesmo perante os órgãos de informação que desvirtuam a realidade do nosso país» — frisou Rui Monteiro.

Surge a ansiedade de alfabetização como reflexo de ler das pessoas. «Os jornais esgotam; as edições da União dos Escritores Angolano (que produz uma das mais vastas literaturas de toda a África) da ordem dos dez e vinte mil exemplares por tiragem, esgotam-se em dias» — disse Rui Monteiro.

«Em Angola, de acordo com o que foi definido pelas autoridades

educacionais, todo aquele que aprende tem o dever de ensinar. Todo aquele que tem pelo menos o equivalente ao vosso ensino secundário é dispensado um determinado número de horas, diariamente, para dar a sua colaboração no ensino».

Neste momento, pode dizer-se, «toda a gente ensina e toda a gente aprende em Angola».

«No que se refere ao ensino superior já lutamos com mais dificuldades e exige-se uma participação mais intensa por parte dos professores, até porque estamos a erguer uma universidade nova», afirma ainda Rui Monteiro.

Novas escolas vão ser criadas, nomeadamente Direito e Arquitectura, além dos Instituto Superior de Ciências da Educação, com vários cursos de Letras, e que poderá mesmo ser considerado uma faculdade de letras dimensionada para preparação de professores licenciados após para o ensino médio.

Solicitado a falar sobre os sectores específicos da cooperação portuguesa, Rui Monteiro declarou que, em princípio, todo o ensino universitário deve ser ministrado em Língua portuguesa, «tendo em conta o que isso pode significar para o rendimento escolar dos alunos».

«A Língua portuguesa em Angola é a língua veicular e até por isso o cooperante português se nos afigura como o cooperante privilegiado». E evidente — acrescentou — que determinadas matérias em que a comunicação professor-aluno é fundamental se torna imprescindível que o ensino seja ministrado em Português. «Em Angola a universidade está aberta a toda a cooperação de docentes portugueses» — disse Rui Monteiro. «1979 é no país o ano da formação de quadros», acrescentou.

Sobre o que se processou na RPA a nível do ensino, afirmou que «já se alfabetizou nos cerca de quatro anos de independência mais gente do que durante os quinhentos anos de colonização».

«Neste momento cerca de um terço da população do país está a estudar. E evidente que grande parte são trabalhadores estudantes, os quais desenvolvem o seu trabalho nos mais diversos sectores de produção e que, ao mesmo tempo, estudam. «Tudo isto representa um grande esforço, pois o ensino no nosso país é gratuito».

CENTRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Se a CI não for homologada será ocupado em Outubro

Os pais das crianças inadaptadas de Vila Real ocuparão em Outubro o Centro de Educação Especial do distrito se o Ministério dos Assuntos Sociais não homologar a Comissão Instaladora do estabelecimento.

A decisão foi hoje tomada numa reunião de setenta pais de crianças inadaptadas, efectuada no Governo Civil.

Resolveu-se, também, enviar

a Lisboa, para evitar a ocupação, uma comissão encarregada de solicitar ao referido Ministério a homologação aguardada desde 1976.

Dessa comissão farão parte o Governador Civil de Vila Real, director Distrital da Segurança Social, membros da comissão Instaladora e representantes dos pais interessados.

Arderam em Figueiró dos Vinhos noventa quilómetros de mata

Uma mulher carbonizada

Foi dado por extinto, às 20 horas de ontem, o fogo que devorou cerca de 90 quilómetros de mata, pinheiros e eucaliptos, no concelho de Figueiró dos Vinhos. As chamas destruíram parcialmente o lugar de Casal de Alge e penetraram em terras de cultivo.

Na mesma localidade morreu carbonizada a sexagenária Olinda Silva, que recusou abandonar a sua casa. Quando as chamas a atingiram, já não foi possível aos bombeiros acudir-lhe.

Os prejuízos são, por ora, incalculáveis. Só depois de uma peritagem se poderá falar em números pelo menos aproximados, disseram-nos dos bombeiros de Figueiró.

Localidades como o Carapinhal, Fontainhas, Forno do Telheiro, Escamas, Vale do Rio, Jarda e Cabeças, viveram horas de aflicção, pois chegaram a estar praticamente cercadas pelo incêndio. Este, ao que foi averiguado, teve origem numa queimada, atuada por um octogenário do lugar de Cabeças, Alvaizere que, às tantas se viu impotente para dominar o fogo que alastrou das suas leiras para as matas das redondezas, facto ocorrido às 9.30 horas de sábado.

Combateram o sinistro os bombeiros de Figueiró dos Vinhos, auxiliados por mais 18 corporações das redondezas. Ainda assim, foi necessário recorrer às forças militares de Lei-

ria, e Tomar, e aos meios aéreos de que dispõem os Serviços Florestais da Lousã, quando o fogo depois de parecer dominado (ainda na manhã de sábado), irrompeu com nova violência, ateado por vento forte que propagou as chamas a uma frente de 30 quilómetros.

CARNAXIDE E CASCAIS

Embora não tenha atingido proporções alarmantes, deu que fazer aos bombeiros o fogo que, na tarde de sábado, deflagrou na

Serra de Carnaxide. Os bombeiros que o debelaram admitem que se tenha tratado de fogo posto, pois ele teve início em duas frentes distintas.

Também, foram, aparentemente, fogos postos os sete focos de incêndio, registados durante o fim de semana em pinhais dos arredores de Cascais. As chamas chegaram a atingir cinco mil metros quadrados. Os bombeiros conseguiram evitar o pior, que seria as chamas atingirem uma vasta zona residencial, assim como um depósito de gás, localizado numa área próxima.

Centro Comercial do Móvel de Lisboa, Lda.

(GRANDE ARMAZÉM DE EXPOSIÇÃO E VENDA — CERCA DE 1000 m²)
AV. DO BRASIL, 186 B/C — LISBOA (Aberto diariamente até às 23 horas — sábados também)
TEL. 89 38 15

O bom gosto e a melhor qualidade num grande sortido de estofos e mobiliário em todos os estilos (preço de armazenista).
Boa assistência técnica garantida.

EM AVEIRO:

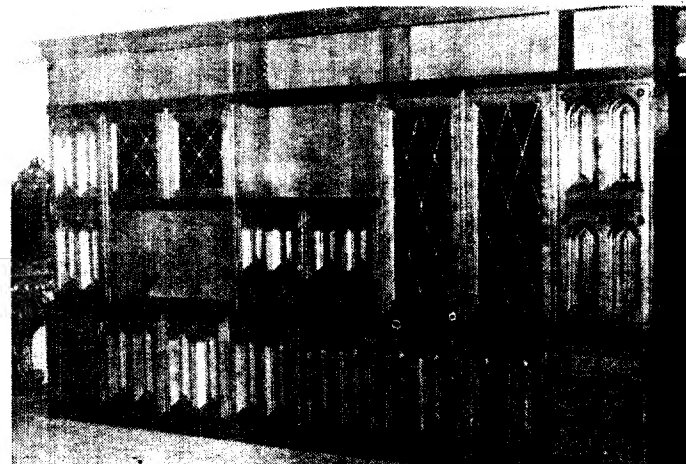
(a maior exposição, no género, do país)

Centro Comercial do Móvel

de Fernando Dias Gonçalves

Rua Direita de Aradas (ao Eucalipto). Tel.: 257 01

FAZEM-SE MÓVEIS POR ENCOMENDA COM ORÇAMENTO



«Presença Coimbra»



Caminhos de Ferro Portugueses

LISBOA e PORTO		MADRID	
PORTO	P. 18,45	MADRID	P. 22,05
LISBOA	C. 21,10	LISBOA	C. 9,45
MADRID	C. 11,03	PORTO	C. 13,00

* em carruagem directa a partir de 24.6.79.

A partida de Lisboa e Madrid pode fazer-se acompanhar do seu automóvel, utilizando o serviço auto-expresso.
Consulte as Secções de informações ou os cartazes afixados nas estações.

EUA

Prisões impedem "parada" de membros do Ku Klux Klan

A polícia do Alabama prendeu 189 membros da organização racista Ku Klux Klan, que entraram domingo na capital do Estado, Montgomery, sem a devida autorização para realizar a parada final da sua marcha desde Selma até aquela cidade.

O KKK queria levar a parada até à entrada do Capitólio da cidade para marcar o final da sua "marcha pelo poder branco", que durou quatro dias e repetiu o percurso seguido por Martin Luther King, em 1965, em defesa dos direitos civis.

Uma força policial mandou identificar, fotografar e prender os membros do Klan, gesto que provocou a ira do "bruxo imperial" Bill Wilkinson, líder da organização. A partir de agora, ameaçou, Montgomery "enfrentará a fúria do Klan". A detenção fez-se sem problemas e, ao contrário de sábado, os membros do KKK não estavam armados.

UM REGRESSO DO KKK?

O "império invisível" do Ku Klux Klan gosta da publicidade.

A marcha de Selma para Montgomery, no Alabama, atraiu a um itinerário célebre ou simbólico, televisões, fotógrafos e jornalistas.

Em 1965, catorze anos antes, os militantes pelos direitos civis seguiam entre estas duas cidades o pastor Martin Luther King. A sua marcha foi mais movimentada do que a dos membros do Ku Klux Klan. Vários foram feridos pela polícia, e uma mulher branca, Viola Liuzzo, que acompanhava o pastor King, foi morta em Hayneville. «A senhora Liuzzo agia hipocritamente ao ajudar aqueles negros. Ela era a favor da integração racial, um pecado ainda maior do que o assassinato», declarou no sábado o "grande feiticeiro do KKK", Bill Wilkinson.

Com a sua marcha de Selma, o Ku Klux Klan não ataca apenas o símbolo do que foi a luta dos anos sessenta pela igualdade das raças. Esta marcha pretende ser também um símbolo, o do ressurgimento do Ku Klux Klan.

Esta organização racista, no cume do seu poder nos anos 20, tinha praticamente desaparecido no final dos anos ses-

senta. Mas recuperou hoje, apesar de dividida um pouco da sua "glória" passada.

Fundada em 1865 no Tennessee por um civil e cinco oficiais desmobilizados do exército da Confederação dos Estados do Sul que acabava de perder a guerra da secessão, o "KKK" desenvolveu-se regularmente até contar nos anos 1920 quatro a seis milhões de membros e de simpatizantes. Era a grande época, aquela em que o Klan

podia fazer e desfazer governadores e até senadores.

O pós guerra e, sobretudo, os anos sessenta, a série de vitórias alcançadas pelos negros na sua luta pelos direitos civis, fizeram perder ao "KKK" uma audiência considerável.

Ja não sucede o mesmo hoje. Contando entre 10 mil e 50 mil membros, os diferentes ramos do Klan, se não acharam temas novos, recuperaram pelo menos novo alento.



O dirigente da seita racista norte-americana Ku Klux Klan, Bill Wilkerson, pega nas tochas para a cerimónia do acender da cruz, nos subúrbios da cidade de Montgomery.

Governo move acção contra Polícia de Filadélfia

O Governo americano prepara-se para intentar uma acção judicial contra a polícia de Filadélfia, acusada de violar os direitos civis e constitucionais de todas as minorias étnicas e raciais da cidade.

Esta acção sem precedentes do Departamento da Justiça Americana, anunciada no domingo pela revista «Newsweek» e confirmada pelo «New York Times» na edição de hoje, intimou o presidente da Câmara de Filadélfia, Frank Rizzo, chefe da polícia da cidade, a fazer cessar as brutalidades policiais.

A decisão do Departamento da Justiça segue-se a um inquérito do procurador federal de Filadélfia, Peter Vaira.

O ministro da Justiça, Griffin Bell, tinha ordenado este inquérito, depois de receber queixas de representantes das minorias de Filadélfia sobre os abusos policiais cometidos na sua cidade.

Falência da "Chrysler" provocará quebra do PNB

O colapso financeiro da Chrysler Corp. poderá causar uma instabilidade temporária na economia dos EUA, representando uma perda de 200 mil a 300 mil empregos — conclui um estudo preparado pela «Data Resources Inc.».

O estudo salienta as graves consequências resultantes da falência do terceiro maior produtor norte-americano de automóveis e não prevê que a Chrysler resolva a actual crise.

A falência da Chrysler significa: — outros produtores de auto-

móveis absorverão parcialmente os trabalhadores da Chrysler após algum tempo.

— uma perda inicial de 340 mil empregos na Chrysler e noutras firmas, podendo atingir os 400 mil representando uma perda final de entre 200 mil e 300 mil.

— ligeira queda no produto Nacional dos EUA, juros mais altos e redistribuição do mercado da Chrysler pelos outros fabricantes de automóveis, implicando a importação de mais 100 mil a 200 mil veículos, elevando o défice comercial em 2,1 biliões de dólares.

EUROPA

Espanha participa na Conferência dos Não-Alinhados

A Espanha assistirá à Conferência dos Países Não-Alinhados de Setembro em Havana, anunciou hoje de manhã o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Marcelino Oreja.

A presença espanhola na conferência dos não-alinhados, precisou Oreja, não alterará em nada a política estrangeira da Espanha, designadamente no que respeita à NATO.

A Espanha estará em Havana na qualidade de país convidado.

Oreja acentuou também que o nível de representação não tinha ainda sido decidido, mas que em caso algum seria ao nível do ministro.

POLÍCIAS ESPANHOIS VENDEM GASOLINA

Doze mil e quinhentos polícias estão já a postos para garantirem a distribuição de gasolina em Espanha, a partir de hoje, dia em que os trabalhadores dos



Marcelino Oreja

postos de abastecimento vão entrar em greve, até quinta-feira.

A greve foi lançada pelas Comissões Operárias, segundo revelou o Ministério do Interior, e apenas afecta 20 mil empregados das 2200 estações de serviço do sector privado. As 1500 estações da empresa estatal «Campsa» permanecerão em funcionamento.

A greve, que não tem o apoio da União Geral dos Trabalhadores, visa a obtenção de um aumento salarial da ordem dos 13%.

GRÃ-BRETANHA

Manifestação a favor da retirada das tropas no Ulster

Cerca de dez mil pessoas manifestaram-se ontem no centro de Londres a favor da retirada do Ulster das tropas inglesas, por ocasião do décimo aniversário do início da sua intervenção.

Os manifestantes, aos quais fora proibido realizar um comício em Trafalgar Square, desfilaram na calma, da Hyde Park a Downing Street, onde foi depositada uma carta destinada ao primeiro-ministro, sra. Margaret Thatcher.

O cortejo compreendia delegações de seções locais trabalhistas do Partido Comunista, do Partido dos Trabalhadores Socialistas, dos jovens liberais, do Sinn Féin, do Provisório, e um grupo de membros do sindicato dos transportes.

MANIFESTAÇÃO CATOLICA

Cerca de dez mil católicos irlandeses manifestaram-se du-

mingo em Belfast contra a presença britânica.

A marcha de protesto era aberta por elementos do IRA (Exército Revolucionário Irlandês), mascarados e armados.

Registaram-se alguns incidentes entre grupos de jovens manifestantes e soldados britânicos, que utilizaram gás lacrimogéneo e balas de plástico — não se verificando no entanto feridos graves.

...zòn eb etzop oñi meup èh
?éov e

op zomebas oñi meup èh
AUPARACIA
AHO A DE BARDINO
uiss èl

ASIA

Khomeinistas atacam partidários da liberdade de Imprensa

Vários milhares de pessoas manifestaram-se no domingo à tarde em Teerão, convocadas pela «Frente Nacional Democrática» a favor do jornal independente «Ayandegan» fechado na passada terça-feira pelo Governo e também para defender a liberdade de Imprensa no Irão.

Os manifestantes foram atacados durante todo o percurso do desfile, desde a universidade a Presidência do Conselho por centenas de contramanifestantes Khomeinistas.

Muito organizados, vários pequenos grupos khomeinistas atacaram os manifestantes «democratas» por todos os lados, cacetada, à pederada, com tijolos, garrafas partidas e outras armas brancas.

Vários manifestantes foram feridos, cinco dos quais gravemente, pelos contramanifestantes que era dispersos momentaneamente por tiros de gás lacrimogénio de «Guardas da Revolução».

Aos gritos de «Fedayine (marxistas independentes) Tudeh (comunistas prosoviéticos), vocês são parasitas da sociedade» e de «um só partido, o do ala, um só chefe. Khomeini, os extremistas chitas opunham assim as suas palavras de ordem às dos manifestantes «democratas» que gritavam «morte ao fascismo, abaixo a reacção».

A manifestação finalmente dispersou-se no desordenado enquanto pequenas escaramuças prosseguiram em diversos locais entre manifestantes «democratas» e khomeinistas.

FEDAYINES ATACADOS

Quinhentos militantes islâmicos, armados com paus e barras de ferro, atacaram hoje a sede de Teerão do grupo guerrilheiro progressista Fedayine e destruíram arquivos e registos.

Os militantes fedayines evacuaram o edifício e fugiram em motorizadas.

O ataque seguiu-se a batalhas de rua, ontem, em Teerão, entre militantes muçulmanos e de esquerda, em que foram feridas várias centenas de pessoas.

A ala armada dos fedayines esta na clandestinidade há vários meses e a sede do grupo tinha apenas cerca de uma dezena de militantes.

Os militantes islâmicos destruíram hoje fotografias de membros fedayines, mortos na revolução

AFEGANISTÃO

Criada frente de forças rebeldes

Quatro importantes organizações rebeldes conservadoras afeãs combatendo o regime socialista do presidente Taraki anunciaram hoje a sua fusão no seio de um novo movimento «Teiman Atahad Islami».

«Aqueles que juraram combater pelo Islão».

Nun comunicado publicado em Peshwar, a «Frente Nacional de Libertação» de Seghbatullah Mujaddedi, o «Jamiat Islami Afghanistan» do professor Buhrauddin Rabanni, o «Movimento da Revolução Islâmica» de Mauvali Mohammadi e o «Hezdi-Islami» do Maulavi Mohammed Yunus Khades, anunciaram a sua unificação em 11 de Agosto.

O comunicado precisa que a uniao decidida «para uma melhor coordenação dos Mujehedins» (combatentes muçulmanos).

Os quatro dirigentes pedem aos Mujahedins para continuar a «combater o comunismo» de modo «mais coordenado», segundo este comunicado.

A unificação dos quatro grupos de rebeldes muçulmanos ategaos verifica-se depois de quase um ano de negociações e aproximações falhadas, notas os observadores. O novo movimento não inclui dois grupos influentes: o «Hezdi Islami» de Gulbuddin Ekmatiar e a «Revolução Islâmica» de Gilani. Mas constitui de agora em diante o agrupamento conhecido mais importante no seio da revolta conservadora muçulmana.

Todavia os dirigentes religiosos de Peshawar não dispõem de uma verdadeira influência fora da sua própria tribo e dos 140 mil refugiados afeãos recenseados oficialmente pelo governo paquistanês. Muitos grupos parecem operar independentemente no Afeganistão, particularmente no Norte e Oeste do país.



AMÉRICA LATINA

Frente Sandinista liberta prisioneiros

Um total de 300 prisioneiros, na maioria ex-membros da Guarda Nacional foram postos em liberdade no domingo na capital nicaraguense.

O ministro do interior Tomaz



Tomás Borge

Borge Martinez, revelou que em todo o país existem cerca de 5 mil prisioneiros, cujos casos estão sendo estudados para serem postos em liberdade gradualmente. Os 300 presos libertados chegaram esta noite a Managua procedentes de Jinotega, cidade localizada ao norte da Nicarágua, onde foram capturados. Trata-se de ex-membros da Guarda Nacional ou adeptos do somozismo.

O Governo entregou estes prisioneiros à Cruz Vermelha, que se encarregará de resolver os problemas da alimentação e transporte para que eles possam regressar as suas terras. A entrega dos prisioneiros foi feita na praça de «Interfinanceira», uma das tantas empresas que pertenciam a Anastasio Somoza.

Os ex-guardas, que antigamente detinham qualquer pessoa que manifestasse qualquer tipo de apoio à Frente Sandinista, gritavam na praça «pátria livre ou morte», «viva a Frente Sandinista» e criticaram duramente o regime de Somoza.

MÉDIO ORIENTE

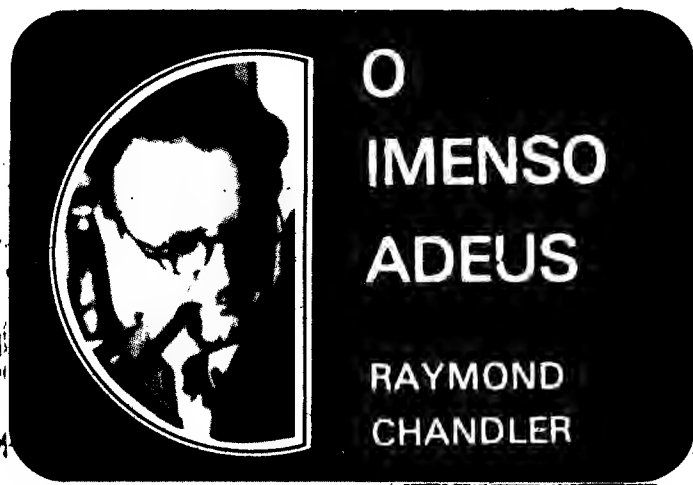
Atacado embaixador do Iraque no Líbano

O embaixador iraquiano no Líbano, Abdel Hussein Muslem foi hoje ferido a tiro quando seguia de automóvel para a embaixada situada na estrada marginal de Beirute.

O embaixador encontra-se hospitalizado, embora o seu es-

tado não seja grave. Desconhecem-se de momento outros pormenores sobre o atentado.

Muslem desempenha as funções de embaixador em Beirute há três meses.



Livros do Brasil College Trustees

—Houve um certo consumo de whisky. Não muito. Ador-meceu no sofá do escritório.

—Ele telefonou-lhe?

—Telefonou mas não foi por isso. Convidou-me para almoçar. Mas ele não comeu nada.

—Oh—e sentou-se no sofá. Sabe, esqueci-me completamente que hoje era quinta-feira. E a cozinheira também saiu. Que estupidez.

—O Candy arranhou o almoço antes de sair. E agora vou-me embora. Espero que o meu carro não estivesse no caminho.

Ela sorriu.

—Não estava. Há muito espaço. Não quer tomar chá? Eu vou arranjar para mim.

—Obrigado.

Não sei porque disse que sim. Não me apetecia beber chá. Mas disse-o.

Ela tirou o casaco de linho e disse:

—Vou ver se o Roger está bem.

Fiquei a olhá-la enquanto atravessava até à porta do escritório e a abria. Ficou um momento a olhar para dentro, fechou de novo a porta e voltou para trás.

—Continua a dormir. E ferrado. Eu vou lá a cima mas não me demoro.

Apanhou o casaco, as luvas e a carteira e subiu as escadas. A porta do quarto fechou-se. Dirigi-me para o escritório com a ideia de lhe tirar a garrafa. Se dormia já não ia precisar dela.

36

O escritório cheirava a fechado e a atmosfera tinha um cheiro acre. O silêncio era anormal. Não foi preciso muito para me aperceber que deitado no sofá estava um tipo morto.

219

Distúrbios no Bangladesh

Uma reunião de cerca de 3 mil biharis (muçulmanos do Bangladesh) que mencionavam como «amanha uma longa-marcha» em direcção ao Paquistão, através da Índia, foi dispersada ontem pela polícia do Bangladesh na região de Dinapur. Foram detidos cinco dirigentes biharis. Outros incidentes ocorreram em Sidpur, no noroeste do país, onde 30 mil biharis queriam vir juntar-se à «longa-marcha». Ficaram feridas umas sessenta pessoas.

Os biharis que vivem no Bangladesh anunciaram o desejo de retornar ao Paquistão, que consideram a sua verdadeira pátria.

Tanto as autoridades da Índia como as do Bangladesh anunciaram que não permitiriam a «marcha». A Índia colocou as suas tropas na fronteira com o Bangladesh em estado de alerta.

ÍNDIA

Desabamento de barragem provoca milhares de mortos

Centenas talvez milhares de pessoas afogaram-se ou foram arrastadas no desastre da barragem que inundou a cidade de Morvi, no Ocidente da Índia.

Soldados foram enviados para a zona a 500 quilómetros a nordeste de Bombaim, onde se esperava chuvas das monções. Tinham já inundado as estradas e caminhos de terra, e destruído linhas telefónicas.

A agência noticiosa indiana disse que a última chuva fez subir o rio Murchi cinco metros

acima do topo da barragem e destruiu a parede de terra de uma segunda barragem.

Uma massa de água com seis metros de altura atravessou a cidade com 60 mil habitantes, derrubando casas e arrastando pessoas e gado.

A água desapareceu rapidamente abandonando cadáveres e ambos os lados da rua, disse o presidente da câmara Jeswani.

Declarou que receava que o número de mortos atingisse 5 mil.

EVA, LDA
CABELEIREIRO

MARQUÊS DE POMBAL, 1
R. C. CASTELO BRANCO, 23

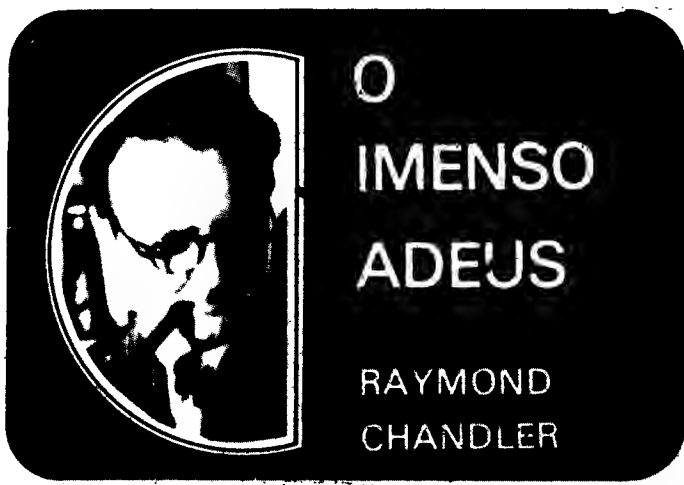
Caminhos de Ferro Portugueses

LINHA DE CASCAIS

Vai à praia no domingo?

Adquira o seu bilhete aos sábados na Estação do Cais do Sodré das 14 às 23 horas.

Poupará tempo se comprar de ida e volta.



— Livros do Brasil/College Trustees

Ele estava de lado e entre o peito e as almofadas do sofá havia um pequeno charco de sangue no qual se via a Wabley.

Debrucei-me para ver o buraco na cabeça de onde saía o sangue. Deixei-o como estava. Tinha o pulso quente mas não havia dúvidas que estava morto. Olhei em redor à espera de encontrar uma carta ou um daqueles papéis amarelos que ele tinha por hábito escrever. Mas só vi as resmas do original. A máquina de escrever estava descoberta. Mas tudo o resto tinha um ar normal. Os suicidas preparam-se das maneiras mais diferentes. Alguns com álcool, alguns com jantares e champanhe. Alguns vestem-se de «smoking», outros põem-se nus. Há pessoas que se matam deitando-se de muros abaixo, outras nas casas de banho, outras afogam-se. Há as que se enforcam e as que se asfixiam. Este suicídio parecia-me simples. Eu não tinha ouvido o tiro mas devia ter-se dado quando desci até à margem do lago para ver o barco a motor. Havia muito barulho. O que não percebia é porque o Roger tentara encobrir a detonação com o barulho do barco. E provavelmente não tentara. Tinha sido mera coincidência. Não me agradava, mas ninguém se interessava pelo que eu pudesse ou não gostar.

No chão estavam os pedaços do cheque que ele tinha rasgado e eu deixei-os ficar. No cesto dos papéis também estavam os papéis amarelos que o Wade tinha rasgado, mas esses não os deixei ficar; tirei-os e guardei-os no bolso. Não valia a pena fazer hipóteses sobre a localização da pistola. Podia estar escondida em vários lugares. Numa cadeira, no sofá, por debaixo das almofadas, até no chão ou atrás dos livros.

Sai e fechei a porta. Fiquei à escuta. Ouvi barulho na cozinha. Fui até lá. A Eileen tinha posto um avental azul e a chaleira estava ao lume e começava a apitar. Ela apagou o fogão e perguntou-me:

— Como gosta do chá, sr. Marlowe?
— Simples.

220

**Sabe
como
entrar
em contacto**

**com
a
Comissão
Nacional
de Eleições?**

**Comissão Nacional de Eleições
Rua Augusta, n.º 27, 1.º Dto.
Lisboa 1100
telefones:**

360480

360489

ROTEIRO CULTURAL

No próximo Festival Internacional de Cinema de Veneza, a realizar de 25 de Agosto a três de Setembro, vão ser apresentados, nada mais nada menos, que 35 filmes em estreia. O festival que é dedicado ao realizador Nicholas Ray, recentemente falecido, apresenta um programa cheio que todo o leitor cinéfilo terá interesse em conhecer.

Dia 25 é apresentado «O Prado» dos irmãos Taviani (Itália); 26, «Ancheta, José do Brasil», de Paulo César Saraceni (Brasil) e «Estrangulamento» de Kaneto Shindo (Japão); 27, «Um Drama burguês» de Florestano Vancini (Itália) e «Soldados» de Alfonso Ungria (Espanha); 28, «O Mago», de Menahem Golan (EUA) e «Passementage» de Jean François Stevenin (França); 29, «O Super» de Ichaso e Orlando Jimenez (EUA) e «Maratona de Outono», de Georgi Danilija (URSS); 30, «A Morte do Portador de Água», de Desalah Abhu (Tunísia-Egipto) e «Vereda Tropical», de Joaquim Pedro de Andrade (Brasil) e «Fuga de Alcatraz» de Don Siegel (EUA); 31, «Cinema» de Liana Eliava (URSS) e «Saint-Jack», de Peter Bogdanovitch (EUA); dia um de Setembro, «Samba o Grande» de Mustapha Alassane (Argélia), «Funerais a Bongo, Anais Dolo» de Jean Rouch (França) e «A Lua» de Bernard Bertolucci (Itália); dia 2, «Assim passam os dias na Terra» de Girab Paskaljevic (Jugoslávia); dia 3, «O Rio» de Feisla Jasri (Irão) e «More American Graffiti», de Bill Norton (EUA); dia 4, «The Wanderers» de Philip Kaufman (EUA), «Presença» de Miklos Jancsó (Hungria), «Ogro», de Gillo Pontecorvo, e «The Space Movie» de Tony Palmer (Inglaterra).

Em tempo de vacas magras, a inauguração de uma exposição é necessariamente notícia — amanhã, Thomaz de Mello (Tom) expõe na Galeria de Arte do Casino do Estoril, cerca de meia centena de trabalhos, produzidos num período que vai de 1939 a 1979, pelo que esta exposição poderá ser considerada como uma retrospectiva da obra do autor. Tom, expôs pela última vez no nosso País em 1973, (uma retrospectiva apresentada no Palácio Foz abrangendo 45 anos da sua activi-

dade artística), tendo efectuado, entretanto, uma exposição em 1978, no Centro de Arte Euro-Americano de Caracas. Esta exposição deverá manter-se aberta até ao dia 28.

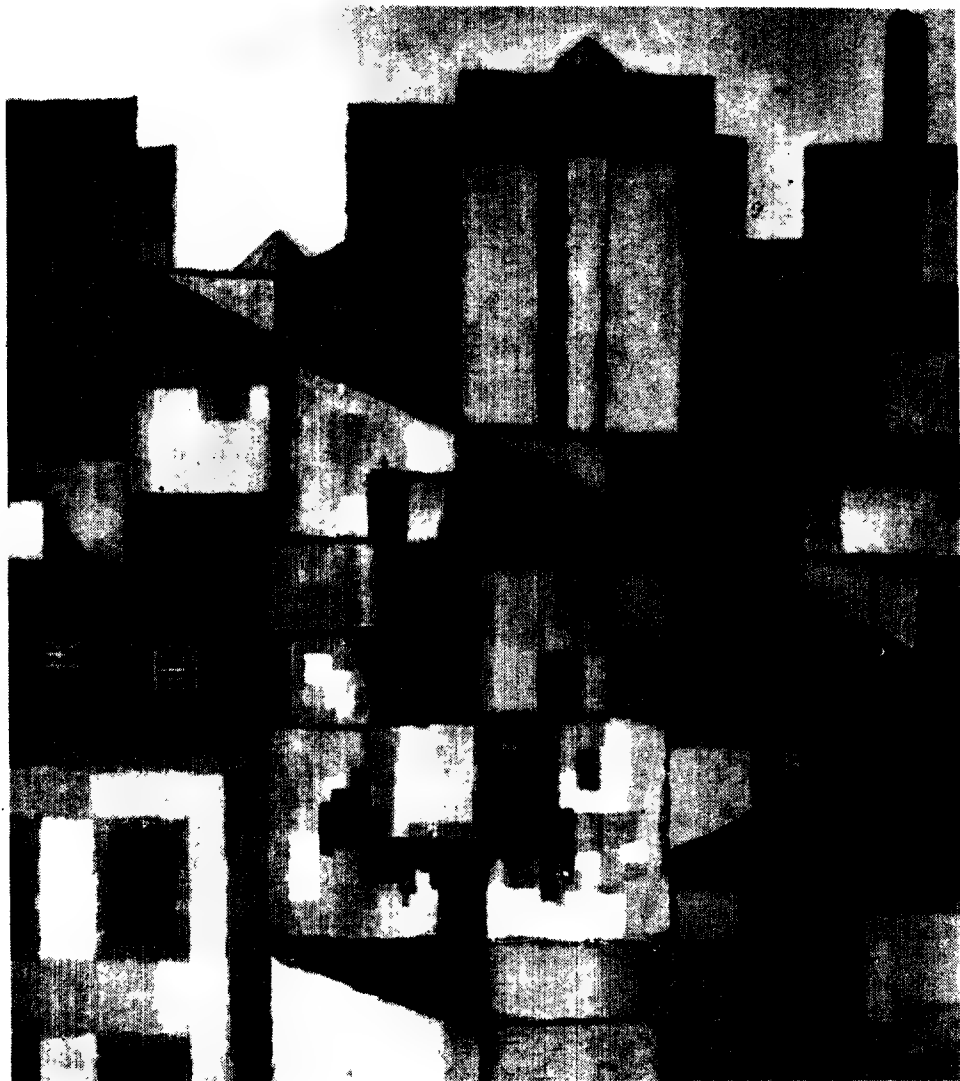
Hoje pode mudar para a RTP-2 e ver ou rever pelas 22 horas a primeira parte da peça de Alain Decaux «O Caso Rosenberg», que retrata com rigor o anticomunismo e a caça às bruxas que alastraram pelos Estados Unidos nos anos 50. A peça foi premiada pela Sociedade Francesa de Autores. São intérpretes, Lia Gama, António Marques (os protagonistas, o

Do teatro em vida austera apenas um pequeno apontamento: estão para muito breve as estreias de «A Mãe» de Witkiewicz, pelo TEC e encenação de Carlos Avilez (o Picadeiro do Estoril é a nova sala deste grupo de teatro experimental); e «O Chá dos Generais» de Boris Vian pelo Grupo 4, no Teatro Aberto, que, na época passada, cometeu a proeza de estreiar dois originais portugueses, de Luís Sítua Monteiro e José Cardoso Pires.

Ainda teatro: começa hoje e prolonga-se até ao fim do mês um curso intensivo de formação de actores

os historiadores Vitorino Magalhães Godinho, Joel Serão, Teixeira da Mota, Oliveira Marques e André Rocha, foram convidados para o Congresso Internacional de História a realizar em Bucareste no próximo ano.

A nossa sugestão de hoje: a Igreja de S. Roque, no Largo da Trindade, merece mesmo uma visita longa. Foi fundada em 1506. E riquíssima em quadros, o tecto é uma das mais belas pinturas sobre madeira que Lisboa possui. A capela de S. João Baptista é, depois da Capela Sistina de Roma, a



O Porto visto por TOM, que amanhã é apresentado em retrospectiva na Galeria de Arte do Casino do Estoril

casal Rosenberg), Rui Mendes, Canto e Castro, Marília Gama, Carlos César, Carlos Daniel, António Assunção, Luís Lello, Vítor de Carvalho e Santos Manuel. A realização é de Oliveira e Costa.

Ainda no âmbito do Festival de Música da Costa do Estoril, apresenta-se hoje no Casino, a partir das 21 e 30, o Ballet Gulbenkian, com «Variações Paganini», «Twilight» (Crepúsculo) e «Glória».

da responsabilidade de Casa da Cultura das Caldas da Rainha, e com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura.

O Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC) já tem peça para apresentar em Novembro. Trata-se do «Folhetim em forma de performance» que o encenador Ricardo Pais foi «picar» à leitura de um jornal do dia. Prestígio reconhecido:

mais rica em preciosidades artísticas da Europa. Possui magníficas cópias de Masaccio, o Baptismo de Jesus Cristo de Miguel Angelo, a Anunciação de Guido Rénis; a Descida do Espírito Santo de Rafael. Pode ainda ver dois tocheiros de prata que medem 2,30 m de altura, muitos mosaicos, pedras raras, pratas cinzeladas, paramentos de grande riqueza. Esta igreja foi doada em 1769 à Misericórdia de Lisboa pelo Marquês de Pombal.

“Praxis”: revista exemplar de assuntos económicos

Encontra-se já à venda o último número da «Praxis», revista da Associação de Estudantes da Faculdade de Economia do Porto que tem vindo a impor-se pela sua qualidade e pelo nível dos seus colaboradores em assuntos económicos.

Particular interesse neste número duplo (6/7) da revista assumem os depoimentos de João MAartins Pereira, António Rebelo de Sousa, Almeida e Sousa, Vital Moreira, Alberto Martins, e António Sousa Gomes, sobre «Revisão Constitucional e Ordem Económica». A atenção também para um texto de Charles Bettelheim sobre a questão da dissidência nos países de

Leste. Por outro lado constituem importantes instrumento de trabalho para especialistas ou simples estudiosos do planeamento económico-social, da economia de empresa e da análise da conjuntura económica, os artigos de João Cravinho, José Alberto Pinheiro Pinto e Amílcar Pina.

Criada em 1977, a «Praxis», é dirigida pelo dr. José Madureira Pinto, sendo composta e impressa na Secção Editorial da Associação de Estudantes da Faculdade de Engenharia do Porto. O seu corpo redactorial é composto por Alfredo Teles, Ana Paula Delgado, Carlos Epifânio, Daniel Bessa, Fernando Lima (representante da COOPE-

RUNI), Helena Alves, João Seixas Vale, Joaquim Carmona, José Madureira Pinto, José Luís Alvim, José Manuel Fonseca, Manuel Guilherme Costa, Manuel Luís Costa, Maria Elisa Babo, e Pedro Portugal (representante da Associação de estudantes).

Os três primeiros números estão totalmente esgotados. Entre os habituais colaboradores da «Praxis», contam-se Armado Castro Bayard Boiteaux, Daniel Bessa, Mário Murteira e José Alberto Pinheiro Pinto. O preço da assinatura (quatro números) é de 150\$00 (100\$00 para os estudantes). Por número o preço tem variado segundo a quali-

dade de apresentação que tem sido progressivamente melhor. Por exemplo, o último número, 6/7 de 161 páginas custa 85\$00.

De acordo com os princípios programáticos do Estatuto da «Praxis» a revista propõe-se promover um permanente e sério debate teórico «contribuir para um conhecimento aprofundado da realidade socioeconómica portuguesa, na perspectiva da sua transformação de acordo com os objectivos hoje constitucionais», «procurar reforçar a ligação da escola e das suas actividades ao exterior, em particular, à região Norte» e «dinamizar e incentivar a realização de trabalhos individuais e colectivos

Canal da Crítica

TV pinta domingo de negro

Televisão portuguesa: esta sujeita apenas serve para nos dar cabo dos nervos. Ela é, se quisermos empregar a palavra muito usada, uma perfeita máquina de desestabilização.

Eu gostaria de merecer dos meus leitores a confiança bastante para acreditar que razões de ordem política não me levariam nunca a cometer injustiças. Também dou à RTP a vantagem da boa-fé, ou seja, ela acreditaria que fulano ou fulana fizesse coisa decente e afinal saiu uma porcária indecente. Na primeira qualquer cai.

Certo. Mas na segunda cai quem quer. E eu começo a pensar que razões terão movido o

produtor Melo Pereira a insistir na produção do Guedes mais o seu piano. Melo Pereira, pense-se a seu respeito o que se pensar, é um profissional com larguíssima experiência destas ligeirices musicais. Ele conhece por força onde está um mínimo de qualidade, um mínimo do sentido da responsabilidade. Que terá ele visto neste Cantinflas da tecla para não apenas se lhe admitir uma dose, mas para lhe permitir segunda? Mistério! Não estará Melo Pereira a compreender quanto joga da sua credibilidade junto do público?

O que ontem se passou com a emissão dedicada a Beatriz Costa, é de fazer arrepelar os

cabelos ao mais careca. Tornas-se evidente que, incapaz de assegurar clientela por seus próprios meios, o sujeitinho busca a sombra das grandes árvores, dos grandes nomes. Entre outros, a Judy Garland e o Frank Sinatra. Ontem, Beatriz Costa.

O sujeitinho mostrou-se totalmente incapaz de perceber a incompatibilidade entre certas canções, de composição extremamente simples, e a força do piano. O piano teria de «brincar» com elas em vez de as levar espoladamente a sério, como sucedeu ontem.

As canções (aquelas e outras) vivem do milagre de frescura, de simplicidade, de força popular e de grande sabedoria na arte da comunicação chamado Beatriz Costa. Aquilo em que Beatriz Costa tocou, mais ninguém pode tocar. Vivas na boca de Beatriz Costa, morrem longe dela. São como as pedrinhas e as conchinhas tocadas pela onda e pelo sol; perderam todo o encanto quando as trazemos para casa.

Além disso, este homem trestando a mentalmente débil. Quem conhece, o mínimo que seja, a sensibilidade de Beatriz Costa imagina quanto pode ferir a certo falabaratismo deste perfeitado escalracho televisual.

Com tal programa, a televisão portuguesa não satisfeita com o seu neolítico, desce ao paleolítico. Tudo aqui é mal dito, mal organizado, mal feito, deprimente para os olhos e para a inteligência.

A RTP deveria providenciar para que os domingos, na sua característica de apaziguamento, não servissem, pelo contrário, como elemento de perturbação na audiência. Mas parece que Deus está resolvido a perder esta televisão, pois é dito que Deus endoidece primeiro aqueles a quem quer perder. Não pode considerar-se que está léle da cuca uma TV que mantém o Guedes, enquanto despede José Hermano Saraiva e anda a fazer fosquinhas miseráveis para afastar António Vitorino de Almeida, coisa a que faltou coragem ao próprio governo fascista?

O domingo teria outro motivo de escândalo.

Refiro-me à partida de voleibol entre a União Soviética e a Checoslováquia.

Nos países ocidentais generalizou-se a divisão dos desportos em ricos e pobres. Esta metodologia não leva em conta as características próprias de cada desporto, mas o lugar que as modalidades ocupam na bilheteira. Dá dinheiro, são ricos; não dão, são pobres. Aquilo que Sancho Pança, criticamente, traduzia por «Tanto tens, tanto vales».

Não é este o ponto de vista nos países onde o socialismo já é uma realidade. Na União Soviética, só para dar um exemplo, o voleibol masculino é praticado por seis milhões de jovens e o feminino por três milhões. Como sublinhava ontem o comentador desportivo, tanto como toda a população portuguesa...

Frente a frente, pois, duas grandes potências de um belo e útil desporto. Possibilidade única de fazer a propaganda dele entre nós.

Que faz a televisão? Corta o directo na última partida para nos dar algumas ninharias enlatadas! Incrível, mas verdadeiro. Se não me quiserem acreditar, informem-se.

Indecentemente, esta televisão anda a brincar com o pagode. Até quando?

MÁRIO CASTRIM

Hoje



Três das personagens do «Caso Rosenberg»

I PROGRAMA

- 18.30 Riscos e Histórias
- 19.00 País, País
- 19.20 Fado Vadio — 5.º programa.
- 20.00 Jornal RTP/1
- 20.30 Manuel e Beatriz
- 20.35 Vida e Memória de Agustina Bessa Luís
- 21.30 O Tempo
- 21.35 «Os Bastidores de Washington» — 7.º episódio.
- 22.25 Volta a Portugal em Bicicleta
- 22.40 24 Horas
- 22.55 Fecho

II PROGRAMA

- 20.30 «D. Bárbara» — 22.º episódio.
- 21.30 Informação/2
- 22.00 «O Caso Rosenberg»
- 23.00 Fecho

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

DESTAQUES

I PROGRAMA
Fado Vadio (19.20)

II PROGRAMA
«O Caso Rosenberg» (22.00)

Amanhã

I PROGRAMA

18.30: «Rei Artur»; 19.00: País, País; 19.25: Música Maestro; 20.00: Jornal RTP/1; 20.30: Manuel e Beatriz; 20.35: O Tempo; 20.40: Berlin-Lisboa Musical; 21.20: Discussão do Programa do Governo; 22.45: Volta a Portugal em Bicicleta; 22.55: 24 Horas; 23.10: Fecho.

II PROGRAMA

20.30: «D. Bárbara»; 21.30: Informação/2; 22.00: Cartas na Mesa; 23.00: Fecho.

A PARTIR DE 5.ª FEIRA, 16

TEATRO
Grupo 4
APRESENTA
O CHÁ
dos
GENERAI'S
de BORIS VIAN

NOITES DE SEMANA, ÀS 21.30
SÁBADOS, ÀS 18 E ÀS 22 HORAS
DOMINGOS, ÀS 16 HORAS
ESP. NÃO ACONS. A MENORES 13 ANOS
Subsídio da S.E.C

3.º MÊS
FAZENDO
27.000
FASTUDO

A GRANDE, INTERNACIONAL E MÁGICA COMPANHIA DE CIRCO DE MADAME TEXAS NA CASA DA COMÉDIA — TEATRO DE BOLSO DE LISBOA
Rua S. Francisco de Borja, 22/24
Diariamente às 21.30 (folga às terças-feiras) marcações pelo tel. 667259
Um espectáculo de FILIPE LA FÉRIA
desconto 40% p/estudantes sub. da SEC e Fundação Gulbenkian
Até 15 de Agosto

objectivo da exposição:

1.ª feira
coruche vale 80
do sorraia

exposição
coruche vale 79
do sorraia
INTEGRADA NAS FESTAS POPULARES

Considerando a inserção do Concelho de Coruche na grande riqueza nacional — O Vale do Sorraia — zona de elevados potenciais e «desconhecida» para as entidades governamentais zona das maiores produções de arroz, tomate, cortiça e onde aparece o tabaco com a Reforma Agrária

Zona onde a natureza da produção das cooperativas e U.C.P., e Câmara Municipal de Coruche mais uma vez não poderia deixar de dar a conhecer a todos os Coruchenses como a toda a gente a riqueza e capacidade de produção dos trabalhadores de Coruche como do Vale do Sorraia e zonas limítrofes. A conhecer ficam também todas as pessoas e actividades e programação da sua Câmara Municipal

A CÂMARA MUNICIPAL DE CORUCHE

PROMOVE EM

1980

A PRIMEIRA FEIRA DE CARÁCTER AGRO-INDUSTRIAL
Coruche, Concelho onde a mão de obra activa vive exclusivamente do sector primário (83%) necessita de sair desta situação, pois a mesma não pode continuar como se fizesse parte integrante da vida dos Coruchenses
A Câmara lançou mão de projectos que permitirão o «virte face» da situação, entre os quais se destaca o da zona industrial. Aos empresários Coruchenses (sector público ou privado) caberá a última palavra. As Autarquias de Coruche estão no caminho do progresso social e económico das populações que em si confiam.



DESENVOLVIMENTO DO CONCELHO
ACÇÃO DO PODER LOCAL

14 a 22 Agosto 79

DE FÉRIAS COM O
Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período de 10 dias,

ao preço de 10\$00 por exemplar

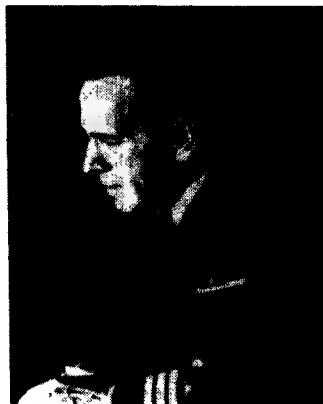
Rua Castilho, 185-1.º

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

Sósia de Humphrey Bogart faz reviver Marlowe nos anos 40

Enquanto Hollywood passou os últimos 40 anos a criar legendas cinematográficas, a nova geração de realizadores e produtores ocupa estes anos 70 a recriar velhos temas, a restabelecer nomes e lugares familiares. «Retro» é o nome do jogo nos

agitados estúdios de Los Angeles que nos nossos dias começam a parecer-se cada vez mais com os distantes anos em que os «imortais» dominavam o cinema como se eles ressuscitassem agora e se integrassem no sonho da «meca do cinema».



QUAL DELES É O VERDADEIRO BOGART?



Entre rosas e o fumo do velho cigarro, o verdadeiro Humphrey Bogart com a sua mulher, Lauren Bacall. Já lá vão quase trinta anos...

Robert Sacchi é a principal figura da tendência «retro». Ele é o sósia do Humphrey Bogart de «trincheira» branca, brilhantina no cabelo, três dedos a agarrar o

cigarro. E tudo bate certo em «O homem com a cara de Bogart», um filme em que não encarna o verdadeiro Bogie dos velhos tempos mas assume o papel de

Sam Marlowe, um detective privado de Hollywood. A dupla Bogie-Marlowe enfrenta diversas e variadas aventuras, com uma «bomba loira» como secre-

tária, envolve-se com um anão e acaba por deparar com um cadáver chamado Horst Borscht. Como Marlowe o novo Bogie só dificilmente pode ser distinguido



Humphrey Bogart em 1950 com uma «starlet» num jantar em Hollywood

pela viúva do actor, Lauren Bacall, mas, para os «fans» que o recordam, aparece como uma blasfêmia esta ressurreição de Bogart. E, no entanto, Sacchi

não é um desconhecido para os americanos: a imagem gabardine-cigarro, que ficou de Bogart, foi por ele mantida em anúncios na televisão.

Unicef faz o mundo diferente contribua para isso

Actualmente, quando muitas crianças não têm acesso às suas necessidades básicas, a UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância, fornece o que é mais indispensável para sobreviver. Milhões de crianças, em mais de cem países têm necessidade urgente de ajuda, sem a qual muitas não chegarão à idade adulta. Não o conseguirão, se não formos todos nós a contribuir para isso. Ajude-as a viver. Apoie a UNICEF. Informe-se sobre os seus objectivos e colabore com o Comité Português em formação.



1979
Ano Internacional da Criança

CORTE POR AQUI

Para informações contacte:
Unicef Fundo das Nações Unidas para a Infância
Rua Almirante Pessanha, 11 — 1200 Lisboa — Tel: 36 50 41

Nome _____
Morada _____

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE Direcção-Geral dos Serviços Electricos EDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações electricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Electricos, situada em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da Republica», o processo n.º 864767 Arquivo 100, para o estabelecimento na freguesia de Vila Moura, concelho de Alameda, da linha aerea a 30 kv, com cerca de 114 metros, entre o ponto n.º 1 da linha para o posto de transformação n.º 8C (Pelteir) e o posto de transformação n.º 10C (Deus Maria Cardoso Roca e Filhos, Vila Moura).

Contra as reclamações contra a execução do projecto deverão ser apresentados na referida Direcção-Geral dos Serviços Electricos, no prazo de 15 dias a contar do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em Lisboa, 13 de Julho de 1979

Engenheiro-Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

ALICE FERNANDA

Entrar em contacto urgente com os seus familiares no Porto

SILVA E VAZ, Lda Convocação

São convocados os Socios desta Sociedade para se reunirem em Assembleia Geral extraordinaria no dia 28 de Setembro do corrente ano, pelas 18 horas, na sua Sede na Rua 25 de Abril, n.º 41, da cidade de Lagos, com a seguinte ordem de trabalho:

— Deliberar sobre a dissolução e liquidação da Sociedade, forma desta e o que necessario for para a sua execução

Lagos, 7 de Agosto de 1979

Pela Gerência e Sócio Gerente
Augusto Afonso Vaz

544545

centro S.O.S.
voz amiga

CASSIUS CLAY: AGORA NO CINEMA

NOVA YORK — Cassius Clay que se considera o maior pugilista do mundo, lançou-se agora no mundo cinematográfico.

Também será o maior — afirma.

Clay passa ao mundo do cinema com muitos trunfos a seu favor: é popular em todo o mundo, o seu fisico é espectacular e possui um temperamento capaz de atrair o grande publico.

O primeiro papel na setima arte e mesmo a sua medida: representa um escravo que combate na Guerra da independen-

cia norte-americana, vivendo-se à base do seu valor guerrilheiro num heroi que lhe serve logo como plataforma para uma carreira politica.

No final da película Clay é o primeiro senador negro de um dos estados norte-americanos e, como tal apresenta-se como candidato à Casa Branca.

O filme, que será lançado no mercado no proximo Outono e dirigido pelo húngaro Jan Kadar e Cassius Clay tem como companheiro de cena o actor Kris Kristofferson.

Portugal presente no Festival de Moscovo

MOSCOVO — Portugal será um dos 97 países que além de organizações como a ONU, a UNESCO, a OLP e as forças patrióticas chilenas estarão presentes no XI Festival Internacional do Filme, que se inicia amanhã em Moscovo.

Será o fora mais representativo do cinema desde que os festivais são organizados. Espera-se a chegada de mais de 900 cineastas de todos os continentes, anunciou Filipe Ermack, presidente do Comité Soviético para o Cinema, no decorrer de uma conferência de imprensa.

O cineasta soviético Stanislav Ros-totski presidirá ao juri do filme de

longa metragem. O juri será constituído por Jerzy Kawalerowicz (Polónia), Giuseppe de Santis (Italia), Christian Jacques (França), Rag Kapur (India).

O juri do filme de curta metragem será presidido pelo realizador soviético Alexandre Zgourdi e o concurso de filme para crianças, pelo escritor Anatoli Alexine.

Os actores italianos Claudia Cardinale e Gian Maria Volonté o escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez e o realizador espanhol Juan Antonio Bardem são convidados de honra do Festival.

Alves gravemente lesionado só voltará aos campos em Dezembro

João Alves magnífico centro campista da selecção nacional, St. Germain deverá estar afastado dos campos de futebol durante largos meses, já que no último jogo que disputou pela equipa francesa partiu o perónio e um calcanhar. Além disso embora não haja uma rotura de ligamentos nesse mesmo calcanhar.

Tudo aconteceu no jogo contra o Sochaux da passada sexta, quando Bruno Genchini derrubou pelas costas Alves. O português não culpa aquele jogador pela lesão, mas já não poupa o árbitro do encontro acusando-o de ter prejudicado a sua equipa e de ter-lhe dito, quando se lesionou, para se levantar, pois não tinha nada.

Alves já se encontra internado numa clínica tendo sido sujeito a uma primeira operação e estando agora a ser observado por diversos médicos a fim de se decidir qual o melhor caminho para a recuperação do jogador. De qualquer modo este nunca devesse voltar aos campos antes dos finais de Dezembro, podendo mesmo acontecer que só o faça no próximo ano. Por isso mesmo o João Alves não poderá dar o seu concurso à selecção nacional, nos jogos que esta tem de efectuar, no próximo Outono, para o Campeonato da Europa.

BENFICA BRILHOU NO BESSA

No sábado passado, o Benfica deslocou-se ao Porto, mais propriamente ao estádio do Bessa para defrontar o Boavista em encontro amigável, para cumprimento de uma das cláusulas do «negócio», que teve por epicentro o brasileiro Jorge Gomes, agora na Luz. O encontro, que estava a ser aguardado com uma certa expectativa, sobretudo porque havia interesse em ver os «encarnados» depois do seu brilhante na República Federal Alemã, foi presenciado por uma multidão, que deixou nos cofres «axadrezados» qualquer coisa, que se aproxima dos mil contos.

Para os «encarnados», já mais rodados e também com outro fôlego, foi, apenas, mais um jogo e mais um triunfo, desta feita por 2-0, ainda que conseguido à custa de grande trabalho e espírito de sacrifício, pois o tempo, por si só, constituía um obstáculo de tomo a vencer. Por outro lado, os «Axadrezados» também não concederam grandes facilidades, até porque se tratava da apresentação perante o seu público e algumas «caras novas», como por exemplo, Aylton, Oscar ou Jarbas queriam dar nas vistas e por isso, esforçaram-se

o mais que puderam, dificultando assim e de que maneira o trabalho colectivo dos encarnados.

O Benfica valeu, sobretudo, pelo seu todo. No entanto, seria uma injustiça se não realçassemos a exibição de Fonseca o jovem que apareceu no lugar habitual de Nenê, (que actuou mais recuado, no meio-campo), que constituiu um permanente quebra-cabeças para a defesa boavista, especialmente para Tai que ficou exausto, muito tempo antes do previsto.

Na turma da «casa» Aylton foi dentre os «novos» aquele que mais deu nas vistas.

Sob a arbitragem de Fernando Alberto, do Porto, as equipas alinharam:

Boavista - Matos; Barrosa, Quim Belinha, Artur e Tai; Aylton, Eliseu e Oscar (Rufino, aos 75m.); Moinhos (Queiros, aos 72m.) Júlio e Jarbas (Folha aos 61m.).

Benfica - Bento; Bastos Lopes, Humberto Coelho, Alinho (Laranjeira, aos 80m.) e Alberto; Pietra (Toni, aos 75m.), Nenê e Sheu; Fonseca (José Luís, aos 83m.) Jorge Gomes (Carlos Manuel aos 87m.) e Reinaldo.

Ao intervalo: 0-1. Marcadores: Reinaldo (30.) e Sheu (83m.).

VASAS CONQUISTOU TORNEIO CIDADE DE LISBOA

O Vasas de Budapeste venceu e conquistou o primeiro torneio «Cidade de Lisboa» ao vencer o Sporting, na final, por 2-1. A equipa húngara garantiu o triunfo no último quarto de hora de jogo, beneficiando da evidente quebra física da equipa lisboeta. Ao intervalo, o Sporting vencera por 2-1, resultado que se adaptava ao maior domínio da equipa portuguesa.

No segundo tempo, o Sporting continuou a pressionar durante os primeiros trinta minutos, mas depois a maior preparação atlética dos húngaros justificou a reviravolta no marcador. Varadi, aos 77 minutos, na transformação de um livre directo, e Szegezinsky, aos 81, a desviar de cabeça um cruzamento de Zombori, apontaram os dois tentos da

equipa húngara. Quatro minutos depois, o Sporting desperdiçou uma boa oportunidade de empatar o jogo, quando Freire com a baliza desguarnecida rematou ao lado.

Entretanto, aos 75 minutos, o árbitro, Augusto Bailão, invalidara, sem razão aparente, um tento a Szegezinsky, numa jogada muito idêntica à que esteve na base do tento de triunfo dos húngaros.

O Sporting, que dominou a maior parte do jogo, realizou algumas jogadas de ataque de belo efeito, às quais se opôs com êxito o guarda-redes internacional da Hungria, Missaros.

Jordão, Marinho e Inácio, pelo Sporting, e Varadi, Szegezinsky, Komzati e Missaros, pelo Vasas, foram os jogadores mais em evidência.

Sob a arbitragem de Augusto Bailão, as equipas alinharam:

Sporting: Fidalgo; José Eduardo (Alberto, aos 85 minutos), Eurico, Meneses e Inácio; Helinho (Barão, aos 77), Ademar e Marinho (Artur Neto, aos 87); Manoel, Manuel Fernandes e Jordão (Freire, aos 77).

Vasas de Budapeste: Missaros; Torock, Aeegedus, Kantor (Racz, aos 75) e Izjo, Komzati; Malaiz (Birinyi, aos 7) e Muller (Hires aos 85); Szegezinsky, Zombori e Varadi.

Este jogo marcou por outro lado a estreia na equipa do Sporting do seu novo reforço, o brasileiro Artur Neto.

No jogo que decidiu o 3.º e 4.º classificados o Belenenses venceu o Setúbal por 2-1, depois de ao intervalo se registar uma igualdade a uma bola.

O Vitória de Setúbal abriu o activo por Dario, aos 16 minutos de jogo, através de um remate forte de fora da área, mas o Belenenses igualou aos 33 minutos, por Lincoln, a passe de Esmoriz. O golo do triunfo dos «azuis» foi obtido, aos 68 minutos, por Amaral, ao desviar de cabeça um cruzamento de Djão.

O setubalense Vitor Madeira foi expulso do terreno, aos 66 minutos, por discutir uma decisão do árbitro lisboeta Pedro Quaresma.

As equipas alinharam do seguinte modo:

Belenenses - Delgado; Esmoriz (Lima, 89 minutos), Horta, Amílcar e Carlos Pereira; Eurico (Sambinha, 33m.), Isidro e Baltasar (Hertz, 58); Amaral, Lincoln (Djão, 64) e Gonzalez.

Vitória de Setúbal - Avelino; Caíca Francisco Silva, José Mendes e José Luis; Pedrinho, Narciso e Edmilson; Dario, Hernani (Cabumba, 67m) e Vitor Madeira.

RODRIGUES DIAS: DERROTA NORMAL

Rodrigues Dias, o actual treinador da equipa de futebol do Sporting, considerou de normal a derrota da sua turma frente à equipa húngara do Vasas de Budapeste.

«O Sporting começou a sua preparação há dez dias, acusando a realização de dois jogos em 48 horas, sobretudo por ter defrontado uma equipa com mais de dois meses de preparação» - disse Rodrigues Dias no final do encontro.

«Com um pouco mais de sorte, teríamos chegado ao 2-0, mas o Vasas foi feliz na obtenção do golo do empate, precisamente na altura em que a minha equipa começou a quebrar fisicamente».

Rodrigues Dias justificou a entrada do brasileiro Artur Neto na equipa, a quatro minutos do final do jogo, por «existir um compromisso publico de que a

apresentação de Artur se realizaria no jogo com o Vasas».

Artur Neto chegou a Lisboa, vindo do Rio de Janeiro, ao princípio da tarde de sábado e ainda não efectuara qualquer treino em Alvalade.

«Artur não podia jogar mais do que cinco minutos, pois não se encontrava em condições físicas que o permitissem. Como bom profissional, prestou-se a actuar, para satisfazer a curiosidade da assistência, mas encontrava-se muito fatigado pela viagem, na própria manhã de sábado» - explicou Rodrigues Dias.

O treinador leonino referiu-se depois a Helinho, que voltou a realizar com o Vasas uma boa exibição:

«Não sei se Helinho ira resolver os problemas do Sporting, pois contamos com outros bons centro-campistas, mas não há dúvida de que se trata de um bom jogador, ainda jovem, que se integrou com muita facilidade na equipa, apesar de ter realizado apenas três treinos.»

F.C. PORTO RODOU OS RESERVISTAS

Perante cerca de 15 mil espectadores, o F.C. Porto prosseguiu o seu plano de preparação para a época que se avizinha, enfrentando e vencendo, ontem à noite, no seu estádio, o Beira-Mar, em jogo destinado a cobrar uma das cláusulas do contrato de transferência do ponta-de-lança Sousa para as Antas.

Tirando os golos, obtidos por Duda de forma espectacular, o jogo pouco valeu. Para isso muito contribuiu o facto de Pedroto ter apresentado uma equipa formada à base de jogadores que, em princípio, não serão titulares. Assim sendo, ao Beira-Mar não seria de exigir muito mais, já que o conjunto averneense esta, também, numa fase de rodagem, o que não obstou, no entanto, a que se tivesse empenhado, tentando contrariar o maior domínio dos portistas.

Sob a arbitragem de Alvaro Lopes, do Porto, as equipas alinharam:

F.C. Porto: Torres; Vieira (Teixeira), Lima Pereira, Freitas e Jacinto (Vieira); Rodolfo, Octavio (Jaime), e Duda; Serginho (Vital), Quinto e Malheiro (Costa).

Beira-Mar: Freitas (Peres); Manecas, Teixeira (Cansado), Sabu (Lima) e Leonel; Velloso (Silva), Cremildo (Cambrão) e Niromar; Camélim (Nelson Moutinho), Lechaba e Germano.

Ao intervalo: 1-0. Marcador: Duda (19 e 85m.).

JUNIORES VENCERAM O UNIÃO DE LEIRIA

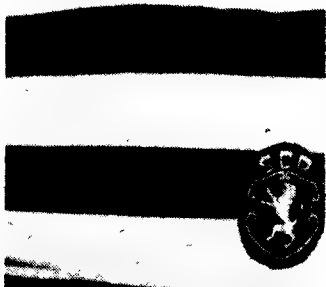
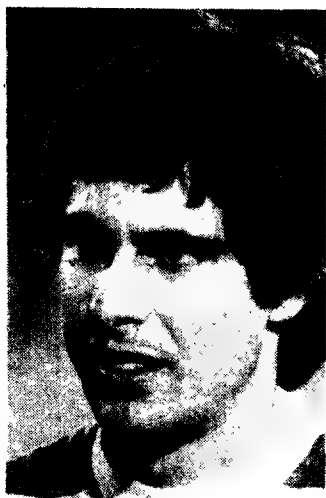
A selecção nacional de juniores derrotou, por 1-0, o União de Leiria, em Leiria, num encontro de preparação para o próximo campeonato mundial de futebol da categoria, que se disputará no Japão, a partir de 25 de Agosto. O único golo da partida foi apontado por Bastos Lopes, aos 73 minutos, na transformação de uma grande penalidade.

O União de Leiria exerceu maior domínio durante o primeiro tempo, em que a boa actuação do guarda-redes Justino impediu que os leirenses se adiantassem no marcador.

Na segunda parte, a selecção de juniores conseguiu equilibrar o jogo, chegando à vitória através de uma grande penalidade, a castigar um derrube do avançado Grilo.

Sob a arbitragem do leiriense Porém Luís, as equipas alinharam:

União de Leiria - Pinhal (Pad-



Artur Neto o reforço brasileiro que chegou, viu e jogou

ção, aos 45 minutos); Dinis, Tomé, Quaresma e Cicero (Espírito Santo, aos 71); Jorge Bonga, Jesus (Barrinha, aos 45) e Joaquim Dinis (Vitorino, aos 77); Clésio (Alvaro, aos 63); Garcez (Chico Explosão, aos 45) e Edson (Dellim, aos 63).

Seleção de Juniores - Justino (Zé Beto, aos 57); Eliseu, (Jorge Oliveira, aos 45); João Gouveia (Artur, aos 45); Santana e Bastos Lopes; Tomas, João Santos (Grilo, aos 45) e Quim (Adao, aos 45); Nascimento, Diamantino (Parente, aos 45) e Galvanto (Galhotas, aos 45).

BRAGA VENCEU O ORENSE

O Braga derrotou, perante cerca de cinco mil pessoas, pela copiosa marca de 5-1, o Orense, clube que milita na segunda divisão espanhola.

Marcando logo aos cinco minutos o Braga limitou-se a ir passeando o seu melhor futebol pelo terreno, ao mesmo tempo que aumentava, paulatinamente, a sua vantagem.

Sob a arbitragem de Azevedo Duarte as equipas alinharam:

Braga - Conhé (João aos 74); Artur (Mendes aos 74), Duarte Ronald (Dito aos 74 m) e João Cardoso; Paulo Rocha, Quinto (José Artur aos 74) e Chico Faria (Pinto aos 74); Chico Gordo, Jacques (Fontes aos 61 m) e Nelinho.

Orense - Casado; Juan Luis, Fino (Nolis aos 45), Tomaz e Fernandez; Jos Luis (Vicente aos 45), Pedro (Rodolfo aos 45) e Escudero; Luiz, Pastor e Romero.

ESPINHO PERDEU EM PONTEVEDRA

O Pontevedra conquistou o troféu «Luís Otero», ao vencer, no sábado à noite, o Sporting de Espinho, por 2-0.

O Pontevedra abriu o activo, aos 31 minutos, com um golo de Garcia Barrio e aos 84 minutos José Emilio, na transformação duma grande penalidade, por derrube dum avançado espanhol, dentro da área, fechou a contagem.

O jogo não teve grande qualidade técnica, devido em grande parte à pouca rodagem de ambas as equipas. De qualquer modo, o Pontevedra mostrou-se sempre superior à equipa do Espinho.

VARZIM EM ÚLTIMO

O Varzim classificou-se no quarto e último lugar do Torneio Jubileu, que disputou em Győr (Hungria) depois de ter sido derrotado pelo Vasas local (0-1) e pelo Linz Voest (2-3). A equipa portuguesa regressa hoje a Portugal.



Helinho um dos dois novos brasileiros do Sporting tenta passar a defensiva húngara

MODALIDADES EM DESFILE

VOLEIBOL

A União Soviética sagrou-se campeã europeia de juniores, no campeonato cuja fase final decorreu no Porto. Os soviéticos, que contam por vitórias todos os jogos disputados, derrotaram na última jornada a Checoslováquia, por 3-2, com os parciais de 15-4, 15-11, 11-15, 11-15, e 15-11.

Portugal, que na última jornada perdeu com a Holanda, por 3-0, classificou-se no último lugar.

Para além da derrota desportiva o campeonato constituiu também uma derrota financeira para Portugal. Com efeito Freitas Oliveira coordenador geral da organização classificou de uma catástrofe financeira a organização do campeonato.

ATLETISMO

Pedro Albuquerque bateu o recorde nacional de juniores do decatlo ao fazer 6467 pontos, no decorrer das provas este fim-de-semana realizadas, no Estádio Nacional. Aquela prova foi vencida pelo sportinguista José Carvalho com 6722 pontos, marca que passa a constituir recorde regional de Lisboa.

Ao mesmo tempo disputou-se o pentatlo que foi vencido pela benfiquista Nora Araújo, com

3840 pontos. Em segundo lugar ficou Lígia Avelar do Belenenses, com 2514.

CICLISMO

Joaquim Agostinho acaba de justificar, uma vez mais, a sua reputação de trepador, ao vencer o critério de Lescouet-Jugon, em França, onde os ciclistas tinham de escalar 20 vezes uma encosta de 900 metros, com 18 por cento de inclinação. Agostinho classificou-se em primeiro lugar, percorrendo os 85 km da prova em duas horas e oito minutos, seguindo-se, na classificação, os franceses Martin, Chalmel, Seznec e Vallet.

Dietrich Thurau, por seu lado, venceu a Volta à República Federal da Alemanha em bicicleta, que hoje terminou em Dortmund.

A sexta e última etapa da prova foi dividida em duas partes, ganhas, respectivamente, pelos belgas Noel de Jonckheere e Patrick Sercu.

Thurau concluiu a prova com 1m e 18 segundos de avanço sobre o segundo classificado, o holandês Aad Van den Hoek. Na terceira posição classificou-se o italiano Francesco Moser, a 2.32 minutos de Thurau.

VELA

Os argentinos Billoch e Baqueziras venceram a quinta re-

gata do Campeonato Aberto de Portugal e do Troféu Francis Mouvet, que se realizou na baía de Tróia. Na segunda posição classificou-se a tripulação israelita Gad-Dan e na terceira a norte-americana Braun-Kenney.

TÉNIS

Portugal perdeu com a Alemanha Federal, por 5-0, a contar para a eliminatória da taça da Europa de juniores femininos.

Os resultados dos diversos confrontos foram os seguintes: Haas - Varanda, 6-0, 6-0; Schoenherr - Abreu, 6-1, 6-0; Reuter - Almeida, 6-1 e 6-0 e Karolat - Cordero, 6-1 e 6-3.

AUTOMOBILISMO

O australiano Alan Jones, ao volante de um Williams, venceu o Grande Prémio da Áustria, em fórmula 1. Gilles Villeneuve, em Ferrari, ficou na segunda posição, à frente de Jacques Laffite em Ligier.

O líder do mundial de condutores, Jody Scheckter, ficou na quarta posição, tendo praticamente assegurado a sua vitória no campeonato. A classificação deste, após esta prova, ficou assim ordenada: 1.º, Jody Scheckter, 38 pontos; 2.º, Jacques Laffite e Gilles Villeneuve, 32; 4.º, Alan Jones, 25; 5.º, Clay Regazzoni, 24.



CHAGAS

Um marco no topo de Portugal

Não me lembro em muitas voltas cumpridas, descobrir — após esse fabuloso e inultrapassável Agostinho — uma tão grande e categórica afirmação de classe, como a que foi, no sábado, rubricada, em duas tiradas difíceis, pelo meu jovem amigo Marco Chagas.

Peço licença para o tratar assim, por estar satisfeito, até porque conduzi no carro do «Diário de Lisboa» o sr. Joaquim Chagas, papá garboso (mas não vaidoso), que vi ter uma atitude admiradora do desportivismo que marca toda a família: ele era, ainda a seis quilómetros deste céu que mora nas Penhas da Saúde, um dos maiores incentivadores da ascensão de Herculano Silva, um empregado-provador de champagne numa fábrica da Bairrada. Competidor directo de seu filho, acrescento. Mas, depois todo ele se abriu num rasgar de alegria: e que o filho após ter vencido um duelo ombro a ombro, com o dr. Joaquim Sousa Santos, passava também receita ao sangalense-voador e tirava um ás da manga. A pinta do trunfo: o baile estava comandado.

Não ficou a partir daí qualquer dúvida na peneira: só um acidente de todo o tamanho pode roubar o arco-íris de muitas camisoladas ao melhor ciclista de uma geração: o tal rapaz de 22 anos que, mal cortou a meta das Penhas da Saúde, estreitou num grande abraço os amigos que vieram de Lousa, para, nas bermas da rampa para o topo de Portugal, ince tivarem o rapaz, que virou uma página do ciclismo português e está a escrever com letra firme e delicada um capítulo feito com modéstia e muita classe.

Tal e qual como anos atrás o fez um outro nobre-simples: Joaquim Agostinho.

MILHO PARA PARDAL

Abala-se de Pinhel para a Guarda depois do público ter rido à gargalhada: chegaram a vias de facto o director-desportivo do Porto e o técnico do Coimbrões, o que valeria mais tarde multa e repreensão a dois homens que, investidos na qualidade de condutores de homens, deram triste exemplo perante centenas de pessoas as quais notaram entre sorrisos ou gargalhadas de troça, que incompatibilidades de estrada acabaram por aflorar e ser discutidas a murro, cabeçada e pontapé.

Há muitos furos na abalada para a Guarda. Foram aliás, 64 quilómetros marcados por alguns «sprints», derradeiras tentativas de fuga, sempre mais ou menos evitadas, e aos 26 quilómetros, uma aparatosa queda de Raul Fachadas, que quase o ia eliminando do lote dos corredores. Mais furos. Um cão engalfinhou-se com a máquina de Herculano Silva, novamente mais umas quedas sem grande importância, mais avarias e as onze letras do campeão a marca-

rem a sua preença: Marco Chagas sempre com um olho na vanguarda, não possibilitando a ninguém arrancar sem o seu consentimento.

Aos setenta e um quilómetros, patenteando, sem sofismas, a coligação Sangalhos-Porto, Andrade veio buscar água ao carro dos homens das Antas. Isso permitiria que tentassem descolar Georgino Seixas e Lima Fernandes; dois que andam cá para baixo na classificação. Na localidade de Pizio, quando aparecem problemas na máquina de Marco Chagas, quando um

iveira, que comanda a equipa de Sangalhos: «Ganhei nesses dois anos a subida das Penhas e festejei com champagne. Gostava agora que o meu rapaz (Herculano Silva, pupilo do ex-rei da Montanha) bebesse champagne das Caves Aliança, a casa em que trabalha há vários anos como provador.

Mas não aconteceu assim. Quando Herculano Silva já angariava um excelente avanço, saiu do pelotão um duo: Joaquim de Sousa Santos, e Marco Chagas.

Contaria mais tarde Marco

Exacto. Foi assim. As diferenças de tempo marcaram realmente as diferenças de categoria e de talento e de capacidade física existentes entre muitos dos homens, que ainda mourejam entre os trinta e seis, que iriam arrancar da Covilhã para Elvas.

DIA DA CALMA

Nesta insólita Volta a Portugal, competição desportiva da mais fina penetração popular, (estranhamente tendo como patrocinante maior um produto condenado internacionalmente pelos altos sectores do desporto) tem acontecido de tudo um pouco: luta e passividade, guerra e paz, emoção e sonolência, sorte e azar. Até o inconcénvel: Fernando Mendes que saiu do pelotão em estranha abdicação à corrida ontem, ao volante do carro de apoio do seu patrão mais recente, encaminhou Joaquim Fonseca para a longínqua meta elvense. Mas amigos, a Volta é um leque de factos alternantes; e, se os 203 mil metros percorridos à sonolenta média de 32,578 quilómetros/hora, nada trouxeram de anormal (para além de cataratas de água despejadas sobre os 36 sobreviventes da pedalada, revelaram Joaquim Fonseca, o filho de um emigrante em França, que, pela mão de Américo Silva, surge na Volta na linha das melhores revelações do ano.

Pela marcha sonolenta quase diríamos macambúzia, conformada, como se cada homem já bem colocado na escala do topo estivesse agora com o único fito de defender o dinheiro, que está ao alcance do bolso. Isso possibilita a alguns subalternos o arranque para o pódio: Joaquim Fonseca saltou dessa linha. Homem temido a esta hora é o único que merece pequena citação.

Os 203 quilómetros que funcionaram como traço de ligação entre Covilhã e Elvas, nada reflectiram para além de umas escaramuças, muitos ciclistas de chapéus de palhinhas na cabeça, cataratas de água a desabarem sobre eles e sobretudo muita fruta consumida, muito calor, um tomento infernal,



Marco Chagas depois de vencer a etapa que terminou nas Penhas da Saúde agradece os aplausos da multidão

na caminhada até Elvas. As metas de prémio de Montanha apenas ajudaram a indicar que já há rei: Marco Chagas, se completar a Volta, é o indiscutível vencedor de um dos mais apetitosos prémios em qualquer prova.

Algumas avarias poderiam ter indicado a possibilidade de uma escapada. Todavia isso não aconteceu, porque em subidas ou descidas, não se atingiria ao fim de um hora de corrida mais de 33 quilómetros andados. O calor era infernal e aberto mais cedo o abastecimento de água seguir-se-iam algumas tentativas de fuga de Flávio Heriques (três no mínimo) e depois Herculano Silva seria o homem da grande escapada para as Penhas a pagar o tributo da efémera glória: marcha quase contínua junto ao carro-vassoura, para apenas na recta final se escapar a esse pesadelo.

Etapa sem pagamento de custos: 11 minutos de paralisação por estar fechada uma passagem de nível (aos 76 quilómetros) possibilitou não apenas uma pausa refrescante e apetecida, mas também um espectáculo extra e gratuito a umas centenas de pessoas que moravam naquelas bandas e ficaram todos satisfeitos por terem tempo de ir a casa buscar uma talhada de melão e umas uvas frescas para oferecerem aos ciclistas.

Belmiro Silva, que continua com dois pontos no queixo que ninguém consegue tirar-lhe, abordava o médico do Lousa, e perguntava-lhe quando podia fazer tratamento definitivo: O dr. isto incomoda-me.

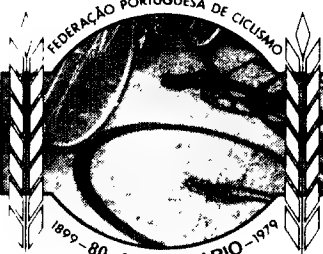
Realmente, Belmiro, anda incomodado com dois factos: primeiro a equipa do Coimbrões, não o pôde ajudar a atacar Joaquim Sousa Santos e Marco

Chagas, em termos definitivos. Depois, e conforme ele nos explicaria, em entrevista detalhada, o muito dinheiro, que gasta, anualmente, no material, não é compensado pela escassez de prémios que estão ao alcance do ciclista dito «amador».

SOBRE O TEJO

Passada a ponte sobre o Tejo aconteceram diversas avarias. Marchava-se a caminho da subida do Alto do Rodão quando Jacinto Paulinho até Marco Chagas todos tiveram de passar pelos carros de apoio, para bem ou mal, mudar de rodas e de bicicletas, dado um troço estrada ao longo de três quilómetros ser realmente muito selectivo. Mas a grande selecção era feita pelas fontes que se apresentavam de um lado e outro da estrada. Dezenas para não dizer muitas dezenas, foram as vezes em que os ciclistas se apearam e se refrescaram calhando até a vez de Joaquim Andrade e Manuel Gomes se dessedentarem e depois tomarem banho nas fontes.

Os corredores davam tudo para fugirem à fornalha. O médico assistia a Luís Gregório, e de quando em quando, dava também uma saltada até junto de Lima Fernandes. Aos 159 quilómetros uma tentativa de fuga de António Cristovão (Manique) nada deu. No topo do pelotão pedalavam Carlos Santos, e Abel Coelho que possibilitaram a Andrade, sair e pegar Joaquim Fonseca pela roda e trazê-lo até à meta. No final, quando já dentro de Elvas se virava após o aqueduto em direcção à Avenida da Piedade, em duzentos escassos metros, Fonseca ganharia ao veterano Andrade uma dianteira que permitiria pela primeira vez uma etapa desta corrida a fazer companhia às taças que já estão na sala do Zala.



NEVES DE SOUSA nosso enviado especial
viaja com AVIS RENT A CAR

jovem chamado Luis Gregório tentava a sua sorte.

Carpinteiro, dez dias antes da Volta despedido do emprego por excesso de pessoal, Luis Gregório atingiria a meta com um avanço substancial — nove minutos e tal. Enquanto desistia, José Sá, o pequeno sangalense arrecadava uns tostões que bem úteis lhe poderão ser no período de desemprego. Depois de Luis Gregório chegaria Francisco Miranda. E há quatro homens que se distanciavam do pelotão: Venceslau, Marco Chagas, Joaquim Sousa Santos e Belmiro.

TOCAR A ANDAR E FUGA DE UM HOMEM DO SANGALHOS

Na abalada da Guarda para a Covilhã, sempre considerada a prova da verdade em qualquer Volta a Portugal, tocou a andar logo aos seis quilómetros, com sucessivos esticões de homens da Coelima. Mas um deles (Alfredo Gouveia) ao pedir assistência ao seu carro de apoio e logo a seguir apoiando-se no médico, patenteou uma falta de capacidade, que inibiu o resto do conjunto de tentar forçar uma tentativa de Manuel Martins logo anulada pelo Bombarral. Entra-se na fase de estudo e sucediam-se as avarias alguns furos e também apoios no médico para tentar a ingreme subida de 54 quilómetros que da Guarda encaminhava às Penhas da Saúde, por Orjães, Teixoso e Covilhã. No Teixoso isolava-se um rapaz de 25 anos, Herculano Silva, que desejava repetir na estrada a proeza que o seu técnico conseguiu nos anos de 67 e 72. E conta Herculano de Ol-

Chagas: Joaquim Sousa Santos pediu-me para ganhar a etapa. Fazia grande empenho nisso, porque tinha o pai a assisti-lo no alto das Penhas da Saúde. Eu não me importaria se fossemos apenas os dois a chegar lá acima isolados. Mas, como eu vi que Sousa Santos fraquejava e que à minha frente, perfeitamente ao alcance da pedalada Herculano Silva, tentei a minha sorte sabendo-me com mais capacidade física de momento. Ganhei, peço desculpa ao Quim Sousa Santos, por ele ter fraquejado e eu não ter respeitado o apoio, que em certa medida lhe devia. Mas naquela altura eu senti, que, na prova da verdade, tinha de mostrar aos contrerrâneos de Lousa, que ali se encontravam, que tenho a camisola amarela por direito próprio.



Herculano Silva bem tentou chegar isolado às Penhas da Saúde

FAGOR

FRIGORÍFICOS • MÁQUINAS DE LAVAR

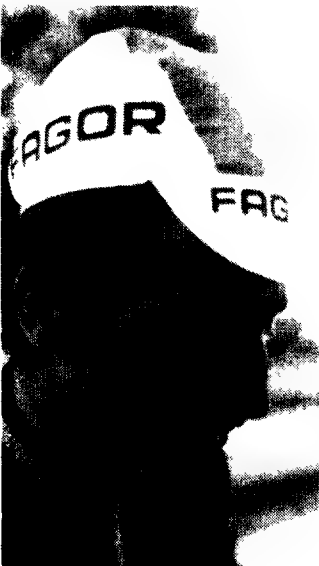
VIVA MELHOR COM FAGOR

BELMIRO SILVA

Gasto uma fortuna para correr

Belmiro Silva não é, de modo algum, um homem satisfeito, embora ainda viva do prestígio que angariou muito justamente com o êxito na última Volta a Portugal e, sobretudo, com o facto de não tendo uma equipa por aí além estar a bater o pé arosamente a Marco Chagas e a Joaquim Sousa Santos. O rapaz, que mora em Aldeia-Avanca, em Estarreja, diz ao «Diário de Lisboa»:

O Flávio Henriques tem-me andado a falar em montar um negócio de gado. Mas eu preferia uma outra coisa melhor. Negócio para perder, já tenho



Belmiro Silva um homem que perde dinheiro com a Volta

o do ciclismo. Note bem: sou casado (com Maria Alice), faço um ano em Novembro que vivo feliz, mas gostaria de ter um emprego e que não fosse obrigado a gastar tanto dinheiro para trabalhar. Note que um jogador de futebol tem tudo à sua disposição. Nós, desde meias a sapatos passando pela bicicleta, somos obrigados a comprar tudo para podermos trabalhar.

Belmiro Silva faz questão de endereçar um grande abraço ao patrão (eng.º António Lopes, de Ovar, que está à frente da Sociedade Industrial Atalanta e das rações Camponesas), que lhe ofereceu recentemente uma máquina no valor de setenta contos.

E preciso um subsídio bom para fazer ciclismo, porque não posso passar a vida a esmolar. O material é caríssimo, tenho três máquinas, se não houver azar nenhum mesmo que fique em terceiro lugar ainda perco vinte contos por ter vindo à Volta. Antes do prémio gastei vinte contos em material: ao longo deste já dispendi mais de cem. Tinha de ganhar a Volta todos os anos para ficar, pelo menos, em casa. Aos vinte e cinco anos, sinto que me tenho de ir embora. Um ciclista sofre como um ladrão, e para chegar com os primeiros sofre ainda mais. Rompe com o corpo, tem os seus desgastes físicos, e se não tiver juízo abandona a carreira estropeado e sem um centavo.

Joaquim Fonseca: o filho do emigrante

Joaquim Fonseca, 19 anos, natural de Valongo, tem o pai empregado em França. Ele próprio trabalha na zona de Roubaix e, conforme nos disse, irá para lá dentro de dias tentar a sua sorte em mais corridas.

«Sim, mais: o ano passado corri dezasseis e ganhei 11. Com esta vitória, aqui em Elvas, dei uma grande alegria não apenas a mim mas também a meu pai. Mas Marco Chagas está bem e merece o triunfo final».

Joaquim Fonseca, rapaz simples, acrescenta:

«E a primeira vez que corro numa equipa, que não sendo declaradamente profissional, é quase. Arranquei aos cinco quilómetros com o Andrade...»

E enquanto que o Andrade sorri, ao lado de Fonseca, este adianta:

«Desculpe sr. Andrade, mas eu queria ganhar».

Andrade, por seu lado confidencia:

«Fiz-me à meta porque gostava de repetir um triunfo que tive aqui em Elvas há 14 anos. Tentei

descolar o Fonseca na recta mas não o consegui. Se fosse a subir a vitória era para mim. De qualquer modo o rapaz merece. E novo e precisa deste estímulo».



A etapa para Elvas foi tão calma que até deu para ir beber água ao fontanário

Volta do futuro: Seleccionada a equipa

Manuel Graça, Jorge Lara e Sidónio de Sousa estiveram reunidos na Guarda, para escolher a equipa que irá competir no Tour de L'Avenir (Volta do Futuro) e no Mundial na Holanda. A equipa será integrada de sete elementos embora só seis possam estar presentes: Marco Chagas, Belmiro Silva, Alexandre Rua, António Fernandes, Floriano Mendes, Francisco Fernandes, e possivelmente, Luís Teixeira se estiver recuperado da sua lesão. Caso contrário irá por ordem Raul Carvalho, Adelino Teixeira ou Jacinto Paulinho.

A equipa estagiária em Beaujanson no período que mediar entre o Mundial e o Tour para Jovens. Garibaldy será o homem que dirigirá a sua preparação em terras francesas, embora subordinado aos planos do comité da federação portuguesa.

Entretanto tivemos conhecimento de que Alexandre Rua irá pedir escusa da selecção



Marco Chagas: o primeiro convite

A Zala endereçou um convite a Marco Chagas, para se transferir no final desta temporada. Cobrem qualquer oferta da concorrência e estão dispostos a ter lá aquele que eles consideram o homem chave desta Volta a Portugal.

CLASSIFICAÇÕES

10.ª ETAPA PINHEL-GUARDA (104 kms)

- 1.º Luis Gregório (Sang./Or) 2.51.26
- 2.º F. Miranda (Bomb./Unir) 3.00.51
- 3.º Venceslau F. (FCP/UB) 3.00.53
- 4.º Marco Chagas (Lousa/Tri) m.t.
- 5.º Joaq. S. Santos (FCP/UB) m.t.
- 6.º Belmiro Silva (Coimb/Fag) m.t.
- 7.º R. Carvalho (Zala/Fund) 3.00.59
- 8.º Fern. Fernandes (Bomb./Unj) m.t.
- 9.º José S. Santos (FCP/UB) m.t.
- 10.º L. Fernandes (B./Un) 3.01.05
- 11.º Abel Coelho (Lousa/Trina) m.t.
- 12.º Ant. Fernandes (FCP/UB) m.t.
- 13.º Mel. Gomes (FCP/UB) m.t.
- 14.º Jac. Paulinho (Man./Abi) 3.01.09
- 15.º Joaq. Andrade (Sang./Orb) m.t.
- 16.º Flávio Henr. (Sang./Orb) m.t.
- 17.º M. Gonçalves (Camp./Car) m.t.
- 18.º C. Raimundo (Camp./Ca) m.t.
- 19.º J. Fonseca (Zala/Fundad) m.t.
- 20.º H. Silva (Coelima) 3.01.13

11.ª ETAPA GUARDA-COVILHÃ (54 kms)

- 1.º Marco Chagas (Lousa) 1.44.12
- 2.º Herculano Silva (Sang.) 1.44.39
- 3.º Joaq. S. Santos (Porto) 1.44.42
- 4.º Adelino Teixeira (Porto) 1.44.54
- 5.º Franc. Miranda (Bomb.) m.t.
- 6.º Belmiro Silva (Coimb.) 1.45.01
- 7.º Raul Carvalho (Zala) 1.45.12
- 8.º Fern. Fernandes (Bomb.) 1.45.17
- 9.º J. Andrade (Sang.) 1.45.39
- 10.º Abel Coelho (Lousa) 1.45.49
- 11.º José S. Santos (Porto) 1.46.08

- 12.º V. Fernandes (Porto) 1.46.15
- 13.º A. Gouveia (Coelima) 1.46.19
- 14.º Américo Silva (Zala) 1.46.30
- 15.º Carlos Santos (Lousa) 1.46.33
- 16.º Lima Fernandes (Bomb.) 1.46.37
- 17.º F. Henriques (Coimb.) 1.46.59
- 18.º Jacinto Paulinho (Maniq.) m.t.
- 19.º António Alves (Coimb.) 1.47.03
- 20.º Vitor Salvador (Manique) m.t.

12.ª ETAPA COVILHÃ-ELVAS (203 kms)

- 1.º Joaq. Fonseca (Zala) 6.13.52
- 2.º Joaquim Andrade (Sang.) m.t.
- 3.º A. Ruas (Coelima) 6.14.11
- 4.º Raul Terêncio (Bomb.) m.t.
- 5.º Franc. Miranda (Bomb.) m.t.
- 6.º Marco Chagas (Lousa) m.t.
- 7.º Belmiro Silva (Coimb.) m.t.
- 8.º Lima Fernandes (Bomb.) m.t.
- 9.º Carlos Santos (Lousa) m.t.
- 10.º Georgino S. (Bomb.) m.t.
- 11.º Fern. Fernandes (Bomb.) m.t.
- 12.º Manuel Correia (Camp.) m.t.
- 13.º Joaq. Sousa Santos (FCP) m.t.
- 14.º José Sousa Santos (FCP) m.t.
- 15.º Venceslau F. (FCP/Porto) m.t.
- 16.º Raul Carvalho (Zala) m.t.
- 17.º Jac. Paulinho (Manique) m.t.
- 18.º Man. Gomes (FC Porto) m.t.
- 19.º Ant. Fernandes (FCP) m.t.
- 20.º Flávio Henriques (Coimb) m.t.

GERAL-INDIVIDUAL

- 1.º Marco Chagas (Lousa) 43.53.10
- 2.º J. S. Santos (FCP) 43.54.38
- 3.º Belmiro Silva (Coimb) 43.56.07
- 4.º Franc. Miranda (Bomb.) 43.56.07
- 5.º F. Fernandes (Bomb.) 43.56.14

- 6.º José S. Santos (FCP) 44.00.14
- 7.º Venceslau F. (FCP) 44.00.51
- 8.º Raul Carvalho (Zala) 44.01.00
- 9.º J. Paulinho (Man.) 44.01.30
- 10.º Adelino Teixeira (FCP) 44.01.50
- 11.º Alexandre Ruas (Coel.) 44.06.12
- 12.º Joaq. Andrade (Sang.) 44.06.29
- 13.º Mel. Gomes (FCP) 44.06.36
- 14.º Ant. Fernandes (FCP) 44.07.27
- 15.º F. Henriques (Coimb.) 44.08.16
- 16.º Carlos Santos (Lousa) 44.09.18
- 17.º L. Fernandes (Bomb.) 44.09.33
- 18.º Abel Coelho (Lousa) 44.11.11
- 19.º Herculano Silva (Sang.) 44.12.17
- 20.º Joaq. Fonseca (Zala) 44.13.44
- 21.º Vitor Salvador (Maniq) 44.14.12
- 22.º Américo Cardoso (Zala) 44.14.41
- 23.º António Alves (Coimb.) 44.17.10
- 24.º Raul Terêncio (Bomb.) 44.18.15
- 25.º Alfredo Gouveia (Coel.) 44.21.22
- 26.º M. Correia (Camp.) 44.25.04
- 27.º C. Raimundo (Campi) 44.25.11
- 28.º Luis Gregório (Sang.) 44.25.40
- 29.º G. Seixas (Bomb.) 44.29.46
- 30.º C. Jesus (Lousa) 44.32.22
- 31.º Américo Silva (Zala) 44.33.57
- 32.º Raul Fachadas (Lousa) 44.37.25
- 33.º A. Cristóvão (Man.) 44.37.48
- 34.º M. Gonçalves (Camp.) 44.39.46
- 35.º Guilherme R. (Coimb.) 44.45.52
- 36.º A. Pereira (Maniq) 44.53.59

EQUIPAS

- 1.º F.C. Porto 131.53.07
- 2.º Bombarralense 132.00.02
- 3.º Lousa 132.01.45
- 4.º Zala 132.02.22
- 5.º Sangalhos 132.03.49
- 6.º Coimbrões 132.20.03
- 7.º Manique 132.40.54
- 8.º Campinense 132.47.42

POR PONTOS

- 1.º Alexandre Ruas (Coel.) 43 p.
- 2.º Marco Chagas (Lousa) 38 p.
- 3.º Franc. Miranda (Bomb) 31 p.
- 4.º Raul Carvalho (Zala) 19 p.
- 5.º Carlos Santos (Lousa) 19 p.

MONTANHA

- 1.º Marco Chagas (Lousa) 56 p.
- 2.º Venceslau F. (FCP) 47 p.
- 3.º Raul Carvalho (Zala) 33 p.

COMBINADO

- 1.º Marco Chagas (Lousa) 4 p.
- 2.º Franc. Miranda (Bomb.) 13 p.
- 3.º Joaq. Sousa Santos (FCP) 15 p.
- 4.º Raul Carvalho (Zala) 15 p.

TV **unital** FORMA

Classificação Geral Individual

- 1.º Marco Chagas (Lousa)43.53.10
- 2.º Joa. Sousa Santos (FCP)43.54.38
- 3.º Belmiro Silva (Coimb.)43.56.07
- 4.º Franc. Miranda (Bomb.)43.56.07
- 5.º Fern. Fernandes (Bomb.)43.56.14
- 6.º José S. Santos (FCP)44.00.14
- 7.º Venceslau F. (FCP)44.00.51
- 8.º Raul Carvalho (Zala)44.01.00
- 9.º Jac. Paulinho (Manique)44.01.30
- 10.º Adelino Teixeira (FCP)44.01.50

Termo
Cal
É SENSACIONAL

FAGOR
FRIGORÍFICOS • MÁQUINAS DE LAVAR
VIVA MELHOR COM FAGOR

JOFRAMA SALDOS

**MALHAS
CALÇAS
CAMISAS
COLCHAS
COBERTORES
CORTINADOS
JOGOS DE CAMA
JOGOS TURCOS**

MAS NÃO SÃO MONOS!!!

SÃO ARTIGOS DE QUALIDADE A PREÇOS SUPER-BAIXOS

LISBOA
R. JOÃO DAS REGRAS 4-B
R. DA MADEIRA 203-215
R. DOS FANQUEIROS 226 - SEDE
VISEU R. DO COMÉRCIO 46-54

ÉVORA: R. ROMÃO RAMALHO 29
AVEIRO: Av. Dr. LOUR. REIXINHO 169
FAMALICÃO: R. LUÍS BARROSO 69

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS		(Por UNIDADE)	
	COMPRA	VENDA	
ÁFRICA DO SUL (rand)	48\$65	54\$65	
ALEMANHA OCID. (marco)	26\$55	27\$65	
ÁUSTRIA (xelim)	3\$90	3\$69	
BÉLGICA (franco)	1\$592	1\$692	
BRASIL (cruzeiro)	1\$25	1\$85	
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	40\$85	42\$85	
(notas de 5 a 1000)	41\$35	43\$35	
DINAMARCA (coroa)	9\$15	9\$55	
ESPAÑA (peseta)	\$703	\$803	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	48\$05	50\$05	
(notas de 5 a 1000)	48\$55	50\$55	
FINLÂNDIA (marco)	12\$55	13\$15	
FRANÇA (franco)	11\$40	12\$00	
HOLANDA (florim)	24\$15	25\$15	
INGLATERRA (libra)	108\$75	112\$75	
ITALIA (lira)	\$054	\$064	
JAPÃO (iene)	\$203	\$233	
NORUEGA (coroa)	9\$65	10\$15	
SUECIA (coroa)	11\$50	12\$10	
SUIÇA (franco)	29\$30	30\$40	
VENEZUELA (bolívar)	10\$00	11\$00	

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 2 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

O céu estava limpo com excepção do litoral a norte do Cabo Carvoeiro onde estava muito nublado e o vento era fraco. Havia neblina em vários locais do litoral oeste.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	17°
BRAGANÇA	24°
VILA REAL	24°
PORTO	16°
P. DOURADAS	23°
COIMBRA	17°
CABO CARVOEIRO	18°
PORTALEGRE	28°
LISBOA	21°
ÉVORA	25°
SINES	16°
BEJA	24°
SAGRES	17°
FARO	24°
PONTA DELGADA	21°
FUNCHAL	22°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.50 3,9 m 0.10 0,9 m	
19.13 3,9 m 12.30 1,1 m	
Dia 14	
7.43 3,6 m 1.04 1,2 m	
20.11 3,6 m 13.31 1,4 m	
Dia 15	
8.46 3,5 m 2.08 1,5 m	
21.20 3,4 m 14.45 1,6 m	

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado apresentando-se temporariamente muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral oeste a norte do Cabo Carvoeiro. Vento fraco soprando moderado de noroeste durante a tarde no litoral oeste a sul do Cabo Carvoeiro. Neblina ou nevoeiro matinal. Descida de temperatura.



rádio

1.º Programa

17.00: «Trajectória» (programa da juventude); 18.00: Noticiário; 18.45: «Volta a Portugal em bicicleta» - Reportagem da chegada a Évora; 19.00: Música portuguesa; 19.30: «Jornal da noite»; 20.00: Música de... 20.30: Variedades em discos; 21.00: 11.º Episódio do Folhetim «Lisboa em Camisa»; 21.15: Orquestras e canções; 22.00: Conjuntos ligeiros; 22.30: «Forma e conteúdo» (Trisemanário das artes e das letras); 23.00: «Programa da noite»; 24.00: «Último Jornal».

2.º Programa

17.30: O pianista Sviatoslav Richter; 18.00: Noticiário Cultural; 18.10: Música do século XX; 19.00: Animação cultural; 19.30: 2.ª Cenas do 3.º acto da Ópera a Valquíria, de Wagner; 20.00: Concerto n.º 5 em fa maior, de Saint Saëns; 21.00: O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 22.00: Com música de Frederico de Freitas (Panorâmica da obra deste compositor); 23.00: Novos discos; 00.00: Intercâmbio musical; 00.40: Concerto Brandeburguês N.º 4, em sol maior, de Bach; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (290 m)

18.10: «Contacto com a Ciência» (com Sérgio Vieira); 18.45: «Retrospectiva»; 19.00: Jornal noticioso; 19.45: «Teatro Tragico» (com Paroquianos de Lisboa); 20.00: Quando o telefone toca; 20.33: Cartaz (com Dias Agudo, Gina Esteves e Carvalho Ramos); 21.00: Hora Luterana; 21.33: Quando o telefone toca; 22.33: Diário da Volta; 23.00: Projectão. Atenção: No decorrer da programação serão emitidos diversos apontamentos sobre a Volta a Portugal em Bicicleta.

Emissão Estereofónica

18.00: Noticiário; 18.03: Hora de Ponta; 19.00: Em Órbita; 21.00: Noticiário; 21.03: Fórum.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Noticiário; 16.05: Sequência da tarde; 18.00: Noticiário Regional; 18.08: Apelos; 18.15: Igreja em notícia - Palavra do dia; 18.30: Transmissão do Terço do Externato do Parque; 19.00: Programa da Liga dos Amigos da RR; 19.25: Leitura do programa; 19.30: Noticiário; 20.00: Objectivo; 20.54: Apelos; 21.05: Programa da Liga dos Amigos da RR; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas Vivos; 23.05: Última Hora; 23.30: Estante giratória; 23.55: Meditando FMECHO.

palavras cruzadas

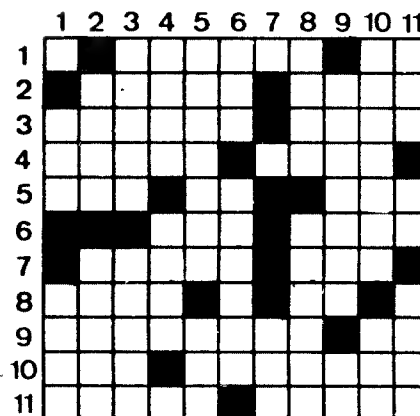
COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12 408

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Idioma. Duzentos em romano.
- Estacionar. Pão de milho.
- Movia os remos. Encoleriza.
- Ícara. Tosta.
- Solitários. Reis. Vão.
- Altar cristão. Prendem.
- Cano. Freguesia do concelho de Esposende.
- Planta leguminosa comestível. Nota musical (inv.).
- Recrutara. Bário (s.q.).
- Pêlos de certos animais. Empregadas.
- Vasilha com asas. Saburra na língua.

VERTICAIS:

- Chefe etíope. Elocução.
- Cabelo. Guardas segredo.
- Sacerdotes budistas. Previne.
- Indignar. Nome científico do pato.
- Freguesia do concelho e distrito de Braga. Pronome possessivo.
- Grande. Bruxanas.
- Freguesia do concelho de Penafiel.
- Arredores. Aguçara.
- Galhofas. Caminhar.
- Ánimo (fig.). Botequim.
- Designação das plantas herbáceas. Ribeira da Ásia Russa. Navio.



Resolvi completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

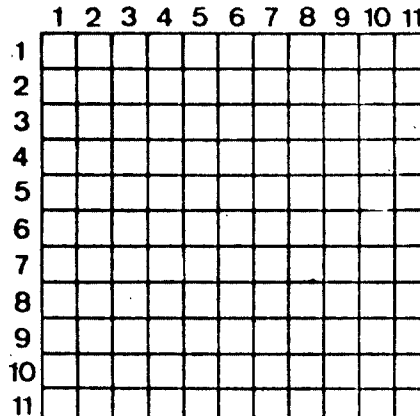
NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8468

HORIZONTAIS:

- Clima. Ave pernalta, asiática e africana. Era cristã.
- Nome de homem. Distrito da ex-Índia Portuguesa. Ice.
- Leito. Rio do estado do Pará (Bras.).
- Alteara.
- Em a. Juntas.
- Insecto que ataca os géneros alimentícios. Lavras.
- Empossarei.
- Basta. Apelido. Vossa Alteza.
- Albacana.
- Menino (infant.). Veste sacerdotal de linho, ou túnica branca até aos pés e com mangas.
- Anel. Rio da Rússia. Tempo do verbo ir.

VERTICAIS:

- Donzela de Orléães. Peça do microscópio onde se colocam as preparações para exame.
- Sair frequentemente à rua. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Distar.
- Enorme. Espaço de doze meses.
- Guarnecido de asas. Nota musical.
- Preposição latina que designa movimento. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais.
- Maçar (gir.). Irmão de Moisés.
- Compaixão. Tragédia de Shakespeare.
- Tolera. Em a.
- O mesmo que acenei. Genro de Maomé.
- Prenderam com elos. Bário (s.q.).
- Pão que se distribuía aos trabalhadores em lugar da ceia (prov.). Bengalas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 407

HORIZONTAIS:

- CONTRA. A. Ra.
- Amãia. Notes.
- Ratarías. SS.
- Ira. Tio.
- Lião. Lusa.
- Archa.
- Fam. AAA. Pés.
- Orem. Mana.
- Rolas. Laico.
- Claro. Tris.
- Áo. Elsa. Aa.

VERTICAIS:

- Caria. FORÇA.
- Omar. Parolo.
- Natal. Mela.
- Tia. Ia. Maré.
- Rareara. Sal.
- Ocas. Os.
- Não. Há.
- Aos. La. Mat.
- Tu. Paira.
- RESISTÊNCIA.
- Assoa. Sãos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8467

HORIZONTAIS:

- Acabariamos.
- Tarar. Alaga.
- Oba. EC. Emir.
- Ar. Aliava.
- Rima. Aras.
- Lança.
- Tiritamos.
- Opacos. Ca.
- Farás. Piras.
- Agá. Ti. Vais.
- Sócia. Mossa.

VERTICAIS:

- Atoar. Sorás.
- Cabni. Pago.
- Ará. Mataras.
- Ba. Nanica.
- Are. Crosta.
- Canais.
- Ia. It.
- Aleia. Avivo.
- Mamaram. Ras.
- Ogiva. Ocas.
- Saras. Sassa.

Provérbo: CONTRA A FORÇA NÃO HÁ RESISTÊNCIA

Lisboa

PERMANENTE
(Hoje)

PALMA, Av. Duque de Avila 25-31 (Tel. 547086); **AMERICANA**, Cç. de Santana 1-3 (Tel. 863964); **COSTA**, Rua dos Lusíadas 30-32 (Tel. 636704); **RAINHA SANTA**, Rua Al. Lopes Vieira 57 B (Tel. 765262); **SÃO BARTOLOMEU**, Vila Paulo Jorge 1-Galinheiras (Tel. 790969); **VERAL**, Rua Morais Soares 109-111 (Tel. 821732); **SÃO MARÇAL**, Rua São Marçal 100-102 (Tel. 325318); **CELTA**, Rua Moura Girão 3 B (Tel. 890621); **UNIÃO**, Rua Saravá de Carvalho 145 F (Tel. 663643); **PRATES E MOTA**, Rua Beneficência 91-93 (Tel. 773728); **AVENIDAS**, Av. da República 27 A (Tel. 533688); **SANTO ANTÔNIO**, Rua Leite de Vasconcelos 72 C (Tel. 862333); **ALMEIDA NIFÓ**, Av. Comb. Grande Guerra 64 (Tel. 2112070); **MONSERATE**, Rua Guil. Gomes Fernandes 31A (Tel. 911139); **LEITÃO RIBEIRO**, Rua A do Falcão, 3 A.

REFORÇO

ZILER, Rua São Tomé 54-56 (Tel. 862835); **AEROPORTO**, Av. Alm. Gago Coutinho, 101 D (Tel. 862384); **BENFILLUZ**, Est. de Benfilla, 44 A (Tel. 782606); **BOA-HORA**, Rua dos Quarteis 25-27 (Tel. 637777); **RUALTO**, Rua Alto do Carvalhal 5 B (Tel. 651721); **REIS GARRIDO**, Rua das Janelas Verdes 90 (Tel. 662327); **MATOS VIEGAS**, Av. Rainha D. Amélia, 34 B (Tel. 794174); **ROMANA**, Rua Actor Augusto Melo 7A (Tel. 383800); **LEMONS**, Rua Cidade da Beira L. 19 L (Tel. 331692); **MARLUZ**, Cç. da Picheleira 140 B C (Tel. 880703); **ALGARVE**, Av. Roma 7 B (Tel. 801478); **OLIVEIRA VIEGAS**, Rua Viriato 29-29 A (Tel. 548966); **TAVARES DE MATOS**, Rua 8 Lote 308 (Tel. 993220); **VAZ MARTINS**, Rua António Ferro, 6-A (Tel. 910305); **NOVA**, Rua Açores 11 A (Tel. 910305); **MATOS**, Tv. Prioras (Viv. Morgadinho) (Tel. 2519939).

Outra Banda

ALMADA - Central - Rua de Oliveira, 11-B (Tel. 2750504); **COVA DA PIEDADE** - Cerqueira Afonso - Pr. 5 de Outubro, 18 (Tel. 2650254); **LARANJEIRO** - Moderna - Rua Dr. António Elvas, 84 (Tel. 2490305); **COSTA DA CAPARICA** - Carlos - Av. do Mar, 34-A - Quinta de St.º António; **SESIMBRA** - Lopes - Rua Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233471); **BARREIRO** - Soares - Av. da República, 1 (Tel. 2073023); **AMORA** - Matos Lopes - Rua 1.º de Maio, lote 401 (Tel. 2216355); **SEIXAL** - Godinho - Lg. da Igreja, 51 (Tel. 2216580); **MONTEJO** - S. Pedro - Av. Camões, 16 (Tel. 2311133); **MOITA** - Silva Rocha - Av. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS** - Portugal - Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE** - Gameiro - Lg. António Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

Linha de Cascais

ALCABIDECHÉ: Carvalho. Até às 21 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos. Até às 21 horas; **CARCAVELOS**: Vilar. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (Tel. 260085). Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS**: Pargana, Av. eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147). Até às 22 horas; **OBRAS**: Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OBRAS**: Leal. Até às 21 horas; **PARADE**: Aisio, Av. Gago Coutinho-B.º das Caixas de Previdência (Tel. 2472948); **PARADE**: Junqueira Mendes. Até às 21 horas; **AMOREIRA**: Amoreira. (Tel. 262313/267314). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CASCAIS**: Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078). Até às 21 horas; **Nova**, Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044). Até às 24 e das 0 às 9 horas

Linha de Sintra

AMADORA - Igreja - Pç. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); **PERMANENTE**: Flama, R. Elias Garcia, 78B (Tel. 932485). Até às 22 horas; **DAMAIA**: Lemos, R. de Goa, 21 A (Tel. 971121); **QUELUZ**: Batalha, R. Avelino S. Oliv.º 5 (Tel. 2518669); **CAMARATE**: Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); **CACÉM**: Guerra Rico, Entre Lotes, 6 e 7 Freixo Capão (Tel. 2944002); **MEM MARTINS**: Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103); **PERMANENTE**: AGUALVA-CACÉM: Mira Sintra, P.N.-Torre, 310. Até às 20.30 horas; **MERCÊS**: Claro Russo. Até às 21 horas; **RIO DE MOURO**: Riomouro, Av. Oscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194); **PERMANENTE**: S. PEDRO DE SINTRA: Valentim (Tel. 980456); **PERMANENTE**: COLARES: Abreja, (Tel. 299088).

Porto

BATALHA - Rua do Bonfim, 330; **MIRA PAULO** - Rua Castelo de Numão, 37; **BARROS** - Rua do Bonjardim, 1292; **FÁTIMA** - Rua de Oliveira Monteiro, 475; **GARANTIA** - Rua Fernando Tomás, 696; **DINIZ** - Rua Matias de Albuquerque, 247.

PERMANENTE

SÁ - Rua Vale Formoso, 181; **SARABANDO** - Largo dos Lóios, 36; **COSTA CABRAL** - Rua de Costa Cabral, 1832; **FONTE DA MOURA** - Rua de Tânger, 1463.

2233471; **BARREIRO** - Soares - Av. da República, 1 (Tel. 2073023); **AMORA** - Matos Lopes - Rua 1.º de Maio, lote 401 (Tel. 2216355); **SEIXAL** - Godinho - Lg. da Igreja, 51 (Tel. 2216580); **MONTEJO** - S. Pedro - Av. Camões, 16 (Tel. 2311133); **MOITA** - Silva Rocha - Av. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS** - Portugal - Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE** - Gameiro - Lg. António Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

Colmbra

Colmbra - MIRANDA - P. do Comércio, 41; **GUARDA** - MISERICÓRDIA, R. dr. Francisco Prazeres.

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A (18 anos)
As 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 23.45
INTERIORS/INTIMIDADE
Filme de Woody Allen
SALA B (13 anos)
As 15, 17, 19, 21.45 e 23.45
- Int. men. 13 a.
NOSTALGIA DO AMOR

ALVALADE 897480

Av. de Roma
As 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
NAUFRÁGIO!
c/ Robert Hogan e Mikki Jamison Olsen

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h
O CEU PODE ESPERAR
Não acons. men. 13 anos
Hoje e todos os dias às 23.30
Não acons. men. 13 anos
A HISTÓRIA DE FERNÃO CAPELO GAIVOTA

AVIS 547163

Av. Duque D'Avila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O regresso da dupla explosiva!
Um autêntico arraiá de «pêra» e gargalhada!
JUNTOS SÃO DINAMITE
c/ Bud Spencer e Terence Hill

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
O GENDARME EM FÉRIAS
c/ Louis de Funès, Jean Leblond e Nicole Vervil
Um filme de Jean Girault

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
um filme de Randal Kleiser - colorido
GREASE
(Brilhantina)

CASTIL 580194

Rua Castilho
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
MEU DEUS, AO QUE EU CHEGUEI!
(MO DIO COME SONO CADUTA IN BASSO)
c/ Laura Antonelli
Um filme de Luigi Comencini

CINE 222 Tel. 579460

Av. Praia da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UMA RAZÃO PARA VIVER
c/ Burt Young e Doug McKeon
As 23.45 - M. 18 a.
BREVE ENCONTRO
c/ Richard Burton e Sophia Loren
Todos os dias às 11 - Para Todos
CORONEL AGENTE SECRETO

CINEBOLSO 573407

Rua Actor Taborda, 27-B
As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
Tudo o que nunca ousaram imaginar
num filme único no seu género
UM AMOR COMO O NOSSO
As 24 h - Grupo B m/10
A FUGA

CINE CAMÕES 324194

Rua de Loreto, 15
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas
O HOMEM DA JAMAICA
Anthony Simmons
Norman Beaton e Trevor Thomas
Int. a men. de 13 anos

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O PASSAGEIRO DA CHUVA
c/ Charles Bronson e Marlene Jobert
Um filme de René Clément
As 23.00 h
DA TERRA NASCEM OS HOMENS

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
O PEQUENO BANHISTA
Para todos
c/Louis de Funès

DOIS MIL 2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
As 15.30 e 21.30 h
- N. ac. men. 13 a.
UM XERIFE

D. JOÃO V 971794

Praça Centro Comercial - Damais
As 21.15
Grupo B M. 10 anos
ESTRELA NEGRA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h
O IMPÉRIO DO GREGO
c/ Anthony Quinn e Jacqueline Bisset
Um filme de Lee Thompson

ESTÚDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
As 15.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 anos
um filme de Stanley Kubrick
as aventuras de um jovem cujas
principais inclinações são a violência
e Beethoven!
LARANJA MECÂNICA

ESTÚDIO 444 779095

Av. Deleassores de Chaves, 83
15.30, 18.30, 21.30 h
- Int. men. 18 anos
Uma sociedade sofisticada de outros
tempos
«VICIOS PRIVADOS, PÚBLICAS VIRTUDES»
c/ Lajos Balazsovits e Pamela Villoresi

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35
As 15.15 e 21.30 - N. ac. men. 18 a.
ÓDIO VELHO
c/ Charles Bronson, Liv Ullman e James Mason

IMPERIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
As 15.15, 18.30 e 21.30 - N. ac. men. 13
- Para Todos
A TÚLIPA NEGRA
c/ Alain Delon e Virna Lisi
Um filme de Christian Jaque
O filme das suas férias
3.ª semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
NAO PASSO SEM TI
c/ Annie Girardot

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
As 14.15, 17.45 e 21.15
- Grupo b (10 a.)
SPARTACUS
c/ Kirk Douglas e Jean Simmons
Projeção do filme 5 minutos após o
início das sessões

MONTECARLO Tel. 681177

A. Pedro Álvares Cabral, 37
As 15.30, 18.30 e 21.30
TELEPHONE
Um filme de Don Siegel
c/ Charles Bronson, Lee Remick,
Donald Pleasance e Patrick Magee
(Parque de estacionamento privativo)

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
As 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
Mel Brooks e o Oeste juntos pela última
vez!
BALBÚRDIA NO OESTE
c/ Cleveon Little e Gene Wilder
2.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
(não acons. men. 18 anos)
FÉRIAS MACABRAS
Um filme de Dan Curtis
com: Bette Davis - Oliver Reed - Karen
Black

NOVOCINE 840678

Av. General Raçadas, 7
Uma adolescente desperta para o amor
NAO ME CHAMES MIUDA
com: Jodie Foster e Sidney Rome
Não acons. a M de 13 anos

ODEON 326283/4

R. Condes, 12 a 20
15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 18 anos
DISPOSTA A TUDO
Muitos dos problemas dos casais de
hoje
4.ª semana

PATHÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- Para Todos
O CORSAIO NEGRO

POLITEAMA 326305

R. Portas de St.º António
As 14, 15, 16.30, 19 e 21.30 - N. ac.
men. 13 a.
UMA MULHER CHAMADA APACHE
c/ Al Civer e Yara Kawa

QUARTETO 771378

R. Flores do Lima, 16
SALA 1 As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Int. m/18 anos)
A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO
Real: Gilles Carle
SALA 2 As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Int. m/13 anos
JONAS
Realiz. Alain Tanner

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
As 15 e 21.30
- Para Todos
A SELA DE PRATA
c/ Montgomery Wood

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRB
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O regresso da dupla explosiva
Um autêntico arraiá de «pêra» e
gargalhada!
JUNTOS SÃO DINAMITE
c/ Bud Spencer e Terence Hill

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O IMPÉRIO DO GREGO
c/ Anthony Quinn e Jacqueline Bisset
Um filme de Lee Thompson

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
As 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
Ciclo «Grandes Realizadores»
O MISTÉRIO DAS AREIAS
c/ Michael York e Jenny Agutter
Um filme de Tony Maylan

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
As 15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 13 anos
A OUTRA METADE DO CÉU
c/ Monica Vitti e Adriano Celentano
Projeção do filme 5 minutos após o
início das sessões
2.ª Semana

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
15, 18 e 21.30
- Int. men. 13 anos
OS NOVOS MONSTROS
com Vittorio Gassman, Ornella Muti,
Alberto Sordi e Ugo Tognazzi
9.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Sessões: 12.00, 15.00, 18.15, 21.30 n.
ac. m/13 a.
A NOITE DOS GENERAIS
A noite que esconde o segredo dos
homens
Peter O'Toole, Omar Sharif, Tom Court-
ney
Atenção: O filme começa a projectar
logo após o início da sessão

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
A BATALHA DE MIDWAY
com Charlton Heston/Henry Fonda/James
Coburn/Glenn Ford
Não acons. a men. de 13 anos. Technicolor
Atenção: este filme será apresentado na
espantosa multi-dimensão de SENSUR-
ROUND
3.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
As 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
JUVETUDE DE HOJE
As 24 - N. ac. men. 13 a.
O ÚLTIMO AMANHECER

ZODÍACO Tel. 570551

Rua Conde de Redondo, 5
As 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Para Todos (6 a.)
O INVENCIVEL HOMEM ARANHA
c/Nicholas Hammond
2.ª Semana

teatros

outros cinemas

ABC - «Isto é Crazy Horse», às 21 e 23 h (18 anos)
MARIA VITÓRIA - «Rei, capitão, soldado, ladrão», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL - «Um zero à esquerda», às 21.15 (13 anos)
VASCO SANTANA - «Quando a banda tocar», às 21.30 (13 anos)
CABADA COMÉDIA - «Faz Tudo, Faz-tudo», às 21.30 (18 anos)

Outros Espectáculos
Lisboa

CINEBOLSO - «Um Amor como o Nosso», às 16.45, 19 e 21.30 (18 anos)
ABC - «Isto é Crazy Horse», às 21 e 23.00
CAPITÓLIO - «Espionagem Sexual», às 19, 21 e 23.00 (18 anos)
OLIMPIA - «Doces Garotas», sessões permanentes (18 anos)
CINEARTE - «O Vingador Apaixonado», às 21.30 (13 anos)
PARIS - «Lucrécia Borgia», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «O Regresso do Tigre», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «Sweeney - Detective em Acção», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - Casino, «Ballet Guilbenkian», às 21.30 (6 anos)
CASCAIS - Gil Vicente, «Viver para Viver», às 21.15 (14 anos)
CASCAIS - Impala, «O Chacal», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cinestudio, «Cidade Violenta», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Cine Plaza, «Os Guerreiros do Inferno», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA - Cinestudio, «Grease», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - Incrível, «Já não há Estrelas no Céu», às 21.15 (13 anos)

COIMBRA

TIVOLI - «Seis Gloriosos Patifes», às 21.30 (13 anos)
AVENIDA - «Justine de Sade», às 21.30 (18 anos)

Porto

BATALHA - «O Visto de Família», às 21.45 (18 anos)

CARLOS ALBERTO - «Rock é Rock Mesmo», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «A Guerra das Estrelas», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT - «Júlia», às 21.30 (13 anos)

ESTÚDIO - «A Lenda do Xerife Puss», às 21.30 (18 anos)

FOCO - «E Tudo o Vento Levou», às 21.15 (13 anos)
JULIO DINIS - «A Amante muito Louca», às 21.15 (18 anos)

LUMIÈRE-A - «Cuidado, as crianças estão a ver», (13 anos)
LUMIÈRE-L - «Que Se Passa Doutor», às 21.45 (13 anos)

OLIMPIA - «O Soldado Aventureiro», às 21.30 (6 anos)

PASSOS MANUEL - «Equus», às 21.30 (18 anos)

RIVOLI - «A Brigada Mundana», às 21.15 (18 anos)

SALABEBÉ - «A Segunda Dimensão», às 21.15 e 23.45 (13 anos)

SÁ DA BANDEIRA - «Sexo Oriental», às 21.30 (18 anos)

SÃO JOÃO - «Febre de Sábado à Noite», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE - «Naufrágio», às 21.30 (13 anos)

TERÇO - «Guerreiros do Inferno», às 21.30 (18 anos)

VALE FORMOSO - «Os Dois Bombeiros», às 21.30 (13 anos)

lubrificantes

GALP

RENASCENÇA GRAFICA, S.A.R.L.

• ADMINISTRAÇÃO: Rua Castilho, 185-1
TELEFONES 65431/2/3

• REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS

Rua do Saldanha 44
TELEFONES 22114/5, 22071/2, 22078, 372 81/2
PUBLICIDADE 384748

• SERVIÇO NOTI - 10 PÓS DIAS 21

PORTUGAL 371154
MENSAGENS GRAVADAS 1/07/78

• ENCOMENDAS TELEGRÁFICAS DIÁRIA TELEF. 12181
LISBOA PORTUGAL

• OFICINA DE IMPRESSÃO
RUA DO SALDANHA 18/2 TELEFONES 20954/5

A conversão da energia em matéria numa explosão atómica

Desde o dia em que se conseguiu a desintegração do átomo, pela primeira vez ficou demonstrada a teoria de Einstein, que nos diz que a energia é igual à massa (matéria) medida em centímetros cúbicos e multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz, medida em segundos de tempo.

Ficava, no entanto, de pé outro aspecto fundamental: o que diz que a energia e a matéria, na realidade, se interpenetram. Com os grandes ciclotrons, sincratões e bevatrons construídos nos Estados Unidos, realizaram-se progressos no caminho da revelação de alguns dos segredos fundamentais da questão e muito mais é o que se

O aparelho utilizará um raio de «luz» atómica que será pelo menos cem vezes e possivelmente mil vezes mais potente do que qualquer outro que haja sido produzido pelos aparelhos desintegradores do átomo já existentes. Este raio consistirá em partículas atómicas viajando com energias de 25.000 a 30.000 milhões de vóltios.

Os únicos aparelhos comparáveis e que produzem energias acima de 1.000 milhões de vóltios encontram-se no Laboratório Nacional de Brookhaven, constituído por um grupo de universidades da parte oriental dos Estados Unidos.

O poderoso raio do «microscópio cósmico» desintegrará os

câncra da ideia o facto de se crer que jamais será possível, por maiores que sejam os progressos da ciência, chegar o dia em que sejam vistos pelo olho humano. átomos nas suas partes consaja sido produzido pelos aparelhos desintegradores do átomo já existentes. Este raio consistirá em partículas atómicas suas partes constitutivas e tornará possível também, se se tiver absoluta segurança nisso, inverter o processo que tem lugar numa explosão atómica, isto é, converter a energia em matéria ao mesmo tempo, que transformará a matéria em energia.

Portanto, o «microscópio cósmico» tornará possível aos físicos «darem um passo mais para se aproximarem de uma maior compreensão dos elementos constitutivos de toda a matéria», como declarou um porta-voz do citado grupo universitário. Daí que saíam novas informações relacionadas com as misteriosas partículas e forças que integram toda a matéria, ao lançar as partículas atómicas a tremendas velocidades contra um alvo formado por átomos.

Deste modo, serão desintegrados os átomos e ficarão em liberdades as partículas de que estão formados. As partículas libertadas poderão seguidamente ser «observadas» e «estudadas» como ajuda de mecanismos especiais.

Uma das características dominantes do novo desintegrador atómico será o íman de campo fixo capaz de funcionar continuamente com corrente directa. Isto pressupõe uma troca notável em relação com os ímans de pulsos dos demais aparelhos desta classe, que tornam necessários um equipamento de energia e de controlos muito complexos. A eliminação das pulsões representará um aumento tremendo na intensidade do raio atómico.

Tal como foi projectado, o «microscópio cósmico» terá um campo magnético de 180 metros de diâmetro. Os prótons — núcleos de átomos de hidrogénio — girarão vertiginosamente em redor de um círculo magnetizado à razão de 400.000 vezes por segundo, acelerados por «golpes» de milhares de vóltios até alcançar uma energia final de 25.000 a 30.000 milhões de vóltios.



espera alcançar com a máquina desintegradora da matéria, construída por um grupo de oito universidades da região centro-occidental do País, e a que se dá o nome gráfico de «microscópio cósmico».

Com ela tem-se a certeza de penetrar muito mais profundamente do que até agora no campo dos conhecimentos dos segredos mais íntimos da matéria, concentrados no átomo e suas partículas, de cuja insignifi-

Governo de Mota Pinto no "dia final" cria Rede de Abate e Recolha de Gado

No seu Conselho de Ministros de despedida (31 de Julho de 1979) o Governo de Mota Pinto decidiu criar a Rede Nacional de

Abate e a Rede Nacional da Recolha de Gado, como consta da resolução n.º 256/79, publicada hoje no «Diário da República». O seu objectivo na letra da resolução será o de «promover o ordenamento da estrutura nacional de matança de reses e da preparação das respectivas carcaças, bem como do comércio de gado vivo».

O que se pretende com a Rede

Nacional de Recolha de Gado? No texto, «superar um dos estrangulamentos da economia da produção animal, que reside, sem dúvida, no anárquico sistema de comercialização de animais vivos, que permite, para além do mais, a presença e acção de um elevado número de intervenientes com actividade nitidamente supérflua, gravitando entre a produção e o consumo».

A greve dos médicos

Continuação da pág. 1
segurança das populações», acrescentando que «não foi preavido o legítimo direito à saúde das populações». Passados dois meses — refere a direcção do Sindicato dos Telefonistas — a Ordem dos Médicos comprova a

sua hipocrisia e perde o verniz ao decretar uma greve selvagem em defesa de mesquinhos privilégios de casta, ameaçados pelo Serviço Nacional de Saúde, e pondo em causa, agora sim, o legítimo direito à saúde das populações».

Um filho aos 101 anos.. e outro aos 10 anos!

O facto de que a senhora Anna Smith, aos 38 anos de idade, de Carbondale, estado de Illinois, EUA, haja tido um filho, o sétimo, não deveria ter nada de extraordinário. Mas os jornais publicaram informações, reportagens e fotografias do acontecimento. Porquê? Tudo em consequência de o seu esposo ter afirmado que tinha 101 anos de idade e haver-se casado com a sua actual esposa quando contava quase 90 anos.

Os jornalistas — e também os médicos — manifestaram uma extrema curiosidade ante um caso nada frequente. Smith, que antes de ser pastor evangelista fora cozeiro, diz ter gozado sempre de muito boa saúde, o que atribui a «haver comida sempre em abundância e não ter feito nunca trabalhos pesados».

Para a sua esposa, este

sétimo filho não tinha nada de particular, a não ser «ter que trabalhar mais». Não compreende por que razão o caso atraia tanto as atenções.

Por essa altura, a imprensa revelou outro caso estranho: haver-se apresentado no tribunal do condado de Hardis, no Texas, um indivíduo de 59 anos, Nolen G. Fite, solicitando um certificado de nascimento de sua filha, já casada, a senhora Virgie McCagle, que ia então nos 47 anos de idade. O secretário do tribunal ficou um pouco hesitante.

—Quer dizer que teve uma filha quando tinha apenas doze anos?

—Assim é — retorquiu ele, sem lhe dar importância.

—Mas o facto é que se trata do meu segundo filho. O primeiro nasceu quando eu tinha apenas dez anos.

VINHO

Próxima colheita aguardada com expectativa

O actual preço do vinho tem tendência para manter-se até à próxima colheita, tanto no produtor como no consumidor, existindo opiniões contraditórias quanto à existência de «stocks» excedentários.

No entanto, a Junta Nacional do Vinho (JNV) e os armazenistas e produtores são unânimes em considerar que, a não serem tomadas medidas adequadas, as consequências da próxima colheita, que se antevê enorme, podem ser graves.

Na opinião da JNV, as existências actuais de vinho não se podem considerar excedentárias, mas o preço tem baixado, mais na produção que no consumidor.

Tomás Correia, presidente deste organismo, declarou à Anop que os «stocks» actuais de vinho da «produção responsável» situam-se em cerca de cem mil pipas, não sendo superiores aos do ano transacto.

No entanto, adiantou o preço tem baixado mais na produção que no consumidor, pois «os armazenistas usufruem de margens de comercialização que não são justas».

Relativamente à nova colheita, que se prevê de grandes proporções, Tomás Correia assegurou que a Junta está já a estudar as medidas necessárias para evitar prejuízos.

Por outro lado, a Adega Cooperativa do Bombarral, constituída na sua maior parte por pequenos produtores, afirmou ter ainda em «stock» cerca de sessenta por cento do vinho da colheita, ou seja doze mil pipas.

Um porta-voz da Adega Cooperativa, Armando Rego, afirmou que também nas outras cooperativas da região, nomeadamente as do Cadaval e da Lourinhã, as existências de vinho são bastante elevadas.

«De Janeiro para cá — obser-

vou — temos sentido muito a dificuldade em vender o vinho, devido sobretudo às grandes quantidades de vinho a martelo que se produzem em Portugal.»

Este porta-voz afirmou ainda que a descida do preço do vinho na produção seria a ruína dos pequenos agricultores da região, que estão a vender o branco (95% da produção total) a 26 escudos o litro, enquanto a Junta assegura a aquisição dos excedentes a dezasseis escudos.

Os agricultores do Bombarral — acrescentou — estão também preocupados com as consequências da dimensão da próxima colheita e consideram necessário e urgente o agravamento das punições aos fabricantes do vinho a martelo.

Por seu turno, a Associação dos Comerciantes e Industriais de Bebidas Espirituosas e Vinhos (ACIBEV) assegurou que a descida que se tem verificado no preço do vinho no consumidor não se deve a existências excedentárias nem a margens elevadas por parte dos intermediários, mas sim à recessão verificada no consumo de vinho.

Moraes Cardoso, director da Associação, classificou a última colheita de «conveniente», afirmando não haver excesso porque os «stocks» registam «um nível muito baixo devido à má colheita anterior».

Este dirigente disse ainda que as margens dos armazenistas e dos retalhistas são bastante baixas (75\$0 e 3\$00 respectivamente), pois os primeiros têm de fazer face a despesas de engarrafamento, transporte e distribuição.

Não se prevê por isso — adiantou — que o preço do vinho baixe no consumidor este ano, mas na próxima campanha «é natural que sofra uma descida.»

DO "HOLANDÊS" AO "KING SIZE" Entrou em vigor o aumento do tabaco

E de pensar duas vezes, antes de niscar o fósforo para acender mais um cigarro. De facto, o tabaco, que tem vindo de upa em upa, trepou de novo, e de que maneira: a partir de hoje, mais 40 por cento!

Temos assim que o Sintra, o 2002 e o Kayak passam a custar 35\$00 o maço; o SG gigante e os modelos «king size», Ritz, Kent,

Negritas e CT, 32\$50; o SG filtro e ventil. Porto, Sagres, Kart e Negritas normal, 27\$50; o Português Suave, Paris e Três Vintes, 25\$00.

Os tabacos picados subiram também: o Duque e o Aguiar para 11\$50 e o Holandês para 20\$00, assim como os Provisórios e os Definitivos. A bolsa de tabaco Gama subiu para 65\$00.

PRETENDE DECORAR A SUA CASA?

Viste a nossa enorme exposição de mobilias estio: Inglês, Império, Século XVII, Luís XV e XVI, Renascença, D. José, D. João V, Louceiros, Armários de vidrinhos, Cantoneiras, Estantes, Papeleiras, Cômódas de salão, Camas de bilros e de latão, Roupeiros, Moveis para TV, Consolas e credências lacadas e douradas, Relógios de caixa alta, Jogos de maples em veludo e em pele, Sofás-Camas, Lustres, Candeeiros, Estatuetas, Biblots, Quadros a óleo etc.

GALERIA ACTUAL — DECORAÇÕES
AV. DA REPÚBLICA, 12 (Perto do Saldanha)

Suplemento de 12 páginas do «Diário de Lisboa» de 13 de Agosto de 1979, dedicado a Alpiarça. Textos e fotos de José Manuel da Nóbrega.

ALPIARÇA "TEM PORRÁS NA AMARRA..."

... é bem expressão de um povo que bordeja o Tejo e usa da franqueza e desassombro que põe em todos os actos da sua existência quotidiana. Com carácter. À ribatejana. Mas é, simultaneamente, a declaração de uma cautela que pratica desde a barriga da mãe, nascida do rio companheiro e inimigo. Ter porras na amarra é ter muito que se lhe diga....

Muito particularizada no fogo da paixão política, a região de Alpiarça é um marco da revolução camponesa, em Portugal. Mas não só isso. Ela caracteriza, muito acentuadamente, alguns dos aspectos mais relevantes das relações de trabalho que hoje ocorrem neste país de Abril.

Berço dos ideais republicanos e de uma história, de muitas histórias ainda por contar, Alpiarça ganhou por direito próprio o relevo que hoje o «Diário de Lisboa», lhe quis propiciar. Não mais, de resto, do que singela homenagem a uma terra e a um povo que, como por ali se diz, tem porras na amarra...

VIVA O TRABALHADORES

25 de Abril SEMPRE!



UNIDADE COLECTIVA DE PRODUÇÃO MOUCHÃO DO INGLÊS

Produzir riqueza para eliminar a fome das casas e a vergonha das almas

— «Os campos de Vila Franca eram só cardos e touros. Hoje, por esse vale do Tejo fora, há culturas maravilhosas à custa de muito suor e persistência dos seareiros». — É o homem que está na minha frente quem o afirma.

Transpira um rudeza que só se encontra naqueles que passam a vida entre céu e terra, à torreia do sol ou debaixo de chuva, rasgando a terra a músculo e teimosia.

O olhar, porém, projecta à sua volta a limpidez marítima de uma inteligência aguçada pelas vicissitudes. As mãos são possantes, encastoadas na terra que se lhes entranhou desde o berço e donde já não sai por mais água e sabão que se lhes passe em cima.

Chama-se Gabriel Feijão Coelho. Estamos no Mouchão do Inglês, sol a pino, e o zunido à nossa volta só pode sair da terra, onde as culturas se vêem crescer.

«Isto eram terras que o rei D. Manuel deu a Vasco da Gama, no regresso do Índia» — conta Gabriel.

«Uma filha do navegador recebeu-a por dote do seu casamento com um inglês. Durante mais de trezentos anos foram ingleses que administraram a propriedade. Já neste século passaram para a posse do Estado e assim se mantiveram até ao 25 de Abril. O desinteresse pelas terras do Mouchão está patente nos resultados atingidos pela administração estatal em 1974, último ano da sua administração: 3 mil contos de prejuízo...»

Incrustado no vale do Tejo, que alguns dos mais reputados agrónomos europeus assinalam como a área mais fértil da Europa, o Mouchão do Inglês abrange 370 hectares e é hoje uma Unidade Colectiva de Produção.

— Como é que nasceu a Unidade?

«Pela vontade e determinação dos trabalhadores, que nos campos de Alpiarça aprenderam a combater a natureza dos elementos e dos homens» — diz Gabriel, categórico.

«Esta é uma terra onde persistem das mais arreigadas tradições antifascistas. Aqui pude-

ram sempre os democratas deste país abrigar-se das perseguições da polícia política e escapar à prisão e à tortura. Aqui viveram na clandestinidade alguns dos nossos líderes políticos, intelectuais e revolucionários. Por isso é fácil entender que o 25 de Abril não foi em Alpiarça um acontecimento inesperado. Há muito que se lutava por ele. A revolução camponesa esteve sempre latente neste povo e as reformas sociais que o 25 de Abril consolidou eram subjacentes à própria luta diária dos alpiarcenses».

De tal modo assim era, que Salazar, tomando consciência do problema e não querendo correr riscos desnecessários, fez transferir a sede da PIDE de Santarém para Alpiarça, a fim de mais drasticamente poder sufocar os impetus revolucionários daquelas populações. De pouco lhe valeram tais veleidades...

— «Após a queda da ditadura e a restauração das liberdades em Portugal — continua Gabriel — as organizações sindicais, os partidos legitimamente organizados e com anos de experiência de luta clandestina e as autarquias locais foram levados



la pronunciar-se sobre a situação no Mouchão do Inglês. Criou-se uma comissão composta por quatro membros da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores, um membro do Partido Comunista Português, um membro do MDP/CDE e um membro da Comissão Administrativa da Câmara. Definiu-se um regulamento e convidaram-se os treze pescadores que já trabalhavam no Mouchão a integrarem-se na Unidade».

O termo «pescador» adquire em toda a zona do vale do Tejo, designadamente em Santarém e Alpiarça, um significado diferente do da sua própria etimologia. De facto, ali, «pescador» não define concretamente o homem que vive da pesca, mas o trabalhador que, de origem ribeirinha, trabalha no campo por conta de outrem. Ao forasteiro a quem se depara esta realidade, não deixa de ser surpreendente ver na mão do «pescador», em vez da rede, a enxada.

Retomo o fio à conversa e pergunto a Gabriel:

— A comissão que está hoje à frente dos destinos da UCP do Mouchão...

INSTITUIÇÃO JOSÉ RELVAS

Casa dos Patudos

Câmara Municipal de Alpiarça



A maior colecção particular de Silva Porto

Pintura, escultura, cerâmica, gravura, arte sacra Primitivos portugueses

Aberta ao público Sábados e Domingos das 9 às 12 e das 14 às 18 horas

... não é aquela que referi atrás — atalha Gabriel. — E a explicação é simples: após o arranque houve que reorganizar toda a estrutura do Mouchão de acordo com o regulamento adoptado, dando expressão à linha democrática que presidira à sua criação. Foi assim que da comissão original saiu uma direcção que pudesse corresponder a estes princípios e, simultaneamente, às realidades que o desenvolvimento da exploração da Unidade entretanto criara. Passámos, pois, a dispor de uma direcção eleita entre os trabalhadores do Mouchão, composta por um coordenador geral, um coordenador de campo, um coordenador de escritório, um coordenador de máquinas e um coordenador da vacaria; o corpo social do Mouchão completa-se com um Conselho Fiscal, composto por três membros, e uma Assembleia Geral, constituída por quatro elementos.

— Resultados?

— Os números falam por si: logo em 75, primeiro ano de vida da nossa Unidade Colectiva, produziram-se 9 mil contos e o saldo negativo de 3 mil contos, relativos ao último ano da administração estatal, transformou-se num saldo positivo de 3 mil contos, sob a gestão colectiva dos trabalhadores do Mouchão. A partir daí nunca mais se parou

e os resultados do último ano provam bem da capacidade dos trabalhadores e do que pode significar o seu contributo para o saneamento das finanças do país e para a melhoria das condições sociais dos trabalhadores. No Mouchão do Inglês, em 1978, cento e trinta trabalhadores atingiram lucros de exploração que somaram 16 mil contos...

— O objectivo do lucro não me parece, porém, muito consentâneo com os princípios que presidem ao funcionamento das unidades colectivas de produção — contraponho.

— Nem a si, nem a ninguém minimamente identificado com o espírito e a letra da nossa Constituição ou que conheça o regulamento do Mouchão — corta, seco, Gabriel. E acrescenta: «A nossa Unidade Colectiva de Produção não visa nem pode visar o lucro em si mesmo, o lucro como objectivo final da produção, por razões que nos são caras e constituem desde sempre a nossa luta, isto é, a detenção dos meios de produção pelos factores geradores de riqueza, concretamente os trabalhadores, por forma a que a mais-valia reverta em seu próprio benefício, que o mesmo é dizer, no benefício da sociedade em que vivemos. Só a riqueza que aqui se cria poderá, nesta ou em qualquer outra unidade gerida por trabalhadores, atenuar

as crises sociais, contrabalançar os desequilíbrios, eliminar as injustiças. Temos lucro e queremos lucro, mas para investir. Para engrandecer o Mouchão e o país. Para dispensarmos a esmola estrangeira. Numa palavra, para eliminarmos a fome das nossas casas e a vergonha das nossas almas. Para mostrarmos que somos capazes, íntegros, conscientes, patriotas.

— Como aplicam vocês os lucros do Mouchão?

— Dos lucros do ano passado, por exemplo, mais de 13 mil contos foram investidos numa vacaria. Fizemos uma eira. Adquirimos alfaias. Electrificámos a propriedade. Espalhámos mais de cinquenta furos de água pela sua área e hoje temos água em todas as culturas.

Gabriel arde na chama da sua paixão — o Mouchão, o exemplo, a bandeira de uma luta que dia a dia mais se firma neste país de Abril, apesar de todas as ilegalidades, incompreensões e desvios a que, quer o Estado, quer as entidades privadas, quer alguns trabalhadores, a submetem.

— «É assim, de facto — acrescenta Gabriel, como se interpretasse o meu silêncio —. Temos assistido, todos nós, às promessas eleitorais com que se tenta quebrar o ímpeto da luta dos tra-

balhadores. A CAP tem tentado a todo o custo desviar os trabalhadores da sua trajectória, oferecendo ordenados desestabilizadores. Eu pergunto, quando é que os agrários deste país ofereceram os salários que hoje oferecem? E porquê? Quando é que condescenderam até ao ponto a que hoje o fazem? E porquê? A isso responderei: porque conhecem como nós a realidade social deste país e jogam com ela para aliciar os trabalhadores menos conscientes, apoiados por sucessivos governos que lhes têm feito o jogo porque é através deles, dos representantes do patronato e dos grandes grupos económicos, que poderão evitar a sua queda irremediável.»

A nossa volta, um pouco por toda a parte, ranchos de mulheres fazem a apanha, entre o Tejo que não se vê mas se adivinha pelo renque de salgueiros que o bordeja, e, no extremo oposto, lá ao longe, a linha de plátanos que localiza o Parque do Carril, à entrada de Alpiarça.

Aqui apanha-se melão. Acolá pimentos. Além batata. Na distância, o trabalho é silencioso e persistente. Os corpos dobram-se até ao chão e executam os gestos rituais que no Mouchão do Inglês, como em milhares e milhares de hectares de terras boas e más, de planícies e de



serras, de norte a sul de Portugal, por esta época do ano, fazem da seara a razão de uma luta, o símbolo de uma classe em que ano após ano de dolorido esforço mais se cimenta a consciência de que são eles, os camponeses, o sal da terra.

— «A luta no vale de Santarém tem sido custosa. Estamos habituados a ela desde gerações e gerações de trabalhadores» — finaliza Gabriel.

«Tem sido uma luta entre explorados e exploradores. Luta de trabalho, com profundos reflexos sociais e políticos que não podem ser dissociados. Quem hoje fala em democracia distorce, quase sempre, o significado da expressão. Um governo do povo para o povo não é com-

patível com a prática que se pretende manter intacta dos grandes senhores dos campos e das fábricas à frente dos destinos do país. Governar não é criar conflitos, é conciliar perspectivas. Democratizar não é erguer barreiras, é alargar horizontes.»

Naquelas terras do Mouchão do Inglês foram precisos quatrocentos anos para que estas palavras fossem ditas.

Os tempos do Venturoso estão tão longe de nós, como então estava longe do continente a Índia. E, no entanto, uma e outra quebraram essa aparentemente impossível distância que se ganha de salto sempre que o sonho que se idealiza passa a ser a verdade suprema em que se acredita.



FARMÁCIA GAMEIRO, Sucr.

Directora Técnica M.C.O. REIS

R. José Relvas, 101, 103

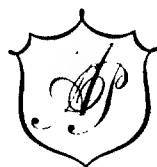
ALPIARÇA

COOPERATIVA
PRODUTOS AGRÁRIA
ALPIARCENSE
ALFREDO LIMA

Comércio de:
Vinhos e derivados

●
Pecuária

R. Pedro Almendro ALPIARÇA



Abel Pinhão, Herd.ºs

Tel 54330 • ALPIARÇA • PORTUGAL

Comércio:

vinhos

aguardentes

azeites

Indústria:

destilarias

lagar de azeite

R. José Relvas, 222 — Alpiarça

José João Moita
e

Alberto Jacinto
Gaspar

TEL 54376

EMPREITEIROS DE ELECTRICIDADE
ALTA E BAIXA TENSÃO

Rua António Granjo
(junto ao Mercado Municipal)

ALPIARÇA

A ZONA DA REFORMA AGRÁRIA TEM CAPACIDADE PARA PRODUZIR MILHÕES DE CONTOS DE PRODUTOS DE PRIMEIRA NECESSIDADE. MAS A INDIFERENÇA DOS SUCESSIVOS GOVERNOS CONSTITUCIONAIS TEM PREFERIDO...

... Gastar por fora os din

Apazara-se o encontro para a noite, em casa de Gabriel. Quando chego, o dono da casa convida-me a entrar para a «cozinha das visitas». Esta dependência da casa, firmemente enraizada na tipologia de Alpiarça, é de facto uma cozinha, com todos os seus apetrechos, mas que apenas se franqueia àqueles que vêm de fora, como era o meu caso. De acordo com as posses, a família alpiarcense dispõe sempre de mais do que uma cozinha, e, casas há, que possuem três e quatro.

Álvaro Brasileiro e Joaquim Precaté Malacho chegaram antes de mim. Estendem as mãos. Os ossos estalam. Os meus.

São dois homens sem idade. Ou antes, com a idade que anos e anos de trabalho no arrotear das terras seareiras do vale de Santarém imprimem nos rostos dos homens de Alpiarça. Pertencem ao Secretariado Provincial das Unidades Colectivas de Produção e Joaquim preside ainda à Assembleia Geral de Mouchão do Inglês.

Oferecem-me uma péra. Dou-lhe uma dentada e o suco, dulcíssimo, escorre-me pelos beijos. Não há moscas nem cães. O asseio é de enfermaria. Esterilizado. A televisão está muda e cega a um canto da dependência. Será a testemunha imperturbável e indiferece do que ali se disser. E, caramba!, tanto que precisava de ser a participante activa e consciente da discussão dos problemas dos trabalhadores deste país.

Avanço o tema da Reforma Agrária. É Álvaro quem responde:

— O peso da Reforma Agrária na nossa economia não pode ser contestado por ninguém. Por mais que se distorçam os números, por mais desestabilizadora

que seja a actuação das forças políticas interessadas em fazer o tempo voltar para trás, a Reforma Agrária avança. E com resultados notáveis. Mas, mais importante do que isso, seria analisarmos a questão não através dos seus reais resultados, mas dos resultados possíveis. Realmente o que está feito, o que se tem feito, tem sido no meio do maior desinteresse de sucessivos governos, pior do que isso, contra toda a casta de irregularidades e atropelos à lei, no meio do mais completo abandono dos trabalhadores à sua sorte. E, pois, neste clima de criminosa indiferença que importa contabilizar os resultados. Se houver honestidade e serenidade para o fazermos, o trabalho que se faz

quotidianamente na zona da Reforma Agrária, no seio das Unidades Colectivas de Produção, só poderá ser classificado como notável, e como criminoso o ostracismo a que o esforço dos trabalhadores tem sido votado. Se não, pergunto: que governo, destes constitucionais de fresca data e vida curta, se mostrou alguma vez interessado no enquadramento das unidades colectivas de produção? Que governo lhes apontou directrizes, lhes forneceu apoio técnico, lhes propôs uma planificação? Que governo lhes indicou caminhos, lhes concedeu alternativas, lhes forneceu programas?

A resposta é fácil: nenhum.

Joaquim mexe-se no banco, a meu lado, e acrescenta:

— O mesmo se passa com os pequenos e médios agricultores. Desinteresse total pelo seu esforço, pelo seu trabalho. Não há qualquer planeamento nacional. É como se Unidades Colectivas e Pequenos e Médios Agricultores não fossem parte integrante da força de trabalho deste país, desta sociedade, deste 25 de Abril. E, no entanto, nós temos consciência de que muita coisa está mal. Mas, o facto é que não se corrige o que está mal, nem se apoia o que está bem. E muita coisa está bem. Só um cego o não vê. Pode imaginar-se o que seria se todos os entraves e

ofensivas contra os camponeses cessassem e, no seu lugar, surgisse uma política de compreensão e apoio às iniciativas dos trabalhadores...

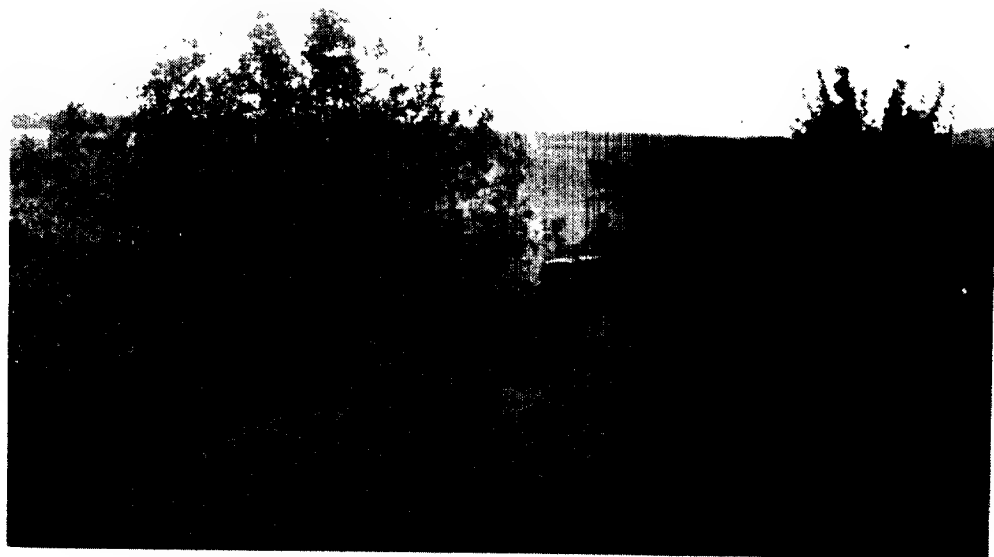
Fica-se a pensar um pouco nisto. Todos, ali, somos capazes de ver longe, porque comungamos a convicção de que foi por isso que se fez Abril e só em paz e harmonia seremos capazes de construir um futuro para os nossos filhos.

É Álvaro quem corta o silêncio:

— Os trabalhadores têm aprendido muito. Exclusivamente à sua custa. Mas, a luta na zona da Reforma Agrária não é só conduzida no sentido da formação de cooperativas. O que queremos acima de tudo é uma saída para este clima de incerteza, uma definição concreta de para quem se trabalha. O destino dos 700 mil hectares de terras ainda por entregar. A quem po-

deremos nós, todos nós, cidadãos deste país, imputar a responsabilidade do seu inaproveitamento durante estes anos de indefinição social e política. E, a verdade é que, com eles, e o esforço colectivo dos camponeses, se poderia evitar anualmente o dispendio externo de milhões de contos destinados a suprir as nossas mais elementares necessidades.

«Não se veja desânimo na queixa que fazemos. Conduzi-



PLANOTEJO

União Cooperativa Ribatejana de Construção Civil e Especialidades Afins



Largo Vasco da Gama, 12 TEL. 54 367 — ALPIARÇA

eiros do País

mos uma luta que não é de hoje. Temos coragem e capacidade para continuar nela enquanto for necessário. O nosso pensamento é o mesmo de sempre: terra para trabalhar; política de acerto dos produtos; assistência técnica condigna; seguro de culturas».

— Falou-se em política de acerto dos produtos. O que pretende significar-se com isso?

É Joaquim que intervém, com clareza:

— Julgo que só pode haver uma interpretação: não se pode dar valor a um produto sem se saber o seu custo. Daí, que os factores da produção devam ser determinados à partida. Só assim será possível estabelecer margens de lucro razoáveis, desde o produtor ao retalhista, e fazer chegar o produto em boas condições ao consumidor. Mas, não é nada disso o que se passa. Veja-se o caso do melão, que é um dos «pontos quentes» da questão. Estamos a colhê-lo e a comerciá-lo ainda sem tabela. Honestamente, supomos. Mas, quem nos garante que os nossos preços não serão exagerados, prejudicando o último elo da cadeia de produção, isto é, o consumidor?... ou que serão inferiores àquilo que deveriam ser e, deste modo, prejudicando-nos a nós próprios?...

— A este problema se prende o seguro de culturas que referi há pouco — acrescenta Álvaro. — Era esse um mecanismo indispensável à garantia da qualidade da produção, com base no seu valor. Nada do que para aí se vê: quando o produto abunda, preços baixos; quando escasseia, preços altos. Necessariamente que desta situação beneficiam os produtores desonestos que, colhendo o produto antes da época para aproveitar um clima derivado da sua escassez ou até da sua ausência e, logo, propício

à especulação dos preços, o fazem chegar às mãos do consumidor em más condições.

— Um dos pontos sensíveis da comercialização dos produtos é o contestado intermediário. Como encaram vocês a sua actividade?

— Como a de qualquer outro trabalhador que ganha honestamente a sua vida — é Joaquim quem responde, peremptório. — É evidente que o intermediário é um produto da própria economia capitalista e, dentro dela há intermediários e intermediários. Mas é um trabalhador como nós, que utiliza a camioneta em vez da enxada. Seria interessante analisar quais as razões que o

garantias de sobrevivência e lucro compensador para o seu esforço. E linha que temos testemunhada por centenas, por milhares de trabalhadores da distribuição, que adquirem o esforço da nossa produção para garantir a sua própria sobrevivência. Não estamos, nem podemos estar contra isso. Mas exigimos consciência, moral, moderação. A moderação. A verdade é que eles só não são trabalhadores como nós porque não lhes são facultadas as mínimas condições de trabalho.

— Mas isso não é tudo — adianta Álvaro. — Vivemos aqui situações que demonstram que



levaram a isso. O lucro fácil não é resposta suficiente. Muitos há, que connosco privam de perto, para os quais o lucro não é fácil nem sequer constante. Ao contrário do que pretendem os reaccionários que pela via da intriga pretendem privar-nos desses importantes canais de escoamento da nossa produção, a Reforma Agrária não pretende acabar com eles. Pelo contrário, pretende enquadrá-los, dar-lhes

mesmo quando as coisas estão no caminho certo, logo aparecem forças interessadas na desestabilização. Aponte-se, por exemplo, o caso da Junta Nacional das Frutas, que retirou recentemente da circulação pessoas que estavam integradas nas cooperativas, para pôr no seu lugar pessoas da sua confiança política, mas que não servem o consumidor.

— O problema dos subsídios a

algumas culturas é uma questão sensível. Que pensam disto?

— Na nossa perspectiva o subsídio, tal como foi criado gera uma situação de conflito, logo devia ser eliminado — responde-me Álvaro. — Ponhamos o caso do trigo: o preço do trigo foi fixado em 8\$80 e será dispensado um subsídio de 3\$10 desde que tenhamos dívidas à Caixa da Previdência. Como se sabe, o produtor pagará à Previdência 19% do seu rendimento de trabalho. O objectivo do governo é, pois, claro: meter no mesmo pacote tributário, indiscriminadamente, o produtor privado que tem por objectivo final o lucro e arrecada para si a mais-valia, e a Unidade Colectiva de Produção onde todo o lucro que consegue auferir é destinado ao investimento e engrandecimento do seu próprio trabalho. Através de recente portaria o Estado retira a este subsídio de 3\$10, 25% para amortização das dívidas à Previdência. Pergunta-se: o que pensa o Ministério dos Assuntos Sociais das dívidas dos agrários à Previdência? Como pensa conseguir a sua amortização?

«Entendemos, finalmente, que deveríamos pagar uma tributação da terra. Nunca a renda que nos querem impor. Esperamos que o novo governo esteja interessado em ouvir os trabalhadores e se mostre verdadeiramente preocupado na resolu-

ção dos problemas do país. Pela nossa parte não paramos. Já no próximo dia 25 faremos a preparação de um plenário para Setembro, em Beja, onde serão definidas linhas de orientação para a produção».

Andaram as horas lá por fora, à garupa desse cavalo louco do tempo que não pára.

Mas ali, na «cozinha das visitas» da casa de Gabriel, em Alpiarça, nessa noite quente de Agosto que abafa a terra e faz fermentar as searas, ninguém deu pelo tempo que fugia.

Agora, que as vozes se calam, adquire-se pouco a pouco a

consciência que daí a nada o sol vai estar a prumo e as tarefas da terra querem braços rijos e cabeças frescas.

Despeço-me e saio para uma terra adormecida, mas onde está desperta a consciência do que é necessário continuar a fazer para que em noites assim, em todas as noites assim do nosso futuro, à volta de uma mesa, serenamente, os homens possam falar das suas esperanças e dos seus anseios, das suas ambições e dos seus projectos, dos seus sonhos e das suas convicções.

Enfim, das suas vidas...

Sapataria Acácio

Rua José Relvas, 107 — ALPIARÇA



As últimas criações em calçado para homem, senhora e criança

CASA LAGARTO

de António Lagarto Luciano



armazém de:
Loiças, vidros, cristais, enxovais para noivas, e todo o género de utilidades domésticas.

Variadíssimos modelos de ALCATIFAS a preços de fábrica e todo o material de construção civil.
Tintas Sagres

R. Óscar Monteiro Torres, 18

Tel. 54377 e 54343

ALPIARÇA

Poupe
fazendo as suas compras
no
MINI-MERCADO POUPANÇA

DE
Alfredo Miguens Tavares

Rua José Relvas

TEL. 54421 — ALPIARÇA

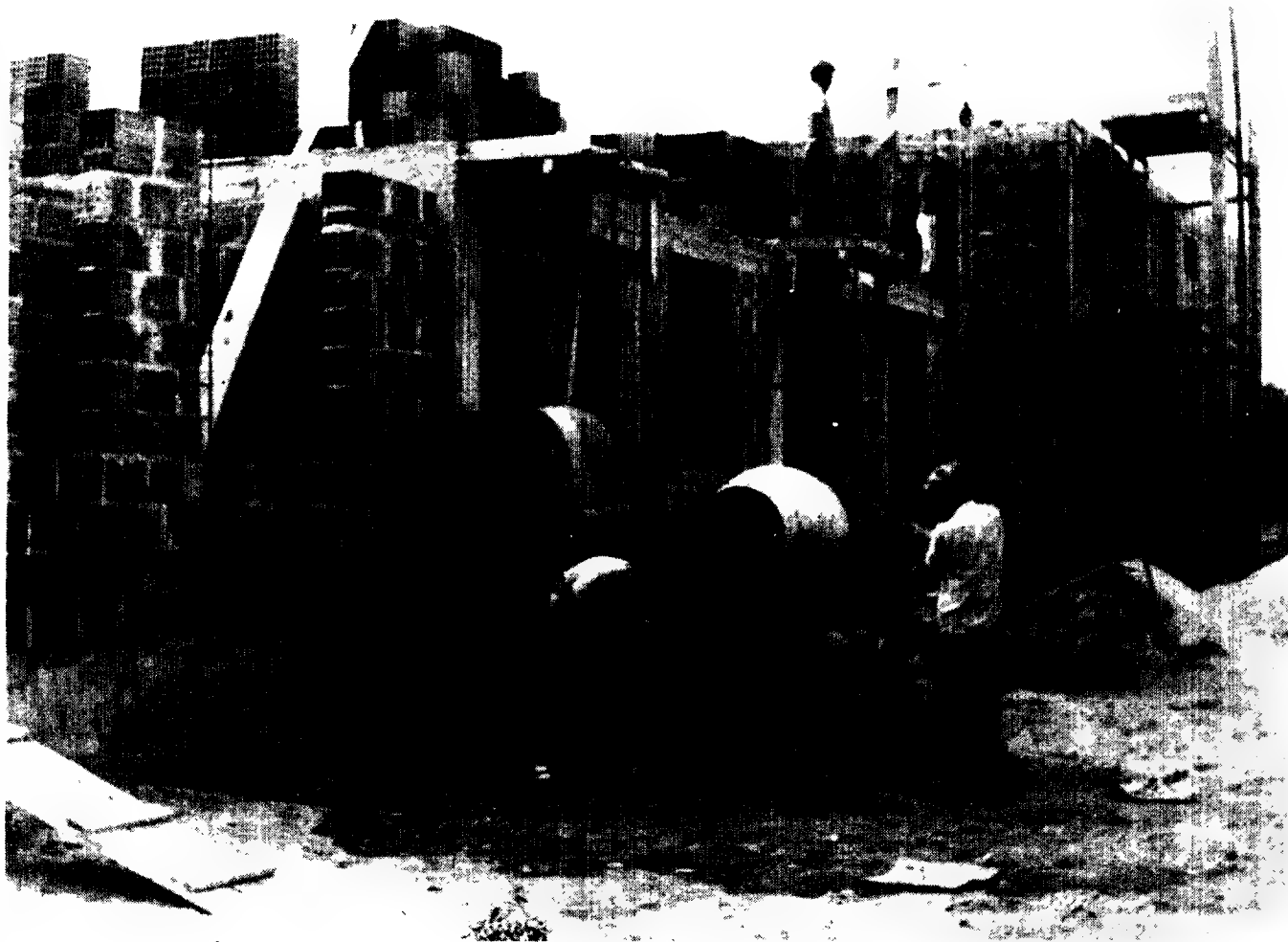
COOPERATIVA
DE
CONSTRUÇÕES



Largo Vasco da Gama

ALPIARÇA

ÀS PORTAS DE LISBÔA... MAS TÃO LONGE!



Alpiarça

«O nosso maior esforço é conduzido no sentido de suprimirmos as carências habitacionais da população local, levarmos infra-estruturas, saneamento básico, água, luz e estradas a todos os pontos do nosso concelho. Temos vindo a cumprir esse programa apesar de todas as dificuldades e do corte drástico que sofremos na aplicação da Lei das Finanças Locais. Concretamente, cerca de 13 mil contos nos perto de 40 mil a que tínhamos direito. Felizmente que o que nos falta em dinheiro nos sobra em imaginação. E assim temos vindo a fazer frente aos problemas...»

Com esta simplicidade, Joaquim Matias, presidente da Câmara Municipal de Alpiarça, eleito pela APU, dá lições de capacidade a muita cachola vazia da nossa praça política. Ele e Olímpio Marques, também APU, também sagaz e lúcido perseguidor dos ideais a que se votou, dividem entre si a direcção dos trabalhos camarários, já que Joaquim Matias não pode dedicar à Câmara, em tempo inteiro, a sua actividade. São eles que constituem o fulcro da alavanca que, em Alpiarça, levanta a custo, mas com persistência, o fardo da gestão camarária.

«— Os números que podemos fornecer falam resumidamente da nossa actividade — informamos Olímpio Marques —. Das infra-estruturas, à habitação; do equipamento adquirido, aos empréstimos concedidos à auto-construção. Mas, acima de tudo, o que pretendemos levar a cabo não é o esgotamento puro e simples das verbas que nos

foram destinadas em obras de fachada. Tudo o que se leva e levará a cabo tem por objectivo principal a melhoria da qualidade de vida das populações do concelho de Alpiarça. Assim sendo, é a força da convicção que nos possui que nos tem orientado no caminho que trilhamos».

Quem percorra a vila, sede de um pequeno concelho de pouco mais de 9 mil habitantes, espalhados por uma área de 43 quilómetros quadrados, 70% dos quais se dedica à actividade agrícola, não pode deixar de constatar a evidência que Olímpio Marques aponta. O ritmo de construção é dos mais elevados (se não o mais elevado) do país, mas cumpre-se através de parâmetros muito firmes de gestão e com a força do trabalho das sete cooperativas de construção que labutam no concelho, às quais a câmara assegura um índice de ocupação constante, através das obras que lhes adjudica.

FARMÁCIA AGUIAR

Dir. Técnica:

Dr.^a Marília Coutinho Gameiro Mendes

ALPIARÇA

DR.^a MARÍLIA COUTINHO GAMEIRO MENDES

Laboratório e Análises Clínicas

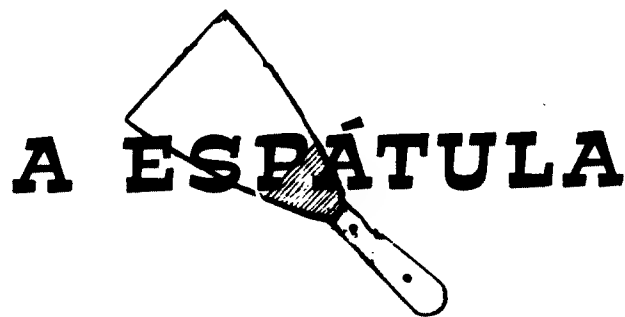
Rua José Relvas, 208

TELEF. 5 44 84 — ALPIARÇA

SAPATARIA MARIROSA

R. Dr. Queirós Vaz Guedes, 125

Alpiarça



Cooperativa de Acabamentos
de Pintura

Estuques

Colocação de Papel e Alcatifas

Sede:

Largo Vasco da Gama, 12

ALPIARÇA

MODAS
E
CONFECÇÕES

HELDY

Exclusivista das camisas Coronel e Lacoste

Jeans Levis Strauss

R. José Relvas, 154 — TEL. 54 461

ALPIARÇA

M OISÉS
ARQUES
MÓVEIS

Móveis em todos os estilos

Colchões

Molaflex

Climax

e Espuma

Alcatifas

Papéis decorativos

COLOWALL

Stand de exposição na R. José Relvas
R. Silvestre Bernardo Lima, 216 — Tel. 54489

ALPIARÇA

cimenta o futuro

«Realmente, quem melhor do que as cooperativas de construção do nosso concelho poderia corresponder às nossas necessidades e aos nossos objectivos de crescimento? — pergunta

começámos por adquirir terrenos no valor de mais de 9 mil contos, reservando, desde já, uma área superior a 350 mil metros quadrados. Foi um primeiro passo. Outros se seguirão.

restrições de toda a ordem que a nós próprios impusemos, foi capaz de garantir alguns dos resultados que estão à vista, um pouco por toda a parte. Isso só foi possível com o apoio popular, a actividade interessada e participante das comissões de trabalhadores e da população em geral. Simultaneamente, nós próprios fomos adquirindo maior maturidade.

No entanto — assegura Joaquim Matias —, ainda cometemos algumas ingenuidades (e não se pode impedir de sorrir). Esta Câmara tem-se mostrado grandemente operativa na encomenda de projectos. O sistema de obras participadas mostrou-se uma via possível da sua concretização, tanto mais

que era uma modalidade que se encontrava já aprovada pelo próprio governo. Perante isto, a Câmara não teve dúvidas em assumir compromissos. Designadamente, abriu concurso para 46 fogos, aprovou a adjudicação e, a meio da obra, viu a sua dotação cortada pelo governo! Não obstante, temos vindo a substituí-los a ele em obras que verdadeiramente lhe competem: uma rede de esgotos já aprovada e adjudicada cujo arranque absorve 35 mil contos; uma estação de tratamento de águas residuais de igual montante.

— Ora isso retira-nos capacidade de manobra, esgota-nos, priva-nos de executar outras obras de intervenção não menos

Terrenos adquiridos:

- Vale do Rato 35.000 m² = 650.000 contos
- Bagageira 33.840 m² = 624.900 contos
- Olival dr. Sacadura 100.000 m² = 3.000 contos
- Terreno e imóveis dos H.^{os} de João Duarte — 3.400 contos
- Propriedade João Duarte — 1.400 contos

Joaquim Matias, para logo de seguida acrescentar: — Garantimos-lhes trabalho 365 dias por ano, com razoáveis

— Mas, para se chegar aqui, teve que se percorrer um caminho longo e árduo. Só uma política económica muito firme e



Engenheiro Manuel Palma, Joaquim Matias, presidente da Câmara, e Olimpio Marques, vereador no exercício da presidência



pulações do nosso concelho».

— «Toda a nossa actuação é conduzida para esse objectivo — acrescenta Olimpio Marques. — Não sei se será correcto dizer-

mos que não primeira linha das nossas preocupações, já que todas as nossas preocupações

Continua na pág. 8

Equipamento adquirido:

- | | |
|--------------------------------------|--------------|
| — 1 carro do lixo | 1.700 contos |
| — 20 contentores | 239 contos |
| — 120 recipientes de plástico | 103.056\$00 |
| — 1 Land-rover | 370 contos |
| — Equipamento para escolas primárias | 558 contos |
| — 1 cilindro | 950 contos |

Projectos em carteira:

- Saneamento pluvial da Vila — 15.080.000\$00
- Abastecimento de água ao Casalinho — 2.082.000\$00
- 2.ª fase do caminho municipal 1370 — 4.059.000\$00
- Parque do Carni — 2.247.731\$00
- Caminho municipal 1455 Frade de Baixo — 1.363.000\$00
- Quartel de bombeiros — 14.000.000\$00

HABITAÇÃO:

Já executadas:

- Ao abrigo do programa 817/76 (F.F.H.)
- 2 blocos de 4 pisos (8 fogos cada)
- Total: 16 fogos 12.000 contos

- 2 blocos de 4 pisos (8 fogos cada)
- Total: 16 fogos 7.000 contos

Em execução:

- Ao abrigo do programa 817/76 (F.F.H.)
- 3 blocos de 3 pisos (6 fogos cada)
- Total: 18 fogos 12.000 contos

- Ao abrigo do programa de obras participadas
- 46 vivendas duplex 32.000 contos

A executar:

- 20 fogos, vivendas tipo duplex 16.000 contos
- Terreno anexo às futuras instalações da .M. Alpiarça.
- Nota: projecto já executado

- 215 fogos (a médio prazo, projecto em execução)
- na urbanização do eucaliptal,
- terreno de 9 hectares

Autoconstrução:

- Programa do F.F.H., empréstimo sem juros durante 20 anos. 41 projectos pedidos
- 25 aprovados e com Portaria publicada
- Total: 10.103.076\$00
- Média por família = 404.123\$40

- P.R.I.D. — Programa de reconstrução de imóveis degradados
- 1978 — 1725 contos
- 30 famílias — m/família = 57.5 contos

importantes, no campo da habitação, na protecção e criação de zonas verdes e de lazer, no apetrechamento dos mais variados equipamentos urbanos, — confirma Olimpio Marques. — A lei 1/79 cortou-nos qualquer coisa como 32% do nosso orçamento, o que possibilitaria fazer, por exemplo, o abastecimento de água ao lugar do Casalinho, o centro social do Frade de Baixo, e as infra-estruturas do Vale do Rato. Mesmo assim, até 1977, adjudicaram-se mais de 12 mil contos de obras. Hoje, as obras em curso ultrapassam os 100 mil contos!»

— Isso não será um pouco a história do sapateiro que queria subir acima da sua chinela...

— «De maneira alguma — interrompe Joaquim Matias. — São projectos programados para prazos abrangidos para um período de gestão que os comporta. Com uma verba de 40 mil contos anuais podemos encarar realisticamente, embora com uma certa margem de risco, 100 mil contos de despesas. O restante há-de suprir-se com imaginação e criatividade. Foi, de resto, já um pouco assim que se conseguiu levar energia a 100% do concelho e água a 80% da sua área. Temos para nós que todas as obras são prioritárias. Mas não podemos deixar de dedicar particular atenção à criação de condições de fixação das co-

CoopSerral



**Cooperativa Operária
de Serralharia Civil
do Concelho
de Alpiarça,
SCARL**

Rua Guerra Junqueiro, 15

ALPIARÇA

margens de lucro. Em contrapartida, recebemos um trabalho de qualidade, respeitando prazos e evitando a actuação especulativa de outros construtores no seio da nossa comunidade.»

Situada a 11 quilómetros de Santarém, Alpiarça olha com alguma preocupação o seu futuro, por força da intenção de que por aí já se fala, de transformar Santarém no polo maior do desenvolvimento industrial da zona centro do país. E não sem razão, acrescente-se, já que a mais ou menos breve trecho isso não deixará de verificar-se. Então, Alpiarça poderia estar condenada à situação de cidade-dormitório, com todos os inconvenientes sociais que isso lhe acarretaria e de que são lastimoso exemplo as amadoras, benéficas, queluz, cacéns e buracas deste país fora...

A Câmara de Alpiarça, porém, está atenta e, mesmo à distância previsível para a concretização do facto, enfrenta desde já o problema:

— «Não deixaremos que Alpiarça se transforme no dormitório do polo Santarém — afiança Joaquim Matias. — Temos vindo a preparar alguns instrumentos capazes de impedir a degradação da nossa qualidade de vida, interferência externa nos nossos saudáveis hábitos sociais, e a especulação pela qual uma e outra se processam. Foi com

ORGANICONTA

Organização
de
Contabilidade

Comissões e Consignações

Papelaria Livraria
Artigos
de escritório

R. José Relvas 217 — TEL. 54 232

ALPIARÇA

ALPIARÇA CIMENTA O FUTURO

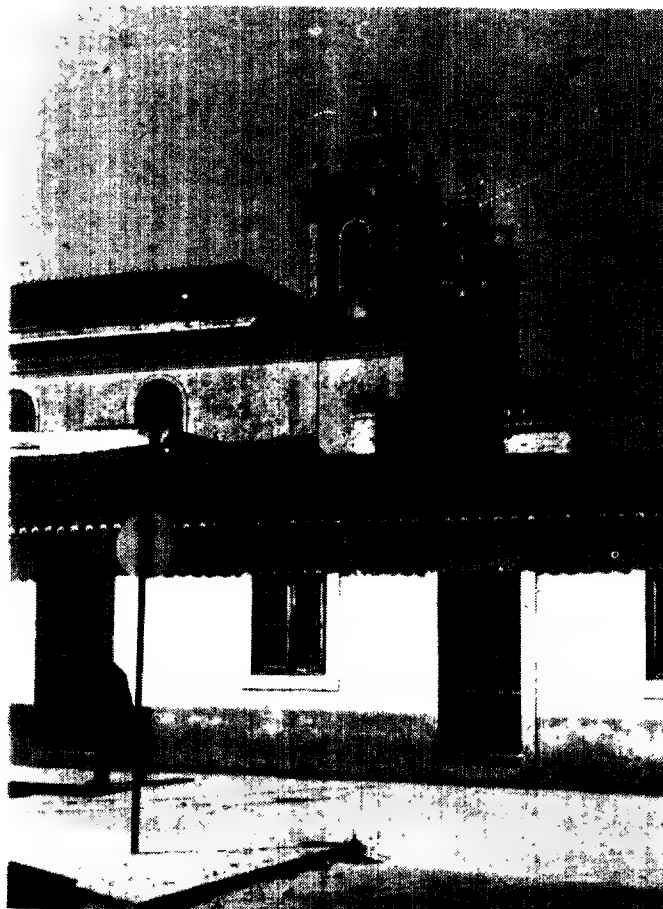
Continuação da pág. 7

são de primeira linha, está, pois, a criação de um grande parque industrial, capaz de criar novas

condições e oportunidades de trabalho para os nossos trabalhadores. Possuímos uma população activa de 70%. Desta per-

centagem, mais de 40% passa os meses de Abril a Outubro nas searas de melão de Vila Franca. Sabemos das motivações desta corrente migratória sazonal. E, embora as aceitemos, porque nalguns casos (infelizmente na sua menor parte...) o êxodo constitui a única alternativa pos-

sível de sobrevivência, não podemos concordar com ele. Dai que tentemos por todos os meios criar opções válidas de fixação constante nas terras de Alpiarça. Paralelamente, contamos com os técnicos. Os poucos de que dispomos para nos ajudarem nesta tarefa. Na área do eucalip-



A igreja matriz ocupa o centro da vila e é uma obra típica do século XIX. Mas, no seu interior, possui algumas preciosidades que vale a pena conhecer...

TOTAL DE OBRAS EXECUTADAS:

135 contos

Habitantes — 9.500 14.210\$00 (por habit)
Recenseados — 6.600 20.450\$00 (por recenseado)

Infra-estruturas:

- a) — em execução:
 - saneamento doméstico da Vila: 35.000 contos
 - base de licitação
 - saneamento pluvial da Vila: 4.000 contos
 - bacia B (zona do eucaliptal)
- b) — arruamentos:
 - Frade de Cima 4.000 contos
 - C.M. 1370 5.200 contos
 - Alpiarça 5.650 contos
- c) — águas:
 - Reforço à parte alta da Vila (Vale do Rato, Bagageira, R. Joaquim Magalhães) 1.800 contos
- d) Posto de Transformação: 2.850 contos
- a executar:
- e) Estação de tratamento das águas residuais 30.000 contos



ELECTROAL S.C.A.R.L.
COOPERATIVA OPERÁRIA DE INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

ALTA E BAIXA TENSÃO

Construções Motores Electrobombas
Electrodomésticos Candeeiros

R. Joaquim Nunes Ferreira, 60, 62 e 66 TEL. 54 321

ALPIARÇA

COOPERATIVA PRODUÇÃO AGRÍCOLA QUINTA DE S. JOÃO

PRODUÇÃO:



VINHO

MELÃO

ARROZ

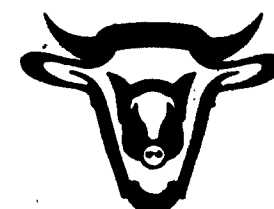
AZEITE



PECUÁRIA:

BOVINO

SUINO



Quinta S. João — ALPIARÇA — TEL. 54 492

tal, uma zona de cerca de 10 hectares, pensamos erguer um projecto habitacional modelar. O gabinete que nos fornecerá o projecto entregou-nos já o programa-base e, numa primeira aproximação ao problema, não temos dúvidas em considerá-lo exemplar e capaz de constituir mais um motivo de orgulho para Alpiarça».

Dedicando particular atenção ao trabalho dos técnicos a Câmara pôde suprir algumas das carências nesta área, criando o seu próprio gabinete. Tem sido desde então o que melhor foi capaz de atender às inúmeras tarefas especializadas para que constantemente a solicitem os problemas da gestão autárquica.

Rede viária, com execução de ligações entre povoações; rede de esgotos; distribuição de águas; mil e uma actividades em que os poucos, mas qualificados elementos da autarquia local se desmultiplicam, para atender a tudo e todos, num prazo de tempo tão curto que parece impossível de alcançar.

Mas, a verdade, é que o consegue. Para esses homens e mulheres que, na câmara, cimentam o bem-estar social da população de Alpiarça, o futuro não é uma perspectiva remota e abstracta. Pensa-se nele em termos muito definidos e concretos.

Porque é hoje que se projecta, hoje que se executa, hoje que se constrói, ali, em Alpiarça, a escassos oitenta quilómetros de Lisboa e, no entanto, tão longe como se estivessemos noutra planeta...



Interessada na melhoria da qualidade de vida das populações, a Câmara de Alpiarça avança no campo de um urbanismo de qualidade

NUNES e SANTANA LD.^a

- Ferragens
- Tintas
- Materiais de construção

R. Joaquim Nunes Ferreira, 11
ALPIARÇA

TEL. 54 395



COPROVIARÇA

**COOPERATIVA DE PRODUÇÃO
E COMERCIALIZAÇÃO
DE VINHOS
DE ALPIARÇA, SCARL**

Vinhos e derivados

Engarrafamento automático de: garrafas de 0,30; 0,35; 0,40; 0,50; 0,70 e 1 litro.

Venda e distribuição para todo o Ribatejo, Alentejo e zona de Lisboa.

Vinhos correntes e especiais

R. Conselheiro F. Leal, 15 - 17 — Alpiarça — Tel. 54337/54381



Matias & Costa, Lda.

SEDE
ALPIARÇA
TEL. 54 161

DISTRIBUIDORES:

- | | |
|----------------------|---------------------|
| Alcochete | Fronteira |
| Alpiarça | Golegã |
| Avis | Moita |
| Chamusca | Montijo |
| Elvas | Ponte de Sôr |
| Entroncamento | Portalegre |
| Estremoz | Vila Viçosa |

A CASA DOS PATUDOS, EM ALPIARÇA, UM DOS MAIS BELOS PATRIMÓNIOS DE PORTUGAL, EXEMPLIFICA, EM JOSÉ RELVAS

O culto da

O legado artístico da casa de José Relvas justifica, por si só, uma ida a Alpiarça.

João Chagas escrevia, em 1908, não sem um justificado orgulho de visita privilegiada da casa, amigo dilecto e correligionário de José Relvas no directório do Partido Republicano: «Acabo de passar pela sua casa de Alpiarça. É o manoir de um rico senhor apaixonado pela be-

leza. As salas sumptuosas em que habita, são as salas sumptuosas de um museu. Nas Janelas Verdes, a arte portuguesa contemporânea — a estatúria, a pintura, a cerâmica, a gravura — não está mais documentada do que ali».

Quem já tenha visitado a Casa dos Patudos sabe que a descrição não peca pelo exagero,

antes pecará pela modéstia, já que em 1908 até à sua morte, em 1929, José Relvas nunca deixou de enriquecer o património artístico da sua casa.

Nenhuma outra residência e só muito dificilmente um museu reúnem, de facto, tal riqueza, não tanto pelo valor intrínseco das peças, mas principalmente, pela harmonia que estabelecem à sua volta como se naquele es-

paço se inscrevessem tão perfeitamente que só nele adquirissem um sentido e a beleza em toda a sua dimensão.

A harmonia, nos Patudos, define-se na proporção das salas, na idade dos móveis que a mobilam, no matiz dos tapetes que a forram, na alma dos quadros que a decoram, na leveza das porcelanas que a distinguem, no requinte das pratas que a enobrecem, na singeleza dos barros que a animam. É um jogo, uma emoção, um rito, uma cerimónia. Tudo está para tudo, como cada coisa para si própria.

Apenas faltam as personagens vivas da história que se viveu naquela casa e hoje apenas transpira levemente no gabinete de trabalho de José Relvas, onde um nu flamengo emprestava certamente alguma sensualidade às horas frias do político lúcido e cerebral.

Ali, não se resiste a pôr a mão na cadeira de trabalho que foi a sua, na tentativa de encontrar um apenas leve rasto do calor humano que José Relvas tão bem soube espalhar à sua volta.

Ainda uma pasta com o último despacho. No frontespício, a letras de ouro.

*Ao Ministro das Finanças
José Relvas
o pessoal menor*

Um cinzeiro de cerâmica está sobre a secretária, ligeiramente à esquerda da pasta da correspondência. Singelamente, concilia duas paixões: a paixão política e a paixão estética em José Relvas. É uma bandeira nacional, trémula de vento (a pri-



meira?, da República) e foi feita pelo maior dos ceramistas portugueses — Raphael Bordallo Pinheiro.

A toda a volta da dependência são as estantes repletas. Mas, quem se debruce por detrás da secretária do dono da casa e devasse o mistério das lombadas, há-de verificar que mais ao alcance da mão de José Relvas estavam Trotsky, Guizot, Egas Moniz, Latino Coelho.

Deixada intacta desde o tempo em que os que a habitaram e lhe transmitiram o seu espírito a deixaram para sempre, a Casa dos Patudos é, em todos os seus pormenores, o testemunho vivo e perene de personalidades invulgaes.

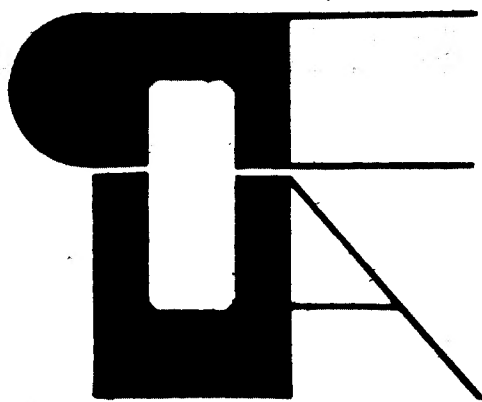
Intimamente ligada ao período histórico que antecedeu a implantação da República, a Casa de José Relvas foi o verdadeiro quartel-general dos mais subli-

mes sentimentos liberais e republicanos. Ali acorreram as mais distintas figuras da intelectualidade da época, nas suas salas se discutiu com o maior fervor o ideal que logo haveria de assolar o país, derrubando o rei e libertando o povo.

A lista dos seus tesouros artísticos não se fará aqui. Será coisa que se deixará à descoberta de quem se sinta aliciado por uma ida a Alpiarça, em visita à Casa dos Patudos. Dá-se apenas a pista do que se lhe irá deparar: pintura dos Primitivos Portugueses até Columbano, de Memling a Delacroix, de Rubens a Harpignies, de Sala a Zurbaran, de Caravaggio a Luca Giordano, Arte Sacra da Escola dos Barristas a Machado de Castro; azulejos hispano-árabes até Jorge Pinto; escultura de Soares dos Reis a Teixeira Lopes; ce-



COPIM ARTE



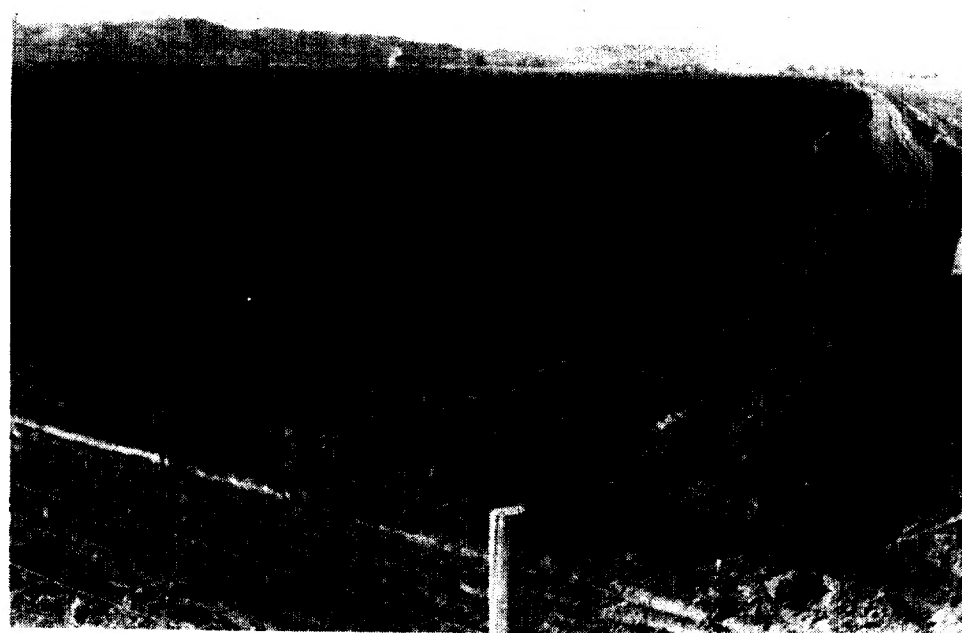
**Cooperativa Operária
de Produção Industrial
de Móveis e Carpintaria, SCARL**

R. do Matadouro — Apartado 12

TEL. 54 416

ALPIARÇA

Unidade Colectiva de Produção "UNIDADE"



Comercializa

**Vinho • Tomate • Milho de semente e corrente • Melão
Melancia • Trigo • Ervilha**

R. José Relvas, 387

ALPIARÇA

harmonia



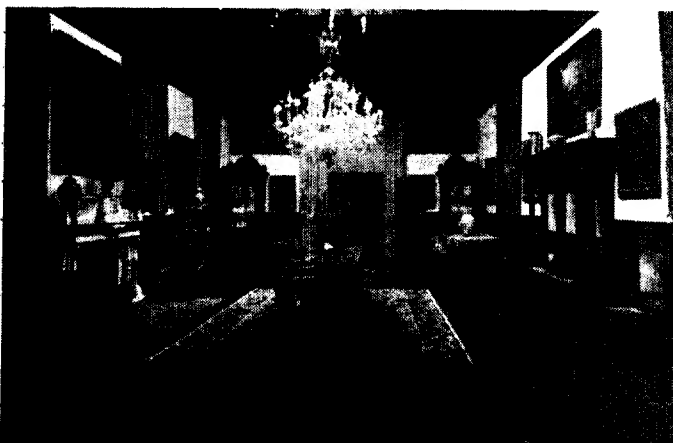
Carlos Relvas, pai de José Relvas, foi um exímio cavaleiro tauromáquico. Homem temperamental e controverso, a sua vida encontra-se primorosamente relatada em páginas das mais belas, na literatura portuguesa: «Barranco de Cegos», de Alves Redol

Relvas», à qual hoje cento e trinta homens e mulheres de Alpiarça se acolhem.

Curiosamente, talvez seja mais viva ali a presença de José Relvas, do que do outro lado da estrada, portas adentro da imponente fachada da Casa dos Patudos, que Raul Lino recitou apaixonadamente. É que aos Patudos apenas chega o forasteiro apressado, o turista curioso, um que outro mais interessado visitante. Durante o resto do tempo o silêncio impera e a casa mantém-se vazia. Enquanto que a Fundação, embora de paredes nuas e inóspitas como o são as de todas as casas e recolhimentos para onde se vai para morrer vibra, apesar de tudo, através da presença vida dos velhos que a animam...

A Câmara Municipal de Alpiarça herdou um legado precioso, mas criou uma pesada responsabilidade: a de manter acesa, na Casa dos Patudos, a chama do espírito do proclamador da nossa República. Terá, pois, que promover iniciativas — e o quê, melhor do que festivais de música, arte que José Relvas cultivou chegando a atingir notável craveira de executante de violino... — que animem os salões e jardins daquela Casa.

Só assim o legado de José Relvas completará a sua função cultural, ajudando a manter acesa em todos nós a memória de uma vida exemplar.



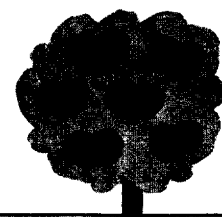
COOPERATIVA DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA MOUCHÃO DO INGLÊS



**MELÃO — MELANCIA — PIMENTOS
TRIGO — AVEIA — LEITE
CARNES**

TEL. 54 227 — ALPIARÇA

COOPERATIVA AGRO — PECUÁRIA DE GOUCHA E ATELA



**AVEIA — FEIJÃO VERDE — TOMATE
MELÃO — MELANCIA**

**PORCOS
BEZERROS**

TEL. 54 447 — ALPIARÇA

PERFIL (INCOMPLETO) DE JOSÉ RELVAS

O mais ilustre cultor do ideal republicano é, praticamente, um ignorado

Quando José Relvas, em 5 de Outubro de 1910, das varandas da Câmara Municipal de Lisboa, fez a proclamação da República, era certamente menos desconhecido do que é hoje.

E, no entanto, menos de setenta anos se passaram sobre o acontecimento que marcou a primeira grande transformação da nossa história: a queda da monarquia.

A verdade é que neste lapso de tempo, designadamente sob os cinquenta anos de consulado salazarista, imperou a opressão e o obscurantismo e tanto bastou para abafar as memórias que mais vivas deveriam estar dentro de nós.

A injustiça é por demais gritante, já que foi José Relvas o mais ilustre cultor do ideal republicano e quem melhor o soube interpretar e conduzir até à vitória.

A sua personalidade marcou uma época. O seu espírito iluminou uma luta. A sua vontade ateou uma revolta. Fez tombar um rei, um sistema, um mito.

Filho de um dos maiores agrários do seu tempo — Carlos Relvas, homem controverso, desatento e duro, marialva, cavaleiro taurumático e, ao que parece, fotógrafo amador de muito mérito, que Alves Redol retrata crua e primorosamente no seu «Barranco de Cegos», não se furtando ao relato das situações mais dramáticas e angustiantes vividas no seio da família Relvas —, José Relvas cedo se mostrou



O Directório do Partido Republicano após a proclamação da República

disposto a trilhar caminhos bem diversos daqueles para os quais o ríspido dedo paterno, necessariamente, apontava.

Garante-se, até, que quando o rei se deslocava à Golegã e se instalava na herdade dos Relvas — e parece que o fazia com alguma frequência —, o jovem se recusava a cruzar os caminhos do monarca, encerrando-se voluntariamente no seu quarto.

Nascido a 5 de Março de 1858,

fornou-se em letras aos vinte e dois anos.

Filho de gente abastada, recém-formado em Coimbra, José Relvas, que herdara do pai o gosto pelas viagens, percorreu os principais centros artísticos e do pensamento europeu de então, onde adquiriu formação e requintou o gosto que, anos volvidos, se haveria de sublimar na Casa dos Patudos. Pouco se sabe, de resto, sobre o período

que medeia entre 1880 e 1895, para além do seu casamento com Eugénia, em 1887.

Aquilo sobre que foi possível lançar uma vista de olhos necessariamente apressada, mas nem por isso menos atenta, e os depoimentos que se puderam recolher são por vezes tão contraditórios que declará-los aqui sem uma verificação mais cuidada certamente contribuiriam para transformar a história em lenda. Daí que se prefira, reduzindo ao mínimo o entusiasmo que a pesquisa sobre a vida de José Relvas aguçou, seguir mais de perto a vasta informação que sobre ele Carlos Ferrão produziu e se apresenta como a mais completa.

Nos princípios do século José Relvas deixa a Golegã e instala-se na velha Casa dos Patudos, em Alpiarça. Só esporadicamente de lá saíra, e, mesmo assim, apenas quando as obrigações da política o solicitavam para outras latitudes.

Garante quem viveu aquela época que a Casa foi a única herança que, em vida do pai, dele aceitou. E, de tal modo o corte se pretendeu profundo que, ainda segundo as mesmas fontes, José Relvas apenas levou para Alpiarça os seus objectos pessoais e pouco mais.

O que se sabe, é que enquanto duraram as obras de transformação e ampliação da Casa dos Patudos — de resto recriada pela traça de Raul Lino por forma tão radical que «até mesmo os alicerces foram mexidos», transformando-a numa das mais belas residências portuguesas —, obras levadas a cabo de 1904 a 1905, José Relvas ocupou a casa modesta, de piso térreo, que ainda hoje existe à ilharga, provavelmente de caseiros da herdade, e nela se manteve até que pôde ocupar a casa principal.

Mas, concretamente, o que teria levado um homem tão sereno e, na aparência, apenas voltado para as coisas do espírito, a interessar-se pela política? Certo, a sua cultura e uma rectidão de carácter que não tolerava as injustiças que, por esse tempo, a ditadura de João Franco exacerbava.

Porém, terá sido sobretudo a revelação do «escândalo dos adiantamentos» à Casa Real, que João Franco num assomo de néscia autoconfiança, em Novembro de 1906, teve a imprudência de revelar em pleno Parlamento (levando à constatação de que D. Carlos passava por sobre a Carta Régia, que jurara defender, como cão por vinha vindimada), que definitivamente

fez estalar a cólera no peito de Relvas e determinou a sua entrada no Partido Republicano.

Nos três anos seguintes (1907/1910) José Relvas foi o principal urdidor da teia revolucionária que, sob a sua metódica organização, rapidamente se estendeu por todo o país e a quem João Chagas, companheiro fraterno da primeira hora de paixão política, emprestava a voz vibrante que clamava pela justiça das armas. Escolhido para fazer parte do Directório eleito no Congresso de Setúbal (Abril de 1909) Relvas soube interpretar com coragem o mandato que lhe fora conferido, de fazer triunfar a revolução nas ruas.

Muitos vultos republicanos, hoje esquecidos na penumbra da sua insignificância temerosa e que até então haviam manipulado as engrenagens no seio do Partido Republicano e fora dele por forma a garantir a moderação que apenas servia à manutenção da ditadura e do regime, assustaram-se perante tal impeto. A determinação dos dois novos dirigentes em fazer avançar a revolução acabaram por levá-los à retirada das novas frentes de luta.

Em Alpiarça, a Casa dos Patudos transformou-se no cadinho desta fogueira revolucionária. Ali se congeminaaram os planos, se desenharam as estratégias que tornaram possível que na madrugada de 4 de Outubro

ficou a dever a reforma monetária decretada em 22 de Maio de 1911, que criou a nova moeda nacional, o escudo, e fixou as bases de uma estabilidade que se manteve intacta até final da Primeira Guerra Mundial, em 1918.

Retirado nos Patudos, as tentativas de restauração monárquica de 1919 fazem-no regressar ao primeiro plano da cena política nacional. Põe termo à monarquia do Norte e muitos atribuem sua calma ponderação e serenidade, demonstradas mais uma vez em novo período difícil da nossa história, o ter-se evitado por um triz a guerra civil. Chefia o governo durante três curtos meses, para recolher definitivamente a Alpiarça, em Abril do mesmo ano, amargurado por um profundo desgosto de família.

Morre dez anos mais tarde, de uma doença renal.

Casado com Eugénia Relvas, que se dizia bonita e garrida na expressão de criadas que a serviram na Casa dos Patudos e que na permanência em Madrid com o marido, no tempo da sua embaixada, era apontada como a única mulher que em Espanha vestia melhor do que a rainha, Eugénia comungava muitas das ideias do marido. E, no entanto, a felicidade sempre se mostrou avessa a habitar uma casa aparentemente talhada para nela se viver como no céu.

O casal teve três filhos mas



José Relvas proclamando a República, em 5 de Outubro de 1910

de 1910, Cândido dos Reis desse ordem aos revolucionários para descerem à rua.

Trinta e três horas depois conquistava-se o triunfo e a glória.

Não poderia ficar por aqui o trajecto político de uma personalidade que, embora cultivando o recato e prezando sobremaneira a intimidade, se votara de alma e coração a uma tarefa pública e nacional que sentia precisar ainda do seu concurso esclarecido. Foi ele ainda que, em Londres, em Julho de 1910, chefiou a missão diplomática que, seguramente, evitou que a coroa inglesa viesse em socorro da sua derrubada aliada, defendendo que a aliança não era um privilégio da dinastia de Bragança, mas deveria subsistir independentemente do sistema político implantado em Portugal.

Foi ainda ministro plenipotenciário, em Madrid, num período particularmente sensível na história das nossas relações ibéricas, por força da primeira incursão couceirista, em Outubro de 1911. Ocupou esse posto até Maio de 1914, conseguindo habilmente evitar males maiores à nossa jovem república.

Antes, ocupara já, com a maior elevação e competência, a pasta das Finanças do primeiro governo republicano, e a ele se

não deixou descendência. Os dois mais novos morreram de uma febre com as idades de 12 e 14 anos.

Carlos Relvas, músico emérito como o pai, rebentou os miolos com um tiro de revólver no seu quarto do segundo andar da Casa dos Patudos, em 1919, aos 32 anos de idade.

Após a morte do marido, em 1929, Eugénia Relvas abandona definitivamente a Casa onde nunca foi feliz. Morre em Lisboa, em 1951.

Em 31 de Outubro deste ano completam-se cinquenta anos sobre a morte de José Relvas, uma das maiores figuras da nossa história.

São hoje quase proféticas as palavras que incluiu na «nota prévia» das suas «Memórias Políticas»:

«...frequentes vezes verifiquei como se originaram versões erradas, como se desvirtuaram intenções, ideias e factos, que mais tarde podem corrrer para uma falsa noção histórica...»

Que o espírito da nossa jovem democracia saiba enaltecer, como merece, a figura daquele que todos estes anos de vergonhoso ostracismo quase apagou da nossa memória.



Mercantil de Produtos Alimentares, Lda.

Preparação

Transformação

VENDAS POR ATACADO

Queijos — Presuntos — Carnes fumadas

Mel — Tremoços — Piri-piri

ARMAZÉM E ESCRITÓRIO:
R. João Nunes Feliciano, 3, 5 e 7
(Junto ao Mercado Municipal)

Telefs. Arm. 54269 — Res. 54397
End. Teleg. MEPRAL
ALPIARÇA
PORTUGAL